



O “novo” ateísmo em discussão

Editorial

“Existe em nós um ateu potencial que grita e sussurra a cada dia suas dificuldades em crer”, escreveu num artigo recente, publicado no jornal *Corriere della Sera*, o cardeal Carlo Maria Martini, jesuíta, arcebispo emérito de Milão. Recentemente, cientistas, filósofos e escritores, como Richard Dawkins, Daniel Dennet, Sam Harris, Michel Onfray e Christopher Hitchens, entre outros, reanimaram o debate sobre o ateísmo com uma fúria não só anti-religiosa, mas com “um cariz quase religioso”, constata o filósofo português

João Vila-Chã, em entrevista para a *IHU On-Line* desta semana. Mas será que o método científico de entender o mundo tornou a fé religiosa intelectualmente implausível? Mais: a ciência exclui a existência de um Deus pessoal, como sustentou Albert Einstein? A evolução torna indigna de crédito toda a idéia da providência divina? A vida e a mente podem ser reduzidas à química? Podemos continuar a afirmar plausivelmente que o mundo é criado por Deus ou que Deus realmente quer que os seres humanos estejam aqui? É possível que toda a complexa padronização que ocorre na natureza seja simplesmente o produto do acaso cego e da necessidade física? Numa era da ciência, podemos crer sinceramente que o universo tem um propósito? As perguntas são de John F. Haught, da Universidade de Georgetown, que concorda com a idéia de Alfred North Whitehead de que o futuro da humanidade e da civilização depende de encontrar-se uma concordância entre a ciência e a fé.

Já para Marcelo Fernandes de Aquino, reitor da Unisinos, “é importante entender o ateísmo contemporâneo seguindo os caminhos tomados pela idéia de Deus a partir do pensamento tardo-medieval, nela situando a ruptura entre filosofia e religião e, conseqüentemente, a exclusão da teologia dos sistemas dos saberes objetivos, aos quais a modernidade pós-cristã reconhecerá uma legitimidade racional universalmente aceita”. Desta maneira, continua Fernandes de Aquino, “a religião deixa de ser um sujeito inspirador de um saber situado e reconhecido no espaço filosófico - a teologia - para tornar-se objeto de um saber que pretende compreendê-la segundo as regras da racionalidade calculadora e operacional, a filosofia da religião”. Ou seja, “a religião como fato cultural passa a ser apenas objeto da filosofia. A *theologia* cede lugar à filosofia da religião”. Aqui está “o início de interpretação do processo mais amplo de remodelação da cultura humana não mais sob a égide da crença religiosa, e sim da descrença religiosa. Este é o fato cultural realmente novo”.

Também participam desta edição, Alister McGrath, biofísico da Universidade de Oxford, autor de *O delírio de Dawkins. Uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007); Lodovico Galleni, cientista italiano da Universidade de Pisa; Richard Swinburne, da Universidade de Oxford; Michel Onfray, fundador da Université Populaire de Caen e autor do *Tratado de ateologia, física da metafísica* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007); Felipe Pondé, da PUCSP; Álvaro Valls, da Unisinos; e Paulo Margutti, da FAJE-MG. Richard Dawkins aceitou conceder uma entrevista em meados do próximo mês. Desta maneira, o debate continua.

Escrito em osso, do paulista **Claudio Daniel**, é o poema desta semana na editoria *Invenção*.

Martin Dreher, professor do PPG de História, da Unisinos, comentando os estudos de Jean Roche, lamenta que “quase nada foi feito” no que se refere à pesquisa e aos estudos sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul. E **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador da UFJF, lembra a obra de Xavier Léon-Dufour, recentemente falecido.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | Marcelo Fernandes de Aquino: A religião como fato cultural passa a ser apenas objeto da filosofia

PÁGINA 10 | Paulo Margutti: Novos ateístas. Apóstolos da racionalidade contra a barbárie?

PÁGINA 19 | John F. Haught: Uma teologia da evolução precisa mostrar que a fé bíblica não contradiz o caráter evolutivo do mundo

PÁGINA 24 | Lodovico Galleni: Negar a historicidade do fenômeno evolutivo é um erro como elevar o darwinismo a um dogma

PÁGINA 32 | João Vila-Chã: A fúria do ateísmo contemporâneo tem cariz quase religioso

PÁGINA 37 | Alister McGrath: “Em vez de reduzir a influência do fundamentalismo, Dawkins está piorando as coisas”

PÁGINA 40 | Álvaro Valls: “O que Dawkins vem fazendo atualmente não é ciência, mas sim uma pregação de suposições filosóficas indemonstráveis”

PÁGINA 44 | Luiz Felipe Pondé: “Esse livro do Dawkins é uma auto-ajuda para ateus inseguros”

PÁGINA 47 | Michel Onfray: As ficções religiosas existirão enquanto houver humanos

PÁGINA 50 | Richard Swinburne: Fé e razão podem ser facilmente reconciliadas

B. Destaques da semana

» Invenção

PÁGINA 55 | Poema de Claudio Daniel

» Memória

PÁGINA 57 | Xavier Léon-Dufour (1912-2007)

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 59 | Destaques On-Line

PÁGINA 62 | Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 65 | Agenda da Semana

PÁGINA 65 | Martin Dreher: Como entender a cultura alemã no Rio Grande do Sul?

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 69 | Eloísa Márcia da Silva

» SALA DE LEITURA

PÁGINA 72 |

» IHU REPORTER

PÁGINA 72 | Márcia Miranda



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A religião como fato cultural passa a ser apenas objeto da filosofia

ENTREVISTA COM MARCELO FERNANDES DE AQUINO

“É importante entender o ateísmo contemporâneo seguindo os caminhos tomados pela idéia de Deus a partir do pensamento tardo-medieval, nela situando a ruptura entre filosofia e religião e, conseqüentemente, a exclusão da teologia dos sistemas dos saberes objetivos, aos quais a modernidade pós-cristã reconhecerá uma legitimidade racional universalmente aceita”, disse o Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, SJ, reitor da Unisinos. Em entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line, o especialista em Hegel assinala que “a religião deixa de ser um sujeito inspirador de um saber situado e reconhecido no espaço filosófico - a teologia - para tornar-se objeto de um saber que pretende compreendê-la segundo as regras da racionalidade calculadora e operacional, a filosofia da religião”.



Aquino é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Aloisianum, em Milão, e em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma (PUG), ambas na Itália. É especialista em Filosofia, pela Hochschule Für Philosophie, em Munique, mestre e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), de Roma, e mestre em Teologia, pela mesma instituição. Kursou pós-doutorado no Boston College, nos EUA. É autor de O conceito de religião em Hegel (São Paulo: Loyola, 1989). Professor do PPG em Filosofia, Aquino também é o reitor, desde 02-01-2006, da Unisinos. O reitor concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line: nas edições 19º, de 27-05-2002, sobre a morte de Henrique Cláudio de Lima Vaz, e na edição 75, de 15-09-2003, a respeito do lançamento, pela Editora Unisinos, do Dicionário de Ética e Filosofia Moral, organizado por Monique Canto-Sperber. Na edição 170, de 6-03-2006, que teve como tema de capa 2006: na corrida de um novo ano, Aquino falou sobre sua nova função como reitor da Universidade. Na edição 185, de 26-06-2006, abordou o tema Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa. Sua contribuição mais recente aconteceu na edição 217, de 30-04-2007, com a entrevista “Liberdade, necessitarismo e ética em Hegel”.

IHU On-Line - Como entender o ateísmo contemporâneo?

Marcelo Fernandes de Aquino - Como qualquer fenômeno cultural, o ateísmo contemporâneo tem suas raízes teóricas. Atenho-me à sua raiz filosófica, área de

minha formação pessoal. Mesmo vivendo num clima cultural pós-metafísico e pós-cristão, reconheço a presença grega e judaico-cristã como raízes de um conjunto de convicções culturais e valores que caracterizam a modernidade pós-renascentista. Para muitos estudiosos, entre os quais me incluo, o ateísmo contemporâneo é resultado de longo processo de gestação histórico-conceitual que remonta ao ocaso da alta idade média e ao início do ciclo das várias modernidades pós-renascentistas.

IHU On-Line - Quais seriam nossas raízes gregas e judaico-cristãs?

Marcelo Fernandes de Aquino - A filosofia grega e a fé bíblica se depararam com a questão da participação no ser que existe necessária e absolutamente. Em outras palavras, puseram em evidência a questão do Primeiro Princípio e sua exigência de racionalidade radical, ou ainda do Absoluto fundante de natureza racional. O discurso grego sobre o Princípio estruturou-se como uma lógica do ser. Basta conferir o *Poema* de Parmênides¹, o *Sofista* de Platão², a *Metafísica* de Aristóteles³. Estas três obras traçam a rota da *ascensão* da mente (*anábasis*) em direção à intuição plenificante que consumirá a união da inteligência (*nous*) com o inteligível supremo

¹ **Parmênides de Eléia** (530 a. C.-460 a. C.): filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A república* e *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Aristóteles de Estagira** (384 a. C.-322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado, originais, e, por outro, reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

(*noetón*). Com Plotino⁴, o itinerário ontológico sofre uma inflexão histórica e transmuta-se em *henologia*, contemplação do uno. Porfírio⁵, discípulo e biógrafo de Plotino, provavelmente foi o primeiro a propor uma distinção entre o *ser* e o *ente*, que supõe a inteligibilidade do *existir*. O infinitivo *einai* (*esse*), como atributo do Primeiro Princípio no neoplatonismo que procede de Porfírio, expressa a presença germinal da concepção do ato puro de existir na tradição grega tardia. Ora, é preciso reconhecer uma dimensão teológica constitutiva da filosofia primeira ou metafísica desde as origens desse saber. No *Banquete* e na *República*, Platão nos legou o modelo teórico de ascensão intelectual ao Absoluto como Beleza e Bem transcendentes. Na *Metafísica*, Aristóteles edifica a ciência do ser como ontologia, filosofia primeira e teologia. A teologia estóica, suplantando a crítica epicurista ou cética, impõe-se na modernidade dos séculos III e II a.C., e guiará a introdução das idéias modernas gregas no mundo romano a partir do século II e I, com a influência do chamado estoicismo médio de

⁴ **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas* (enneadi). Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seleto gupo de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos de *A república* de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o *Nous* (ou mente) e a alma. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Porfírio** (c.232-c.304): filósofo neoplatônico e um dos mais importantes discípulos de Plotino, responsável por organizar e publicar 54 tratados do mestre na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Escreveu ainda uma biografia de Plotino (*A vida de Plotino*) e comentários às obras de Platão e Aristóteles. Seu livro *Introductio in Praedicamenta* foi traduzido para o latim por Boécio e transformou-se num texto padrão nas escolas e universidades medievais, possibilitando desenvolvimentos na filosofia, teologia e lógica durante a Idade Média. (Nota da *IHU On-Line*)

Panécio de Rodes⁶ e Apolônio de Apaméia⁷. Do século II d.C. em diante, o médio-platonismo e o neoplatonismo tornam-se a teologia da modernidade da Antigüidade tardia. Ou seja, em suas formulações mais rigorosas, o pensamento metafísico grego tem uma espessura religiosa.

Por sua vez, o discurso bíblico estruturou-se em torno da Palavra que desce do alto (*katábasis*) como dom dirigido ao povo da aliança. A narrativa dos Começos, a revelação do nome de Deus a Moisés, no testamento judaico, o *lógos sarx egéneto*, do testamento cristão, expressam a soberania absoluta da palavra de Deus mediante a categoria de *criação*. Filo de Alexandria⁸ é muito importante nesta questão, porque dá início à tradição da incognoscibilidade do Princípio. Ora, a

⁶ Panécio de Rodes (185-100 a. C.): Filósofo estoíco grego, nascido em Rodes, a Grande Ilha frente à Ásia Menor, que assumiu a direção da Estoá (129 a. C.) e considerado seu mais famoso diretor. Na Grécia, dirigiu a Escola de Atenas (129-110 a. C.). É reconhecido como um dos representantes mais significativos do estoicismo médio, modificando pontos da psicologia, recuperando alguns aspectos da física e valorizando os bens e os deveres. Na ética, amenizou a rigidez idealizada do estoicismo antigo, em troca de um humanismo, o qual, ao lado da rigidez da razão teórica, admite a razão prática, que leva em conta o caráter cambiante dos fatos. Abandonou a apatia e a mortificação, em troca da alegria de viver. Aderiu às doutrinas políticas de Platão e Aristóteles, advertindo para as formas mistas de governo. Manifestou-se contra os mitos e a adivinhação. Escreveu sobre o ócio, a tranquilidade da alma e a providência, destacando-se o título *Sobre os deveres*, sua principal obra. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Apolônio de Tiana (4-97): Pregador neopitagórico nascido em Tiana, na Capadócia, principal representante do aspecto místico do neopitagorismo, pensamento do período pré-nicênico antigo. Sua atividade maior (54-96) ocorreu nos tempos dos imperadores romanos Nero (37-68) a Domiciano (51-96). Além dele, sobressaíram-se no neopitagorismo Nigídio Figulo, Sócion, Moderado de Gades, Nicômaco de Gerasa, Numênio de Apaméia e os alexandrinos da escola judaico-platônica Aristóbulo e Filon de Alexandria. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Filon de Alexandria (25 a.C. - c. 50): filósofo judeo-helenista que viveu durante o período do helenismo. Tentou uma interpretação do antigo testamento à luz das categorias elaboradas pela filosofia grega e da alegoria. Foi autor de numerosas obras filosóficas e históricas, onde expôs a sua visão platônica do judaísmo. (Nota da *IHU On-Line*)

assimilação do médio e neoplatonismo pelos autores cristãos dos séculos II e III foi possível porque o pensamento filosófico grego tinha sua espessura religiosa que se traduzia numa teologia. A teologia cristã dialogava com a teologia platônica e neoplatônica. Porque a filosofia antiga era teológica, a teologia cristã pode tornar-se filosófica. Neste diálogo, a ontologia trinitária cristã redimensiona a ontologia grega da substância com a inclusão da *relação* na ordem da essência. Ou, ainda, a ontologia do Verbo prolonga a ordem ontológica em *ordem histórica*. Em resumo! A ciência grega do ser, na sua matriz conceitual fundamental, é uma ciência da *essência* (*ousia*). A revelação bíblica da criação e do nome divino resgata a existência da pura faticidade de um acontecer aleatório.

***IHU On-Line* - Como acontece a transmissão da doutrina do ato de existir na Idade Média?**

Marcelo Fernandes de Aquino - A tradição porfiriana da inteligibilidade do existir deve ter sido transmitida à Idade Média por Boécio⁹ no tratado *De Ebdomadibus*, em que ocorre a distinção entre *esse* e *quod est*, que pode ser considerada uma das fontes da distinção real de existência e essência no ser finito. Na esteira da obra boeciana, Tomás de Aquino¹⁰ faz uma leitura

⁹ Anício Manlio Torcuato Severino Boécio (480 - 524): filósofo platônico, estadista e teólogo romano. Último pensador latino a compreender o grego, sendo, portanto, a única fonte européia sobre esses textos digna de crédito, em sua época. Traduziu o *Organon*, de Aristóteles, e resumiu vários tratados sobre matemática, lógica e teologia. Como senador em 510, foi acusado de traição e magia. Por conseguinte, foi submetido à tortura e condenado à morte. Na prisão, escreveu *De Consolatione Philosophiae* (Do Consolo Filosófico). Além disso, foi autor de *Sobre a Instituição da Música*, que o tornou um dos grandes teóricos musicais da antiguidade. Apesar de não ter se convertido ao cristianismo, é considerado um mártir da Igreja, pelos serviços que prestou aos cristãos. Foi beatificado pelo Papa Leão XIII em 1891. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ Tomás de Aquino (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São

especificamente cristã do *topos* da inteligibilidade do existir e o assume com forte dose de novidade na sua reflexão sobre o Primeiro Princípio. No seu **Comentário à Metafísica**, ele não vai além da ontologia aristotélica da substância. Nas questões V e VI do seu Comentário ao **De Trinitate** de Boécio, Tomás move-se em terreno cristão e faz avançar as fronteiras da metafísica até a afirmação da inteligibilidade intrínseca do ato de existir, que se manifesta no conceito de criação e da revelação do Absoluto como puro existir.

IHU On-Line - Em que momento tem início a desconstrução dessa tradição?

Marcelo Fernandes de Aquino - No primeiro ciclo das modernidades, que se desenvolveram sob a influência do encontro-confronto entre razão grega e fé bíblica, a religião, na medida em que soube fazer a passagem do mito à teologia racional, encontrou um lugar no sistema das razões que tinha seu centro na filosofia. O itinerário greco-cristão da metafísica caminhou da representação ao ser. Sua desconstrução tardo-medieval e moderna, ao contrário, procede do ser à representação. Nos tempos pós-hegelianos, sofre uma inflexão niilista.

É importante entender o ateísmo contemporâneo seguindo os caminhos tomados pela *idéia de Deus* a partir do pensamento tardo-medieval, nela situando a ruptura entre filosofia e religião e, conseqüentemente, a exclusão da teologia dos sistemas dos saberes objetivos, aos quais a modernidade pós-cristã reconhecerá uma legitimidade racional universalmente aceita. A religião

Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da **IHU On-Line**)

deixa de ser um sujeito inspirador de um saber situado e reconhecido no espaço filosófico - a teologia - para tornar-se objeto de um saber que pretende compreendê-la segundo as regras da racionalidade calculadora e operacional, a filosofia da religião.

Duns Scotus¹¹ e Suárez¹² são os precursores do caminho filosófico que, ao chegar a Descartes¹³, reestruturou totalmente o espaço metafísico do qual é excluída a validade do conhecimento analógico na elaboração da *idéia do ser* e dos seus atributos. Descartes dá o passo decisivo no caminho da dissolução da analogia da *idéia do ser*, ao estabelecer o *ordo cognoscendi* das ciências, tendo seu princípio e fundamento na certeza do *cogito* e nas regras do método. O espaço metafísico no qual Descartes vai tentar desenvolver suas provas da existência de Deus, passa a ser, segundo a II e a V das *Meditationes de prima philosophia*, o espaço do *ens ut cogitatum* submetido à univocidade das regras do método e fundado na certeza primeira do *cogito*.

As provas das *Meditationes* e, nelas, a temática da *idéia do Infinito imanente* ao sujeito pensante

¹¹ **João Scotus Erigena** (1266-1308): filósofo e teólogo franciscano, precursor do escolasticismo. Chamado de Doutor Sutil, foi mentor de Guilherme de Ockham. Foi beatificado em 20 de março de 1993, durante o pontificado de João Paulo II. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Francisco Suárez** (1548-1617): padre jesuíta, teólogo, filósofo e jurista espanhol, conhecido também como Doctor Eximius. Na escolástica fundou uma escola que recebe seu nome, o suarismo, independente do tomismo. De suas obras, destacam-se *Disputationes Metaphisicae*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

constituem a transposição da antiga *theologia*. Penso que nessa transposição decide-se o destino da modernidade filosófica pós-cristã. Nela, estão postas as premissas para a desconstrução antropológica da idéia de Deus. De Spinoza¹⁴ e Feuerbach¹⁵, este é um lugar obrigatório de passagem da filosofia pós-cartesiana.

A primazia do *ordo cognoscendi* na univocidade das suas regras prevalece na organização do espaço conceptual cartesiano, que imporá seu modelo a toda a cultura moderna e verá confirmado seu domínio com a extensão universal da tecnociência. Descartes integra a idéia de Deus na ordem das razões na medida em que dela o eu pensante deve “dar razão”. Os sucessores de Descartes encaminham o processo de desconstrução da idéia de Deus e dão lugar à plena e incontestada primazia do sujeito que acaba por avocar a si o predicado divino de *causa sui et rerum*.

IHU On-Line - Qual é o enjeu metafísico em torno da idéia de Deus?

Marcelo Fernandes de Aquino - Penso que nele se situa o lugar conceitual e ideológico do choque da modernidade pós-cristã sobre a religião. Qual é o fundamento dos atos de conhecimento que se exercem

¹⁴ Baruch de Espinosa (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Publicou um *Tratado Político* (Tractus Theologico-Politicus), e *Ética* e deixou várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ Ludwig Feuerbach (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. Em 1828, passa a estudar ciências naturais em Erlangen e dois anos depois publica anonimamente o primeiro livro, *Pensamentos sobre morte e imortalidade*. Nesse trabalho, ataca a idéia da imortalidade, sustentando que, após a morte, as qualidades humanas são absorvidas pela natureza. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de, entre outros, *Preleções sobre a essência da religião* (São Paulo: Papirus, 1989) e *A essência do cristianismo* (2. ed. São Paulo: Papirus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

na órbita do pensamento filosófico constituído em centro do espaço da razão? Ou esse fundamento é assegurado por um Princípio ao mesmo tempo imanente e transcendente ao tempo, *quod omnes dicunt Deum*, ou esse fundamento é suposto residir no próprio sujeito do ato de filosofar, em cuja imanência se dará a supressão do tempo empírico na atualidade de um saber que se proclama absoluto. No primeiro caso, a religião exercerá legitimamente no âmbito das idéias da modernidade sua compreensão do tempo. No segundo caso, do fundamento metafísico da modernidade pós-cristã colocado sob a égide as razão cartesiana, o exercício do conhecimento fundado na pressuposição do Absoluto transcendente e, como tal, compatível com a crença religiosa, não terá lugar reconhecido no universo da razão. A religião como fato cultural passa a ser apenas objeto da filosofia. A *theologia* cede lugar à filosofia da religião.

Penso ser este um início de interpretação do processo mais amplo de remodelação da cultura humana não mais sob a égide da crença religiosa, e sim da descrença religiosa. Este é o fato cultural realmente novo para quem se reconhece na herança do encontro do *logos* grego com a palavra da revelação judaico-cristã.

Novos ateístas. Apóstolos da racionalidade contra a barbárie?

ENTREVISTA COM PAULO MARGUTTI

Para o filósofo Paulo Margutti, docente no departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), a postura adotada pelos neo-ateístas contém, pelo menos, duas dificuldades. A primeira é que, “apesar da boa intenção de combater o fundamentalismo em todas as suas formas, eles acabam confundindo fanatismo religioso com religião”. A segunda dificuldade é que essa postura coloca seus defensores ironicamente numa “posição de ‘apóstolos’ da racionalidade contra a barbárie da religiosidade - e, convenhamos, isso pode estimular em algumas mentes despreparadas um novo tipo de intolerância fundamentalista contra todas as formas de religiosidade, em franca contradição com os ideais iluministas que inspiram essa mesma postura”. Margutti pondera que, mesmo assim, os neo-ateístas não podem se acusados de fundamentalistas. “Eles simplesmente estão expressando com clareza as suas opiniões, tomando posição num debate importante e forçando as pessoas a reavaliarem suas convicções”. Os subtítulos são nossos.



Margutti graduou-se em Filosofia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialista em Ciências do Homem e Fenomenologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), e mestre em Filosofia Contemporânea, pela UFMG. Coursou doutorado em Filosofia na Universidade de Edimburgo, Escócia, com a tese Wittgenstein and semantic presuppositions generated by definite descriptions in subject-position. É autor de Iniciação ao silêncio (Análise do Tractatus de Wittgenstein) (São Paulo: Loyola, 1998) e Introdução à lógica simbólica (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001). No livro Dialética e auto-organização (São Leopoldo: Unisinos, 2003), escreveu o capítulo “Dialética, lógica formal e abordagem sistêmica”, em que discute as idéias de Cirne Lima. Margutti já concedeu duas entrevistas à IHU On-Line: uma na edição nº 83, de 10-11- 2003, intitulada “Os rumos da Filosofia no Brasil”, e outra na edição 143, de 30-05-2005, sob o título “Dialética para entender a cultura”, por ocasião de sua vinda para o Congresso Dia/2005, na Unisinos, falando sobre Dialética e tempo. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail. Confira.

IHU On-Line - O cardeal Carlo Maria Martini afirmou, em artigo publicado no Corriere de la Serra, que

"existe em nós um ateu potencial que grita e sussurra

a cada dia suas dificuldades em crer". Como podemos compreender essa afirmação frente à situação de retorno do sagrado que se experimenta atualmente? Paíra uma "tentação" pelo ateísmo em nossos dias?

Paulo Margutti - Penso que a afirmação do Cardeal Martini se refere ao fato de que cada um de nós vive um conflito que constitui o cerne da própria condição humana. Por um lado, temos uma forte tendência a buscar misticamente um contato com uma realidade superior, capaz de libertar-nos, ainda que provisoriamente, das contingências e misérias deste mundo. Essa tendência é oposta àquela descrita pelo Cardeal Martini e poderia ser formulada assim: "existe em nós um crente potencial que grita e sussurra a cada dia suas dificuldades em não crer". As pessoas inspiradas por essa tendência costumam desprezar a vida neste mundo, pois estão buscando alguma coisa que se encontra para além dele. Em virtude disso, criticam aqueles que se prendem ao mundo, por acharem que estão no caminho errado para encontrar o sentido da vida. Por outro lado, temos também uma forte tendência a rejeitar racionalmente a busca desse contato místico, reconhecendo e aceitando as contingências e misérias deste mundo. As pessoas inspiradas por essa tendência costumam valorizar a vida neste mundo, pois estão buscando alguma coisa que se encontra nele mesmo. É o que os neo-ateístas têm feito. Mas a verdade é que o ser humano existencialmente inquieto vive basculando entre essas duas tendências. Por vezes, ele se entrega completamente ao sentimento religioso. Outras vezes, ele rejeita tais sentimentos, principalmente em nome da razão científica. Em minha opinião, a condição humana é tal que não se trata de escolher qual dessas tendências é a correta. Elas são irredutíveis e complementares em nossas vidas.

No atual contexto, o Cardeal Martini parece estar expressando sua preocupação com a mais recente manifestação da "tentação" pelo ateísmo, representada

por autores como Dawkins¹⁶, Dennett e Onfray. Mas convém lembrar que os ataques desses autores à religião podem muito bem estar expressando a preocupação deles com o retorno ao sagrado, uma das características marcantes de nossa época. O que estamos observando é a novidade de um debate público entre as duas tendências que caracterizam a condição humana.

IHU On-Line - Qual é o seu ponto de vista sobre a tentativa de se combater o fundamentalismo religioso através do fundamentalismo ateísta, como têm feito Dawkins, Dennet, Onfray e Harris? Que inconsistências essa proposta apresenta?

Paulo Margutti - Como, atualmente, o avanço da religião parece ser muito mais expressivo do que a sua rejeição pelos partidários da atitude científica, isso constitui um forte motivo de preocupação para esses últimos. Nessa perspectiva, eles parecem estar vendo a si próprios como defensores da razão iluminista contra o obscurantismo e o fanatismo dos tempos atuais. Mas a postura adotada pelos neo-ateístas envolve pelo menos duas dificuldades. Em primeiro lugar, apesar da boa

¹⁶ Clinton Richard Dawkins (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e escritor britânico, nascido no Quênia. Catedrático da Universidade de Oxford, é conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. O livro também introduz o termo "meme", o que ajudou na criação da memética. Em 1982, realizou uma grande contribuição à ciência da evolução com a teoria, apresentada em seu livro *O fenótipo estendido*. Desde então, escreveu outros livros sobre evolução e apareceu em vários programas de televisão e rádio para falar de temas como biologia evolutiva, criacionismo, religião. Por sua intransigente defesa à teoria de Darwin, recebeu o apelido de "rottweiler de Darwin", em alusão ao apelido de Thomas H. Huxley, que era chamado de "bulldog de Darwin" (*Darwin's bulldog*). Recentemente está envolto em grande polêmica por conta das idéias contidas em sua obra *Deus, um delírio* (São Paulo: Cia das Letras, 2007), publicada em 2006 sob o título *The God delusion*. Dawkins foi contatado pela **IHU On-Line** para conceder entrevista e debater suas idéias com os demais entrevistados. Em função de sua agenda atribulada, poderá atender-nos apenas a partir de 10-12-2007. (Nota da **IHU On-Line**)

intenção de combater o fundamentalismo em todas as suas formas, eles acabam confundindo *fanatismo religioso* com *religião*. O fanatismo religioso é um problema grave que todas as épocas históricas tiveram de enfrentar. Muita incompreensão e violência resultaram dele. Mas ele não se identifica com a religião ou com a religiosidade, entendida como a experiência íntima de contato com uma realidade superior. Essa experiência foi a marca característica de muitos gênios que contribuíram de um modo ou de outro para o melhor conhecimento de nós mesmos enquanto seres humanos. De um modo geral, todos ou quase todos eles tiveram suas criações originais influenciadas ou baseadas em alguma vivência religiosa. Os neo-ateístas não parecem estar levando em conta esse fato de maneira adequada. Dawkins, por exemplo, reconhece a existência de um tipo de religião decente e contido, mas alega que ele é numericamente irrelevante, diante do fanatismo dominante. Ora, essa alegação, além de controversa, permite a confusão que acabo de denunciar. Em segundo lugar, a postura dos neo-ateístas os coloca ironicamente numa posição de “apóstolos” da racionalidade contra a barbárie da religiosidade - e, convenhamos, isso pode estimular em algumas mentes despreparadas um novo tipo de intolerância fundamentalista contra todas as formas de religiosidade, em franca contradição com os ideais iluministas que inspiram essa mesma postura. Mesmo assim, não me parece que os neo-ateístas mencionados possam ser acusados de fundamentalistas. Eles simplesmente estão expressando com clareza as suas opiniões, tomando posição num debate importante e forçando as pessoas a reavaliarem suas convicções. Isso é um bom sinal, pois, por muito tempo na história da humanidade, os ateus tiveram de se manter calados. E agora estão se sentindo à vontade para expressar suas opiniões sem receio de punição. Enquanto nos mantivermos no plano da discussão intelectual

esclarecida, teremos todos a oportunidade de nos beneficiar.

IHU On-Line - Que tipo de ética é necessária e possível numa sociedade dividida entre dois fundamentalismos?

Paulo Margutti - Uma ética da tolerância e da compreensão, que se realiza através do diálogo democrático e aberto. Autores como Apel¹⁷, Habermas¹⁸ e Rorty¹⁹ já defenderam alguma coisa nessa linha, em que pesem as diferenças entre eles. De todos, Rorty me parece o mais sensato e aberto, pois não constrange o diálogo com condições transcendentais, como faz Apel, nem universais, como faz Habermas. Essas condições tendem a enclausurar o diálogo numa camisa de força, dificultando enormemente a solução dos problemas.

¹⁷ **Karl-Otto Apel** (1922): filósofo alemão que combina as tradições filosóficas analítica e continental. Professor emérito da Universidade de Frankfurt am Main. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria **Notícias do Dia**, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa em relação àquela que Bento XVI propôs, na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ **Richard Rorty** (1931-2007): filósofo pragmatista estadunidense. A sua principal obra é *Filosofia e o Espelho da Natureza* (1979). Richard Rorty foi um filósofo que esteve em pé de guerra com a filosofia durante toda a sua vida. Defendia-se contra a pretensão de absoluto do pensamento analítico e renunciou durante décadas a dirigir uma cátedra de filosofia (apenas aceitou até 1982 um lugar na Universidade de Princeton). Sobre Rorty, confira um artigo de Manuel Cruz, publicado na 223ª edição da *IHU On-Line*, de 11 de junho de 2007; e uma entrevista com Paulo Ghiraldelli Jr. e um texto escrito por Jürgen Habermas, publicados na *IHU On-Line* número 224, de 20 de junho de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

Rorty simplesmente aponta para o fato de que vivemos num mundo contingente e precário, em que somos constantemente levados a reavaliar nossas crenças em função das mudanças de circunstâncias. E sugere que façamos essa reavaliação através de uma conversação democrática e sem coerções, mantendo sempre em mente a precariedade e a contingência. Sei que Rorty não era uma pessoa religiosa e que não se interessava pela religião, mas sei também que ele não se oporia em princípio a discutir a questão da religiosidade no mesmo clima de conversação aberta antes mencionado e que estaria genuinamente disposto a ouvir as pessoas religiosas. E essa certamente seria uma das maneiras de levar as pessoas a perceberem, por exemplo, no conflito entre árabes e judeus, que se chegou a uma situação em que todos perdem, enquanto continuarem agindo como estão. E isso talvez nos fornecesse alguma pista prática para resolver o mais importante conflito contemporâneo, que não é aquele entre os fanáticos religiosos e os ateus iluministas, mas aquele entre o fundamentalismo islâmico terrorista e o fundamentalismo americano belicista. O primeiro encontra no fanatismo religioso suicida a única resposta à humilhação que sofre sistematicamente da civilização ocidental, representada pelos Estados Unidos da América. O segundo encontra na guerra preventiva e unilateral, sem apoio da ONU, a única resposta aos atentados que vem sofrendo. E a verdade é que não há diálogo. Ninguém se preocupa em compreender o que está se passando com o adversário, para tentar uma mudança significativa de estratégia. Nesse contexto, o risco que correm os neo-ateístas é o de terem suas críticas ao fundamentalismo religioso apropriadas pelo fundamentalismo americano belicista, que já se arvora em defensor da racionalidade ocidental contra o fanatismo islâmico e não teria escrúpulos em aproveitar-se desse reforço ideológico

IHU On-Line - Para Michel Onfray, a “fé tranquiliza” e a “razão preocupa”, do que se infere que o cristão é um ser infantilizado. Essa idéia, que remonta a Freud²⁰, fundamenta-se, também, na disjunção entre fé e razão? Por que tantos pensadores continuam a afirmar que ambos os campos não podem ser conciliados?

Paulo Margutti - Antes de responder a essa questão, gostaria de lembrar que os apóstolos do ateísmo iluminado não estão dando a devida atenção aos autores que teriam efetivamente alguma coisa de importante a dizer a respeito da religião. Eles simplesmente chegaram à conclusão de que a religião é uma forma de fanatismo irracional e se fecharam a qualquer possibilidade de discutir o assunto de maneira mais aberta. Nessa perspectiva, o livro de Dawkins, *Deus, um delírio*, é paradigmático. A bibliografia ali apresentada por ele é - paradoxalmente para a sua auto-imagem de pesquisador esclarecido e aberto - voltada predominantemente para os defensores da mesma posição que o autor. Os verdadeiros adversários não são sequer considerados. Falta um Agostinho²¹, um Kant²², Dostoiévski²³, um

²⁰ **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título **Sigmund Freud. Mestre da suspeita**, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa **Freud e a religião**. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título **Quer entender a modernidade? Freud explica**. Todos os materiais estão disponíveis para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **Aurélio Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado

Tolstoi²⁴, um Schopenhauer²⁵, um William James²⁶, um

santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

²² Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para *download* na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a *IHU On-Line* edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ Liev Tolstoi (1928-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista e, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Guerra e paz*, de 1865, na qual ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstoi), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ William James (1842-1910): teólogo, filósofo e psicólogo norte americano. Ao lado de Charles Peirce foi um dos fundadores do

Wittgenstein²⁷, só para citar alguns exemplos. É verdade que Dawkins chega a mencionar alguns desses autores, como Kant, Dostoiévski e Wittgenstein. Mas Dawkins só está interessado no Kant iluminista e não leva em conta as posições de Dostoiévski e Wittgenstein no que diz respeito à religiosidade. Aliás, tudo indica que Dawkins não leu *As variedades da experiência religiosa*, de William James. Nesse livro, o autor, que não era uma pessoa religiosa, argumenta que a religião e a explicação racional pertencem a domínios completamente diferentes. A religião envolve uma experiência de contato com uma realidade superior. Essa experiência ocorre “fora” dos padrões normais de percepção, caracterizando-se pela inefabilidade e transitoriedade. Mesmo assim, ela possui um valor cognitivo inegável, que traz consigo uma convicção profunda e altera radicalmente as nossas vidas. Esse tipo de experiência constitui um fenômeno antropológico importante e não pode ser adequadamente avaliada através de nossa dimensão racional. Para James, um dos maiores equívocos seria tentar justificar ou criticar racionalmente a experiência religiosa. Não se demonstra ou refuta a existência de Deus, mas se vivencia

pragmatismo. Escreveu livros sobre a ciência da psicologia, religião, misticismo e filosofia do pragmatismo. Sua primeira obra foi sobre a aplicação do funcionalismo à psicologia, intitulado *Princípios de psicologia* (1980). Ao questionar a existência de Deus, a imortalidade da alma e o livre-arbítrio, ele publicou o livro *A vontade de crer e outros ensaios sobre filosofia popular* (1897). (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). (Nota da *IHU On-Line*).

misticamente o contato com Ele. Nessa perspectiva, a fé não tranqüiliza, mas preocupa mais do que a razão.

Inquietude existencial

O sentimento de culpa experimentado pelo crente que não está conseguindo o almejado contato com Deus é dos mais terríveis. Pascal pode ser citado aqui como um exemplo de inquietude existencial num homem de fé. Quanto à questão da justificação racional, é certo que o místico não tem como satisfazer às exigências científicas do ateu iluminista, que, em virtude disso, o considera irracional e infantilizado. Mas também é certo que o ateu iluminista também não tem como explicar racionalmente a existência e a persistência dessa experiência e da convicção que dela decorre na história do gênero humano. Por exemplo, as tentativas de Dawkins no sentido de explicar o fenômeno religioso através da evolução são apenas esboços incompletos e não tocam o ponto principal: a experiência mística que a caracteriza. Como se pode ver, não se trata de “provar” para um ateu que Deus existe ou de “refutar” uma prova da existência de Deus para um crente: a experiência religiosa é algo intensamente vivido e não se dá no domínio da pura racionalidade. Com base nisso, Wittgenstein, um dos seguidores de James nessa perspectiva, chegou a dizer que expressões como *crer em Deus* e *não crer em Deus* não são contraditórias. Com efeito, uma pessoa que crê em Deus se encontra num plano tão diferente de uma pessoa que não crê em Deus que as duas não estão efetivamente se comunicando numa dimensão estritamente lógica. Nessa mesma linha de raciocínio, Wittgenstein afirmou no *Tractatus*²⁸ que, se todos os

problemas científicos fossem resolvidos, a questão do sentido da vida não seria sequer tocada. Antes de Wittgenstein, o físico Boltzmann²⁹ manifestou a mesma opinião. Freud, que Onfray elogiosamente considera um dos grandes críticos da religião, reconhece a existência do sentimento religioso e lhe atribui caráter “oceânico”. Mesmo assim, Freud o reduz a uma espécie de neurose, num viés semelhante ao de Dawkins, que o reduz a uma “ilusão”. Não nos esqueçamos, porém, de que foi essa “neurose” ou essa “ilusão” a principal responsável por inúmeros avanços no conhecimento que temos de nós mesmos e do mundo, através dos trabalhos de gênios. Quase todos partem de uma intuição originária, de caráter místico, para levarem adiante as suas criações originais. Não é de admirar que Dawkins, em seu livro, gaste dois longos capítulos para discutir racionalmente a questão da existência de Deus. Num deles, Dawkins refuta os argumentos tradicionais a favor da existência de Deus; no outro, ele oferece os motivos pelos quais, quase com certeza, Deus não existe. Como se pode ver, Dawkins não parece saber do que está falando. O mesmo parece valer para Onfray e Dennett. Eu recomendaria a todos eles a leitura dos autores acima mencionados, principalmente de William James. Isso deixaria claro o porquê da insistência de muitos pensadores, entre os quais me incluo, em manter separados os domínios da fé e da razão.

IHU On-Line - John F. Haught compatibiliza a Teoria da Evolução com o desígnio inteligente. A filosofia de Wittgenstein, sobretudo a do segundo período, possibilita aproximar fé e ciência? Como? Ou a fé é

²⁸ *Tractatus Logico-Philosophicus*: único livro publicado em vida pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein. Foi escrito enquanto ele era um soldado, durante a Primeira Guerra Mundial, em 1918. Publicado em alemão em 1921 como *Logisch-Philosophische Abhandlung*, atualmente é amplamente considerado uma das mais importantes obras de filosofia do século XX. O título em latim foi

sugerido pelo filósofo G. E. Moore, em homenagem ao *Tractatus Theologico-Politicus* de Espinosa. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **Ludwig Edward Boltzmann** (1844-1906): matemático e físico austríaco. Sistematizou o conceito de entropia, segundo o qual há uma tendência natural de a energia se dispersar e de a ordem evoluir invariavelmente para a desordem. Explica o desequilíbrio natural entre trabalho e calor. (Nota da *IHU On-Line*)

uma experiência do incomensurável, e não pode ser compreendida por palavras?

Paulo Margutti - Já fiz algumas considerações a esse respeito na resposta à questão anterior. No *Tractatus*, Wittgenstein separa explicitamente a fé e a ciência, em virtude da influência não só de William James, mas também de Schopenhauer, Weininger, Mauthner, Boltzmann e Tolstoi. Na primeira filosofia de Wittgenstein, a linguagem só pode descrever os fatos do mundo, ou seja, fazer ciência, enquanto a experiência religiosa fica reduzida à contemplação silenciosa. É conhecida a sua afirmação no final da obra: “sobre o que não se pode falar, deve-se calar”. Alguns intérpretes de Wittgenstein pensam que, na elaboração de sua segunda filosofia, ele admite a possibilidade de jogos de linguagem religiosos e isso retiraria a experiência religiosa da dimensão do silêncio. Em minhas pesquisas a respeito desse autor, porém, cheguei à conclusão contrária. Durante toda a sua vida, Wittgenstein foi uma pessoa profundamente religiosa, que buscava atormentadamente pela experiência mística e que só a concebia como algo pessoal e incomunicável. A filosofia das Investigações altera a concepção wittgensteiniana de linguagem, é verdade, mas mantém a perspectiva ético-religiosa do *Tractatus*. A influência de William James foi uma constante na vida de Wittgenstein. Em consequência, ele nunca tentou conciliar fé e razão, porque as considerava pertencentes a domínios complementares. Parece-me que ele tem razão nesse aspecto. Não há necessidade de conciliar a fé e a ciência. Cada uma se aplica a um domínio específico, que não interfere no outro. A mecânica quântica constatou que, paradoxalmente, um elétron se comporta, por vezes, como onda, e, por vezes, como partícula. E essa aparente contradição não impediu a física de avançar: apenas deixou claro que a realidade é muito mais complexa do que nossas categorias racionais são capazes de explicar. Talvez pudéssemos fazer uma

analogia aqui, no que diz respeito aos poderes cognitivos do ser humano. Paradoxalmente, ele pode conhecer não só de maneira inefavelmente intuitiva, como acontece com os místicos, mas também de maneira racionalmente discursiva, como acontece com os cientistas. Essa aparente contradição não nos impediu de avançar até hoje: apenas mostrou que somos muito mais complexos do que a maneira pela qual os neo-ateístas iluministas querem nos retratar. Possuímos dimensões profundas que escapam ao domínio da racionalidade estrita. A complementaridade dialética das faculdades cognitivas mencionadas, irredutíveis e sem síntese aparente, parece ser a nossa marca registrada.

***IHU On-Line* - Deus como ficção útil é outro argumento recorrente dos ateístas contra a religião. Caso Deus fosse mesmo uma ficção e usado em nome de uma melhor convivência humana, não seria melhor mantê-lo do que descambar no niilismo total? Se isso acontecesse, não estaríamos caminhando para um cristianismo sem Deus?**

Paulo Margutti - Com base nas considerações feitas até agora, espero ter deixado claro que a idéia de Deus como ficção útil só poderia ser formulada por uma pessoa que nunca teve a experiência religiosa. Reitero aqui que essa pessoa não sabe bem do que está falando. Desse modo, a sugestão de que, mesmo como ficção útil, Deus poderia ser utilizado em nome de uma melhor convivência humana, sem cair no niilismo total, constitui um falso problema. O mesmo ocorre com a discussão a respeito do ateísmo cristão ou cristianismo sem Deus, que Onfray considera uma das características do mundo atual que deve ser superada por um autêntico ateísmo ateu, pós-moderno. Pode ser que haja pensadores que não mais acreditem em Deus e permaneçam fiéis à moral cristã. Mas se não há Deus, não há mais cristianismo em sentido estrito. Além disso, a presença de tais pensadores na cultura contemporânea não me parece tão significativa a

ponto de merecer uma denominação e um estudo especial. Não há espaço para discutir isso aqui, mas a afirmação de Onfray de que o cristianismo sem Deus é uma fase a ser superada em direção ao continente pós-cristão me parece extremamente controversa. Há evidências bastante fortes em sentido contrário, ou seja, de que nos dias de hoje o sentimento religioso tem-se fortalecido enormemente. O livro de Onfray poderia ser inclusive explicado como tendo surgido a partir do temor diante desse fato e da identificação inadequada que ele faz entre esse sentimento e o puro fanatismo.

***IHU On-Line* - Onfray acredita que rumamos para um continente pós-cristão. Você concorda? Essa é uma consequência natural da pós-modernidade?**

Paulo Margutti - Já comentei algo a esse respeito na resposta anterior. Gostaria de acrescentar aqui que fiquei admirado ao verificar que, em seu livro, Onfray também faz uma filosofia da história que nada fica devendo às especulações fantasiosas do passado. Para ele, a cultura contemporânea está marcada por uma clara oposição entre os monoteísmos de ontem e o ateísmo de amanhã. Ele pensa que essa oposição se dá entre Moisés, Jesus, Maomé e suas religiões do Livro contra Holbach³⁰, Feuerbach, Nietzsche³¹ e suas fórmulas

³⁰ **Barão de Holbach** (1723-1789): Paul Henri Thiery, conhecido como Holbach. Foi um ateu alemão, determinista e materialista. Considerava o universo como um sistema complexo, organizado através das leis mercantilistas de causa e efeito. Expressou em suas obras idéias radicais e defendia que o ateísmo era um pré-requisito para qualquer teoria ética válida. Sobre a religião, ele dizia que ela estava baseada em dogmas e rituais inúteis e sem sentido. Seu livro mais famoso foi *O sistema da natureza* (1770). (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de

filosóficas de desconstrução radical de mitos e ficções. Ora, uma análise minimamente realista da situação revela justamente o contrário: a cada dia que passa, mais e mais fiéis se acumulam nas igrejas, em busca do consolo da religião, sob os olhares preocupados de defensores das Luzes, como Onfray. Essa sim, parece ser uma das consequências da pós-modernidade. É verdade que muitos desses fiéis irão se desencaminhar pelos meandros do fanatismo religioso - e isso constitui motivo de preocupação para todos nós. Mas também é verdade que muitos desses fiéis serão capazes de vivenciar uma autêntica experiência religiosa, que os tornará pessoas melhores e mais capazes de conviver com seus semelhantes. Minha hipótese é que a previsão de Onfray está na contramão da história. Mas o tempo dirá quem tem razão.

***IHU On-Line* - Esse mesmo autor subverte a afirmação de Ivan Karamázov dizendo que, “porque Deus existe, então tudo é permitido”, como forma de justificar os excessos cometidos em nome da religião. Pensando na situação das religiões atualmente, que aspectos válidos e reducionistas se encontram nessa idéia?**

Paulo Margutti - Onfray subverteu a afirmação de Ivan Karamázov porque não entendeu Dostoiévski, um autor profundamente religioso. A fórmula de Onfray é apenas mais uma comprovação de que ele confunde religiosidade com fanatismo religioso e ataca o que, no fundo, desconhece. Isso é uma posição reducionista que deve ser evitada. Dawkins também discute o dito de Ivan Karamázov e pensa que ele significa simplesmente o seguinte: a pessoa que o admite pensa que o único

capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. A edição 15 do *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

motivo para tentar ser bom é obter a aprovação e recompensa de Deus e evitar sua reprovação e punição. E isso só revelaria a mesquinharia dessa pessoa. Ora, essa interpretação também é equivocada: não é esse o sentido religioso profundo da colocação dostoevskiana. O que ela quer dizer é que só aquele que já sente misticamente em si a presença de Deus é que tem condições de sentir-se eticamente responsável. A interação entre a vontade própria e a vontade divina só tem condições de surgir efetivamente para aquele que experiencia de algum modo a vontade divina. Aquele que não sente misticamente em si a presença de Deus e quer explicar tudo racionalmente, como acontece com Onfray e Dawkins, não tem condições de compreender a responsabilidade ética vivida pelo crente e tenderá a explicá-la com base no interesse mesquinho. Como se pode ver, Onfray e Dawkins estão se posicionando num plano cognitivo inadequado para fazer a discussão a respeito do dito de Ivan Karamázov.

De qualquer modo, há algo válido nas colocações de Onfray, principalmente em sua denúncia enfática a todas as formas de fanatismo religioso que assolam o mundo contemporâneo. Porém, ao levantar a bandeira das Luzes contra a religião em todas as suas formas e recorrendo aos irracionais Nietzsche e Freud como mentores intelectuais, Onfray parece estar navegando em águas perigosas, bem pouco iluministas. E, do mesmo modo que ele “psicanalisa” o sentimento religioso, reduzindo-o à pulsão de morte, sua própria posição poderia ser também “psicanalisada” e reduzida, quem sabe, à “pulsão de vida”. Dawkins parece ser mais comedido do que Onfray, pois se compromete com Darwin³² e não com Nietzsche e

³² Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A origem das espécies*. Teve suas principais idéias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner

Freud. Todavia, como já indiquei, sua explicação evolucionista da religião - como sendo uma característica que não tem valor de sobrevivência por si só e sim como subproduto de outra característica que o tenha - é incompleta e não toca o elemento principal que a constitui: a experiência mística.

Uma coisa, porém, é certa: o debate está lançado no domínio público da conversação da humanidade e o que temos a fazer é tentar extrair o melhor dessa situação, sem acusações desnecessárias de fundamentalismo e com abertura de espírito suficiente para que a discussão possa ser levada a bom termo. Nada como uma atitude sadia de diálogo crítico, em que as partes envolvidas possam apresentar, sem coerções, suas opiniões a respeito de um tema tão importante como esse para o conhecimento de nós mesmos.

apresentou a obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à *IHU On-Line* 166, de 28-11-2005. (Nota da *IHU On-Line*)

Uma teologia da evolução precisa mostrar que a fé bíblica não contradiz o caráter evolutivo do mundo

ENTREVISTA COM JOHN F. HAUGHT

John F. Haught, filósofo americano criador do conceito de teologia evolucionista, explica que essa idéia “sustenta que o retrato da vida proposto por Darwin constitui um convite para que ampliemos e aprofundemos nossa percepção do divino. A compreensão de Deus que muitos e muitas de nós adquirimos em nossa formação religiosa inicial não é grande o suficiente para incorporar a biologia e a cosmologia evolucionistas contemporâneas. Além disso, o benigno designer [projetista] divino da teologia natural tradicional não leva em consideração, como o próprio Darwin observou, os acidentes, a aleatoriedade e o patente desperdício presentes no processo da vida”. E completa: “Uma teologia da evolução, por outro lado, percebe todas as características perturbadoras contidas na explicação evolucionista da vida”. Sobre as idéias de Richard Dawkins, Haught dispara: “A crítica da crença teísta feita por Dawkins se equipara, ponto por ponto, ao fundamentalismo que ele está tentando eliminar”. A entrevista exclusiva, que você confere a seguir, foi concedida por e-mail à IHU On-Line.



Haught é professor de teologia da Universidade de Georgetown, Estados Unidos e membro sênior do Woodstock Theological Center. Graduado em Filosofia, pela St. Mary's University, de Baltimore, é mestre e PhD. pela Catholic University of America, Washington, com a tese Foundations of the hermeneutics of eschatology. É autor de inúmeros livros, dentre os quais destacamos Deeper than Darwin: the prospect for religion in the age of evolution (Boulder, Colo: Westview Press, 2003); Purpose, evolution and the meaning of life (Ontario: Pandora Press, 2004); Is nature enough: meaning and truth in the age of science (Cambridge: Cambridge University Press, 2006) e Christianity and science (Maryknoll: Orbis Press, 2007). Em português, confira Deus após Darwin. Uma teologia evolucionista (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002).

IHU On-Line - Como você descreveria a mensagem de seu livro Deus após Darwin?

John F. Haught - A ciência evolucionista mudou drasticamente nossa compreensão do mundo. Assim sendo, qualquer percepção que tenhamos de um Deus que cria e mantém este mundo precisa levar em conta o

que Darwin e seus seguidores nos disseram sobre ele. Enquanto que o próprio Darwin via uma certa “magnificência” em sua nova explicação da vida, recentemente muitos cientistas viram na evolução a

derrota definitiva do teísmo³³. Entrementes, a teologia em geral deixou de pensar sobre Deus de uma maneira que levasse em conta o processo da evolução. O que eu tento fazer, portanto, é uma teologia evolucionista.

IHU On-Line - O que é teologia evolucionista?

John F. Haught - Uma teologia evolucionista sustenta que o retrato da vida proposto por Darwin constitui um convite para que ampliemos e aprofundemos nossa percepção do divino. A compreensão de Deus que muitos e muitas de nós adquirimos em nossa formação religiosa inicial não é grande o suficiente para incorporar a biologia e a cosmologia evolucionistas contemporâneas. Além disso, o benigno *designer* [projetista] divino da teologia natural tradicional não leva em consideração, como o próprio Darwin observou, os acidentes, a aleatoriedade e o patente desperdício presentes no processo da vida. Uma teologia da evolução, por outro lado, percebe todas as características perturbadoras contidas na explicação evolucionista da vida. Uma teologia da evolução não deve evitar, e sim, pelo contrário, assumir todas as características da vida que perturbaram as pré-concepções religiosas do próprio Darwin e de seus seguidores. Uma teologia da evolução precisa mostrar que os aspectos mais fundamentais da fé bíblica não contradizem, mas, pelo contrário, iluminam o caráter evolutivo do mundo. Uma compreensão de Deus que seja adequada em termos religiosos não só tolera, mas exige a ousada extensão das fronteiras cósmicas implicada na ciência evolucionista.

IHU On-Line - Como essa teologia evolucionista conjuga o binômio fé-razão? Você pode dar mais detalhes sobre sua proposta para unificar ambos os campos?

³³ **Teísmo:** conceito que surgiu no século XVII e contrapõe-se ao ateísmo, deísmo e panteísmo. O teísmo sustenta a existência de um Deus que pode ser provada pela razão. (Nota da *IHU On-Line*)

John F. Haught - O envolvimento da teologia com a evolução beneficia não só a consciência religiosa, mas também a causa da razão e da ciência. As descobertas e conclusões científicas de Charles Darwin, um dos mais brilhantes pensadores do mundo, ainda são percebidas por um grande setor da população mundial como inteiramente irreconciliáveis com uma percepção apropriada de Deus. Grande parte dessa desconfiança provém, infelizmente, do fato de que, às vezes, os biólogos evolucionistas apresentam idéias darwinianas de uma maneira materialista que coloca a ciência em aparente oposição à fé. Assim, atualmente muitas pessoas religiosas acham que são obrigadas a rejeitar a evolução - bem como outras idéias científicas. Eu desenvolvi uma teologia da evolução não só em benefício da formação religiosa, mas também para promover a formação científica - e a razão em geral.

IHU On-Line - Quais são as tensões que ainda persistem entre religião e ciência? Como o diálogo entre ambas pode fazer avançar a humanidade?

John F. Haught - Primeiramente, pergunta-se se o método científico de entender o mundo tornou a fé religiosa intelectualmente implausível. Mas também há outras perguntas: a ciência exclui a existência de um Deus pessoal, como sustentou Albert Einstein³⁴? A evolução torna indigna de crédito toda a idéia da providência divina? A vida e a mente podem ser

³⁴ **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do Simpósio Terra Habitável, ocorrido de 16 a 19 de maio de 2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. (Nota da *IHU On-Line*)

reduzidas à química? Podemos continuar a afirmar plausivelmente que o mundo é criado por Deus ou que Deus realmente quer que os seres humanos estejam aqui? É possível que toda a complexa padronização que ocorre na natureza seja simplesmente o produto do acaso cego e da necessidade física? Numa era da ciência, podemos crer sinceramente que o universo tem um propósito? Essas são algumas das perguntas que constituem o chamado “problema” da ciência e da religião. Elas continuam muito vivas atualmente e evocam uma gama interessante de respostas. Em meu livro *Science and Religion: From conflict to conversation* [Ciência e religião: do conflito ao diálogo], observo que há quatro formas principais de entender a relação entre religião e ciência: 1) Algumas pessoas afirmam que a religião é completamente oposta à ciência ou que a ciência exclui a religião. Esta é a posição que chamo de conflituosa; 2) Outras insistem que a religião e a ciência são tão claramente diferentes uma da outra que o conflito entre elas é logicamente impossível. Esta é a abordagem contrastante; 3) Um terceiro grupo de pessoas, do qual faço parte, sustenta que a religião e a ciência não são opostas nem completamente independentes uma da outra. Elas sempre se influenciam mutuamente, muitas vezes de formas ocultas. Chamo esta abordagem de contativa. 4) Uma quarta abordagem, com a qual também simpatizo, sustenta que há formas significativas pelas quais a religião apóia positivamente a aventura científica da descoberta. Ou seja, a religião oferece um tipo especial de confirmação ao trabalho dos cientistas. Concordo com Alfred North Whitehead³⁵ de que o futuro da humanidade e da civilização depende de encontrar-se uma concordância entre a ciência e a fé, e essa é a razão

³⁵ Alfred North Whitehead (1861-1947): filósofo e matemático inglês. Com Bertrand Russel, escreveu *Principia Mathematica*. Ele também desenvolveu a chamada Teologia do Processo. (Nota da *IHU On-Line*)

pelo qual enfatizo a necessidade de reconciliar a fé bíblica e a evolução de maneira coerente.

***IHU On-Line* - Ainda persiste o embate entre o desígnio inteligente, o acaso e a evolução como explicações para a origem da vida. O senhor poderia explicar qual é sua posição?**

John F. Haught - A concepção benigna de um projetista divino que controla serenamente a natureza parece bastante remota do perturbador retrato da vida proposto por Darwin. Os elementos do acaso, da luta pela sobrevivência, da seleção natural cega dos fortes e da eliminação dos fracos sugerem que a natureza pode ser implacável e impessoal, ao mesmo tempo em que também é espantosamente inventiva. A biologia evolucionista, como qualquer outro ramo da ciência, é obrigada a procurar uma explicação puramente natural do *design*. A teologia precisa permitir que a ciência vá tão longe quanto conseguir a explicação do *design* adaptativo de uma maneira “naturalista”. Mas também creio que a biologia evolucionista ainda é apenas um nível de toda uma hierarquia de explicações necessárias para entender a história da vida com profundidade. A teologia pode fazer parte dessa hierarquia de explicações. Creio, com efeito, que precisamos, a uma certa altura, apelar para a teologia para explicar, em última instância, por que, afinal, há ordem ou projeto na natureza - bem como para explicar por que há instabilidade e processo também. Mas introduzir a noção de Deus como explicação científica deprecia a teologia. Parece-me que é isso o que os defensores do *design* inteligente fazem, e eles merecem a crítica que recebem tanto dos biólogos evolucionistas quanto da maioria dos teólogos. Podemos explicar a vida e seus projetos complexos em muitos níveis, sem que um nível seja oposto ao outro.

Design inteligente. Uma idéia científica?

A física, por exemplo, pode explicar a ordem e o projeto da vida de modo inteiramente adequado de um ponto de vista termodinâmico sem se intrometer em explicações biológicas. A química também pode explicar a vida em seu próprio nível. E o mesmo se aplica à teologia. A teologia, como um nível em toda uma hierarquia de explicações, tem um papel legítimo a desempenhar em nossa explicação profunda da natureza da vida. Problemas só surgem quando especialistas num nível pretendem que sua explicação da vida seja a única adequada. As pessoas que propõem o *design* inteligente inserem o “projetista inteligente” num nível de explicação que é próprio da ciência, e não da teologia. Elas tratam erroneamente a idéia do *design* inteligente como se fosse uma idéia científica.

IHU On-Line - Teilhard de Chardin³⁶ costumava dizer que, após Darwin, Deus precisava deixar de ser visto apenas como Alfa (o começo de tudo) e mais como Ômega (a força para a qual o Universo estava caminhando). Nesse sentido, o senhor poderia dizer em que aspectos as suas idéias se aproximam das idéias do jesuíta?

John F. Haught - Proponho, primeiramente, que Deus semeia o universo não com um *design*, mas com a promessa de finalmente se tornar vivo e consciente. A

³⁶ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão. A edição 140 da *IHU On-Line*, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*. Confira, ainda, as entrevistas “Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria”, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e “Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry”, publicada na edição 142, de 23-05-2005, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista “Teilhard e a teoria da evolução”. (Nota da *IHU On-Line*)

“palavra de Deus”, que de acordo com o livro de Gênesis paira sobre a criação no início, é uma palavra de promessa. O universo é inseparável da promessa divina de um futuro sempre novo. Teologicamente, parece necessário dizer que o desdobramento temporal e espacial do universo e da vida passa continuamente por um “campo de promessa”, que consiste em todas as possibilidades que lhe são oferecidas por um Deus gracioso e generoso. Em segundo lugar, juntamente com Teilhard, proponho que, em algum sentido, Deus (ou o Espírito de Deus) é esse campo de promessa. Isso é consistente com a noção teilhardiana de que Deus é mais Ômega do que Alfa. Em última análise, é a entrada mais plena do mundo em Deus e a entrada silenciosa de Deus no mundo na modalidade da promessa que permite que a natureza evolua na direção da vida e da mente. Entretanto, esse envolvimento íntimo de Deus com o mundo permanece completamente fora do âmbito da detecção científica.

IHU On-Line - Dawkins prega a intolerância completa no que diz respeito à fé, exatamente a mesma intolerância a que se opõe. Nesse sentido, de que forma o senhor interpreta o fortalecimento das religiões face ao recrudescimento do fundamentalismo ateu?

John F. Haught - A crítica da crença teísta feita por Dawkins se equipara, ponto por ponto, ao fundamentalismo que ele está tentando eliminar. Com efeito, no amplo espectro do ateísmo contemporâneo, Dawkins é um exemplo perfeito de um extremo cientificamente literalista, quase da mesma maneira como os fundamentalistas religiosos que ele condena representam o extremo literalista no amplo universo do pensamento judaico, cristão e islâmico. A semelhança não se dá por coincidência. Tanto os literalistas científicos quanto os religiosos supõem que não haja nada debaixo da superfície dos textos que estão lendo - a

natureza, no caso da ciência, e as sagradas escrituras no caso da religião. O cientificismo é a versão do fundamentalismo literalista da comunidade científica, já que supõe que o universo só se torne plenamente transparente para o pensamento se for apresentado na linguagem impessoal da ciência. De modo semelhante, o literalista religioso supõe que a plena profundidade do que está acontecendo no mundo real se torne evidente para o crente verdadeiro no mais simples sentido dos textos sagrados.

IHU On-Line - Dawkins afirma que é imoral marcar os filhos com a religião de seus pais. Por outro lado, como podemos transmitir às crianças valores como a solidariedade e o perdão sem entrar no campo religioso?

John F. Haught - Dawkins tem razão em dizer que as pessoas podem ser muito morais sem terem uma crença religiosa. Além disso, pessoas religiosas podem ser muito malvadas e cometer atrocidades em nome de Deus. Mas, em geral, a exposição da moralidade e de sua relação com a fé religiosa feita por Dawkins é uma exibição notável de ignorância e sarcasmo tolo. O que é mais lamentável em sua exposição é que ele ignora completamente o cerne moral do judaísmo e do cristianismo, a saber, a ênfase na justiça e o que passou a ser conhecido como a opção preferencial de Deus pelos pobres e desfavorecidos, bem como o tema do perdão incondicional de Deus. Ele acha que podemos entender questões modernas e contemporâneas, como a justiça social, os direitos civis e os movimentos de libertação, sem qualquer referência a Amós, Oséias, Isaías, Miquéias, Jesus e outros profetas bíblicos. Até mesmo a maioria dos humanistas ateus não concordam com tal posição extremista.

IHU On-Line - Quais são as principais respostas críticas que você faz a Dawkins, Harris e Hitchens no livro que será publicado ano que vem?

John F. Haught - A imprensa popular e as discussões na internet deram atenção considerável às recentes declarações ateístas de Richard Dawkins, Sam Harris e Christopher Hitchens³⁷, que viraram *best-sellers*, mas essas mídias raramente examinaram a fundo os pressupostos desses autores. Meu livro intitulado *God and the new atheism: a critical response to Dawkins, Harris and Hitchens* [*Deus e o novo ateísmo: uma resposta crítica a Dawkins, Harris e Hitchens*] (a ser lançado em fevereiro de 2008) oferece a leitoras e leitores de muitas origens um conjunto compacto de críticas que, assim espero, comprova ser útil e interessante na infundável discussão da crença religiosa e do ceticismo moderno. Escrevi o livro para evidenciar as falhas e falácias fundamentais do “novo ateísmo”, especialmente sua crença no naturalismo científico. Trata-se da crença de que a natureza é tudo que há, de que Deus não existe e de que a ciência é o único caminho que conduz à verdade. Quanto mais profundamente me envolvi na escrita de meu livro, tanto mais evidente se tornou para mim que eu estava oferecendo uma crítica não só do novo ateísmo, mas também do tipo tacanho de pensamento religioso, ética e espiritualidade contra o qual ele está reagindo. Embora os novos ateístas rejeitem o Deus dos criacionistas, fundamentalistas, terroristas e advogados do “*design* inteligente”, é digno de nota que eles tenham decidido debater com esses extremistas, e não com teólogos de peso. Os novos

³⁷ **Christopher Hitchens** (1949): jornalista, escritor e crítico literário britânico. Durante a guerra do Iraque, tornou-se um combativo apoiante da decisão de George W. Bush, o que o tornou muito conhecido, impopular, entre uma esquerda que ele acusou de trair os próprios ideais. *Amor, pobreza e guerra* (Ediouro: 2006. 370p.), que reúne 34 artigos de sua autoria com críticas à Madre Teresa de Calcutá, fala sobre o 11 de setembro e a Guerra do Iraque, é uma das suas obras. (Nota da *IHU On-Line*)

ateístas estão dizendo, com efeito, que, se é que Deus existe, deveríamos permitir que a identidade desse Deus seja determinada de uma vez por todas pelos fundamentalistas das tradições religiosas abraâmicas. Creio que eles optaram por essa estratégia não só para tornar mais fácil a tarefa da crítica, mas também porque têm uma admiração mal-e-mal disfarçada pela simplicidade da concepção de realidade de seus

oponentes. A melhor prova de sua própria atração por uma cosmovisão descomplicada pode ser encontrada em sua adesão ao fundamentalismo ainda mais simplista, conhecido como naturalismo científico.

Negar a historicidade do fenômeno evolutivo é um erro como elevar o darwinismo a um dogma

ENTREVISTA COM LODOVICO GALLENI

Lodovico Galleni, cientista italiano, foi enfático na entrevista que concedeu com exclusividade à IHU On-Line, por e-mail, na última semana: “é erro grave negar a historicidade do fenômeno evolutivo, mas é também erro elevar ao nível de dogma o darwinismo que, ao invés, é apenas uma teoria proposta para explicar os mecanismos da evolução”. E ele prossegue: “Permito-me afirmar que hoje os livros de Dawkins são a maior ajuda em favor da difusão dos fundamentalismos religiosos”. Questionado sobre as objeções teóricas que faria à incompatibilidade entre fé e ciência, vai direto ao ponto, dizendo que Dawkins “confunde trágica e dramaticamente os planos. A fé em Deus como Criador do universo e daquilo que existe não é objeto de indagação da ciência e se baseia em múltiplas razões. A discussão sobre a possibilidade de que exista um Deus Criador nada tem a ver com a discussão científica sobre se o universo e a vida sejam estáveis ou mudem com o tempo”.

Atualmente, Galleni é professor, entre outras disciplinas, de Zoologia Geral e Biologia Evolucionária na Faculdade de Ciências da Agricultura na Universidade de Pisa, Itália, bem como Ciência e Teologia. É membro do corpo editorial da Rivista di Biologia. Graduiu-se em Ciência Natural pela Universidade de Pisa, onde realizou pesquisas no Instituto de Zoologia e Anatomia Comparativa. Atualmente, trabalha com modelos de simulação matemática relacionados à evolução da biosfera e ecossistemas e a aplicação de técnicas de vida artificial. Um de seus temas de interesse contínuo é a Teoria da Evolução para explorar a possibilidade da teoria Bioesferocêntrica, cujo precursor foi o cientista jesuíta Teilhard de Chardin. Por essa razão, iniciou um projeto de pesquisa sobre Chardin e esse assunto. É autor das obras Da Darwin a Teilhard de Chardin, Interventi sull’evoluzione (1983- 1995). (SEU: Pisa, 1996) e Biologia (La Scuola: Brescia, 2000). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos entender a tentativa de Richad Dawkins de combater o fundamentalismo religioso com um fundamentalismo ateu? O que este gênero de argumentação demonstra sobre o confronto entre fé e ciência na contemporaneidade?

Lodovico Galleni - A tentativa de combater um integralismo (ou fundamentalismo) de um tipo com o fundamentalismo de sinal oposto é profundamente errada e é sinal da degradação a que está chegando o debate sobre a evolução. Não existe uma álgebra dos erros, pela qual um erro de um sinal e o outro, de sinal oposto, se eliminam reciprocamente! De fato, são dois erros que, porém, paradoxalmente, prejudicam precisamente a evolução, porque a defesa fideísta e irracional de uma hipótese científica leva a desenvolver argumentos que escapam da ciência e passam ao campo do fideísmo irracional, colocando-se, por isso, num campo onde há jogo mais fácil: o fundamentalismo religioso.

A força da Teoria da Evolução está em sua evidência científica. De fato, a evolução é o resultado de uma pesquisa de tipo histórico que é tão provada quanto é provada a existência do Império Romano. Há, depois, teorias que procuram explicar seus mecanismos. A mais difusa e aceita é a da evolução por seleção natural, proposta no século XIX por Charles R. Darwin e Alfred R. Wallace³⁸.

³⁸ **Alfred Russel Wallace** (1823-1913): naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo galês. Desenvolveu trabalho no campo da Teoria da Evolução e enviou o respectivo manuscrito a Charles Darwin, com quem mantinha correspondência, ao invés de enviar diretamente para um editor. Darwin, percebendo que o trabalho de Wallace tinha similaridades com a teoria que tinha desenvolvido nos últimos vinte anos, decidiu terminá-la e publicá-la rapidamente. Wallace foi o primeiro a propor uma “geografia” das espécies animais e, como tal, é considerado um dos precursores da ecologia e da biogeografia e, por vezes, chamado de “Pai da Biogeografia”. (Nota da *IHU On-Line*)

Neste caso lidamos com teorias, como tais submetidas aos instrumentos de indagação da ciência e, por conseguinte, submetidas aos critérios de verificação e falseamento. Por isso, é erro grave negar a historicidade do fenômeno evolutivo, mas é também erro elevar ao nível de dogma o darwinismo que, ao pelo contrário, é apenas uma teoria proposta para explicar os mecanismos da evolução. Embora importante e aceita pela maioria dos pesquisadores, é sempre uma teoria. Grave erro é fazer dela um instrumento de apologética materialista: é o maior presente que se possa fazer aos fundamentalistas religiosos, porque os limites da explicação seletcionista automaticamente parecem tornar-se também os limites da própria evolução. Permito-me afirmar que hoje os livros de Dawkins são a maior ajuda em favor da difusão dos fundamentalismos religiosos.

IHU On-Line - Quais são as objeções teóricas que faria sobre o ponto de vista de Dawkins, quando diz que a teoria da evolução e a fé em Deus são incompatíveis?

Lodovico Galleni - Direi que confunde trágica e dramaticamente os planos. A fé em Deus como Criador do universo e daquilo que existe não é objeto de indagação da ciência e se baseia em múltiplas razões. Do ponto de vista filosófico, sobra a necessidade de que o que existe no tempo dependa de um Criador externo ao tempo e que, por definição, existe e tira de si mesmo as razões da própria existência. Também se pode assegurar que a natureza possa ser auto-suficiente, mas isto é uma passagem racional que se baseia num ato de fé (a autosustentabilidade da natureza), pelo menos igual ao outro e até no parecer de quem escreve, menos forte do ponto de vista racional.

Além disso, há o segundo aspecto: o fato de que este universo é racionalmente compreensível, isto é, que ele pode ser indagado e descrito em seu funcionamento

através de leis que a mente humana pode reconstruir e definir.

Estes aspectos precedem a indagação do biólogo que procura entender, sobretudo, se a característica da vida é a estabilidade (fixismo) ou a mudança irreversível no tempo (a evolução) e, depois, uma vez acertada a historicidade da evolução, põe-se o problema dos mecanismos que a explicam e dos instrumentos, tanto teóricos quanto experimentais, que a descrevem. Mas querer fazer da evolução um instrumento para discutir no primeiro nível, isto é, se o cosmo se auto-sustenta ou se teve origem de um ente externo, significa fazer do fundamentalismo uma ciência e, por isso, levar a ciência da evolução para o mesmo plano do fundamentalismo criacionista. E isto é um erro trágico. De fato, a discussão sobre a possibilidade de que exista um Deus Criador nada tem a ver com a discussão científica sobre se o universo e a vida sejam estáveis ou mudem com o tempo. É uma importante distinção entre a causa primeira e as causas segundas. A evolução pertence às causas segundas e, embora possa levantar problemas importantes, não pode ser um instrumento para pôr em discussão a necessidade de uma causa primeira.

IHU On-Line - Desígnio inteligente ou mero acaso?
Poderia explicar-nos sua opinião sobre o surgimento da vida?

Lodovico Galleni - A origem da vida é um fenômeno de auto-organização de moléculas não vivas que começam a interagir e adquirem novas capacidades e significados. Elas devem originar estruturas mais complexas e organizadas a um nível superior de organização, e estas novas estruturas devem tornar-se capazes de sobreviver e de reproduzir-se. O fenômeno fundamental é a passagem de um conjunto de moléculas a um sistema vivo, dotado de um código que contenha as informações para sobreviver e reproduzir-se. Por mais complexa que seja esta passagem, isto é um fenômeno natural

indagável com os instrumentos da ciência, embora provavelmente não seja redutível aos meros instrumentos da física e da química, porque o nascimento de informação que gerencia o sistema introduz uma novidade organizativa própria da biologia. Mas trata-se sempre de fenômenos naturais que nada têm a ver com o desígnio inteligente, porque são fenômenos de auto-organização que a ciência pode e deve indagar.

De outra parte, há leis gerais que regulam e introduzem estes mecanismos de autocatálise ou autopoiese, que claramente fogem de mecanismos puramente casuais. O acaso é um termo sempre provisório, que só declara que a ciência ainda não individuou bem as leis gerais que regulam um mecanismo ou induzem um evento. Mas, para superar o problema, é igualmente errado apelar à necessidade de um desenhista inteligente, quando se trata de mecanismos que entram no campo de indagação das ciências experimentais.

IHU On-Line - Partindo do exemplo de Teilhard de Chardin, como pode se dar o diálogo entre fé e ciência? Quais são os avanços que este diálogo pode trazer à humanidade?

Lodovico Galleni - Primordialmente, prefiro falar de diálogo entre ciência e teologia. A ciência é uma reflexão racional sobre a natureza, que parte do pressuposto de que a natureza seja racionalmente cognoscível, enquanto a teologia é uma reflexão racional sobre Deus e sua revelação (pelo menos para as religiões reveladas), que parte do pressuposto de que a revelação seja racionalmente compreensível. O ponto de contato é a razão. Há um grande trabalho que cada uma das duas disciplinas cumpre nos próprios âmbitos, mas há também zonas de superposição que devem ser indagadas com os instrumentos da razão. Por isso, nasceu uma nova disciplina, ciência-e-teologia, que trabalha sobre as zonas de contato. Um dos precursores foi, precisamente,

Teilhard de Chardin que, como paleontólogo, estudou os mecanismos evolutivos e, depois, colocou à teologia as questões (talvez também extremamente novas e aparentemente difíceis) que derivavam de sua pesquisa científica. Por exemplo, o dado biologicamente evidente que o sofrimento, a dor e a morte não entram no mundo como consequência do pecado, mas estão ligados à própria estrutura de um universo em evolução.

Diálogo e interação

Isto abriu um diálogo com a teologia que, não obstante algumas dificuldades, está se demonstrando extremamente fecundo. Mas o melhor diálogo é aquele que reconhece o direito de ambas as disciplinas de interagirem e de sugerirem pistas de pesquisa que, depois, cada uma deve pesquisar, segundo os próprios modelos epistemológicos. No fundo, Teilhard de Chardin levantou também o problema de uma superação de modelos puramente casuais da evolução e procurou os sinais de um mover-se para a vida, para a complexidade e a cerebralização, para propor certa necessidade à emergência do Homem dentro da natureza, necessidade que, para ele, tinha particular importância do ponto de vista teológico. É este o ponto que sugere novos modos para reconstruir as árvores da filogênese, propõe a biologia como a ciência que estuda a complexidade biológica e, também, o problema da evolução em nível de Biosfera. De outra parte, como vimos rapidamente, ele propôs à teologia um novo modo de ler o problema do pecado original e sublinhou a importância da segunda vinda de Cristo como cume do processo evolutivo. Com todos os limites presentes em sua obra e agora já amplamente discutidos, este permanece sendo um exemplo de enriquecimento recíproco entre ciência, filosofia e teologia.

IHU On-Line - E qual é seu ponto de vista sobre a afirmação de Dawkins, o de que a religião pode conduzir à violência e à anticiência?

Lodovico Galleni - É a afirmação mais grave e merece uma resposta aprofundada. Partamos da anticiência. Se, por religião, Dawkins entende a superstição (*religio* em latim), tem certamente razão. No entanto, muitos cientistas também caem na superstição e, com frequência, é a religião corretamente entendida que os salva de uma visão supersticiosa da vida. Se, ao contrário, Dawkins se refere em geral às religiões (como, com efeito, parece querer fazer), erra porque não conhece a história.

Se posso referir-me em particular à religião cristã (que é a que melhor conheço), a ciência sempre foi vista com favor precisamente porque libertava o homem da superstição e da magia. Dá testemunho disso o grande número de cientistas crentes que, entre outras coisas, frequentemente desenvolveram importante trabalho de divulgação e ensino.

Mais dramática é a referência à violência. É verdade que o século XX foi o século da violência atea, frequentemente baseada em filosofias pseudocientíficas, como a eugenia e a supremacia da raça ou sobre necessidades da assim chamada luta de classes, mas, sem dúvida, também as religiões do livro não foram isentas da violência ou apoiaram governos e regimes que usaram a violência, como, a lastimar-se, aconteceu precisamente na América Latina. Mas, precisamente na América Latina, o grande número de mártires, do Monsenhor Romero³⁹ ao

³⁹ **Óscar Arnulfo Romero y Galdámez** (1917-1980): conhecido como Monseñor Romero, foi sacerdote católico salvadoreño, quarto arcebispo metropolitano de São Salvador. Tornou-se célebre por suas prédicas em defesa dos direitos humanos. Morreu assassinado no exercício do ministério pastoral. Sobre Romero, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada "Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros". Na mesma data, nosso site publicou a

padre Rutilio Grande⁴⁰, passando pelo padre Ellacuría⁴¹, até o recente martírio de Dorothy Stang⁴² e de tantos outros, é a demonstração que as religiões também sabem ser inspiradoras de paz e sabem estar do lado do oprimido.

IHU On-Line - Por que existe a idéia que os cientistas devem necessariamente ser ateus?

notícia “Ignácio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁰ **Padre Rutilio Grande García, S.J. (1928-1977):** sacerdote jesuíta natural de El Salvador, defensor da Teologia da Libertação e amigo do Monsenhor Óscar Arnulfo Romero. Foi assassinado em 1977, junto com outros dois salvadorenos, fato que impulsionou Romero a insistir que o governo investigasse a ação e mudar o papel da Igreja e do indivíduo na política. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ **Ignácio Ellacuría:** filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada “Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros”. Na mesma data, nosso site publicou a notícia “Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Dorothy Mae Stang (1931-2005):** freira norte-americana, naturalizada brasileira. Pertencia à congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Namur. Em 1966, iniciou seu ministério no Brasil, na cidade de Coroatá, no Estado do Maranhão. Atuou ativamente nos movimentos sociais no Pará. Sua participação em projetos de desenvolvimento sustentável ultrapassou as fronteiras da pequena Vila de Sucupira, no município de Anapu, no Pará, ganhando reconhecimento nacional e internacional. A religiosa participava da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) desde a sua fundação. Defendia uma reforma agrária justa. Irmã Dorothy Stang foi assassinada, com sete tiros, aos 73 anos de idade, no dia 12 de fevereiro de 2005, a 53 quilômetros da sede do município de Anapu. Para maiores detalhes sobre o fato, consulte as *Notícias do Dia* dessa data, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Lodovico Galleni - Porque, infelizmente, como eu acabo de dizer, não se conhece suficientemente a história da ciência. De fato, não foram muitos os cientistas que fizeram profissão absoluta de ateísmo. Quando muito, têm sido agnósticos. Muitos, no entanto, eram e são crentes. Baste recordar que o evolucionismo darwiniano recebe sua base genética da obra de um monge agostiniano, Gregor Mendel⁴³, ou que o modelo do Big Bang⁴⁴ tenha sido calculado por um sacerdote belga, o Padre Lemaître⁴⁵. Também entre os próprios

⁴³ **Gregor Johann Mendel (1822-1884):** monge agostiniano, botânico e meteorologista austriaco. Desde a infância, costumava observar e estudar as plantas. Aos 21 anos, ingressou num mosteiro da Ordem de Santo Agostinho na atual República Checa, em Brno. Aí Mendel tinha a seu cargo a supervisão dos jardins do mosteiro. Dedicou-se ao estudo do cruzamento de muitas espécies, como feijões, chicória, bocas-de-dragão, plantas frutíferas, abelhas, camundongos e, principalmente, ervilhas cultivadas na horta do mosteiro onde vivia analisando os resultados matematicamente, durante cerca de sete anos. Gregor Mendel, “o pai da genética”, como é conhecido, foi inspirado tanto pelos professores como pelos colegas do mosteiro que o pressionaram a estudar a variação do aspecto das plantas. Propôs que a existência de características (tais como a cor) das flores é devido à existência de um par de unidades elementares de hereditariedade, agora conhecidas como genes. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁴ **Big Bang:** a teoria do Big Bang, ou Grande Explosão, foi sugerida primeiramente pelo padre cosmólogo belga Georges-Henri Édouard Lemaître (1894-1966), quando expôs uma teoria propondo que o Universo teria tido um início repentino. A teoria do Big Bang não é um acontecimento igual a uma explosão da forma que conhecemos, embora o Universo observável com a ajuda das lentes dos modernos telescópios espaciais ainda descreva um resultado de explosão (uma fuga cósmica) não quer dizer que algo explodiu ou que uma explosão foi a causa dessa dilatação ainda observada. Dizem ainda que não faz nenhuma predição sobre a uniformidade do Universo logo após a explosão. Dessa forma, o que sabemos é que embora a Teoria do Big Bang seja a mais aceita hoje pelos cientistas, ela possui contradições que não podem explicar alguns pontos. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Georges-Henri Édouard Lemaître (1894-1966):** padre católico, astrônomo e físico belga. O asteroide 1565 Lemaître foi assim chamado em sua homenagem. Lemaître estudou Matemática e Ciências Físicas na Universidade de Louvain. Entrou no seminário em 1920 para ser ordenado padre em 1923. Em seguida, interessou-se particularmente pela Teoria da Relatividade de Albert Einstein, que ele encontra

darwinistas que contribuíram à assim chamada Síntese Moderna, a revisão da Teoria da Evolução, que ocorre por ocasião da Segunda Guerra Mundial, Teodosius Dobzhanski se declarava abertamente cristão e afirmava esperar que a evolução fosse um mover-se para certa cidade de Deus.

***IHU On-Line* - Qual é o lugar de Deus na sociedade contemporânea?**

Lodovico Galleni - Infelizmente, a sociedade contemporânea está se esquecendo de Deus e, de outra parte, a Igreja parece fechar-se em relação à sociedade contemporânea. As páginas da constituição conciliar *Gaudium et Spes*⁴⁶ parecem distantes e, no fundo, foram escritas há somente quarenta anos e eram as páginas do diálogo. No número quarenta e quatro, a *Gaudium et Spes* sublinha, de fato, “Como é importante para o mundo que ele reconheça a Igreja como realidade social da história e de seu fermento, assim também a Igreja não ignora quanto ela tenha recebido da história e do

diversas vezes. Trabalhou no Observatório de Cambridge sob a direção de Arthur Stanley Eddington, e depois no Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde redigiu sua tese sobre os campos gravitacionais da Relatividade Geral. Retornou à Bélgica em 1925, onde foi nomeado professor na Universidade de Louvain, onde ensina até 1964. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ *Gaudium et Spes*: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a quarta das Constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento muitíssimo importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma) “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o n° 124 da *IHU On-Line*, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da Lumen Gentium. (Nota da *IHU On-Line*)

desenvolvimento do gênero humano. A experiência dos séculos passados, o progresso da ciência, os tesouros escondidos nas várias formas de cultura humana, através dos quais se desvela mais plenamente a própria natureza do homem e se abrem novos caminhos para a Verdade, tudo isso é vantajoso também para a Igreja”.

No fundo, os Padres conciliares solicitavam ao mundo que ele reconhecesse a Igreja como fonte de fermento na sociedade, mas, de outra parte, solicitavam à Igreja que reconhecesse os dons recebidos do diálogo com o mundo e, entre estes, o progresso da ciência. Infelizmente, este diálogo, após a morte do Papa Paulo VI⁴⁷, não se consolidou, mas assistimos a um fechamento recíproco que hoje está mostrando suas trágicas conseqüências. O mundo necessita, de fato, da Igreja, mas a Igreja também necessita do mundo e precisa reconhecer o sopro do Espírito presente na história humana.

Paradoxalmente, os espaços onde mais intensamente permaneceu aberto o diálogo são precisamente aqueles da ciência. Seja prova disso a total e completa aceitação por parte da teologia cristã do fato evolutivo como descrição científica da criação.

***IHU On-Line* - Que tipo de cristianismo é possível em nossa sociedade atual?**

Lodovico Galleni - O problema fundamental é aquele de um cristianismo mais aberto ao diálogo. Um cristianismo mais aberto ao diálogo no seu interior, com a retomada do diálogo ecumênico que valorize a presença de Deus nas igrejas, sem uma igreja em particular que se considere a única depositária da verdade. Também, neste caso, a verdade nasce do diálogo e do serviço entre as igrejas. O ecumenismo não

⁴⁷ **Paulo VI** (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da *IHU On-Line*)

é entendido simplesmente como um retorno das outras igrejas ao rebanho. Além disso, um cristianismo baseado no diálogo com as outras culturas, um diálogo verdadeiro que tenha a defesa do homem como primeiro ponto de referência, porque somente assim poderá ser instrumento de anúncio da salvação eterna.

Somente salvando o homem concreto da injustiça, da fome, da violência e da guerra, se poderá depois anunciar o Reino de Deus. É também um cristianismo que dialoga na base de um projeto comum de defesa da pessoa humana com as outras culturas, mas, pondo sempre em primeiro plano a defesa do homem, em particular do pobre, do oprimido, do deserdado e também de todos aqueles direitos que estão sintetizados na Declaração Universal dos Direitos do Homem, em cuja elaboração, não por acaso, participou também o filósofo católico Jacques Maritain⁴⁸.

IHU On-Line - De que modo a igualdade e a democracia podem consolidar-se numa sociedade como esta em que vivemos?

Lodovico Galleni - Esta seja talvez a pergunta mais difícil. A Europa teve a sorte de viver no segundo pós-guerra a experiência reformadora dos partidos de inspiração democrático-cristã e personalista. A eles se deve um forte impulso à unificação Européia (os pais

⁴⁸ Jacques Maritain (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão* (São Paulo: Paulus, 1999). Sobre Maritain, confira o recém-lançado *Maritain à contre-temps: Pour une démocratie vivante* (Paris: Desclée de Brouwer, 2007), do filósofo jesuíta Paul Valadier. (Nota da *IHU On-Line*)

fundadores da Europa, Schuman⁴⁹, De Gasperi⁵⁰ e Adenauer⁵¹ eram todos os três democratas cristãos), junto à tentativa de conjugar as liberdades econômicas também com uma forte abertura social. Embora este impulso tenha sido em parte perdido, e a experiência política se possa dizer encerrada, permanece, no entanto, o fato de que a grande ocasião histórica da unificação foi realizada e se vai para um processo de formação de uma entidade supranacional, a União Européia, que cria condições de paz na medida em que os novos países entrem na União. E, no fundo, a unificação de um continente sacudido por séculos e séculos de guerras, que se realiza com instrumentos pacíficos, que também procuraram salvaguardar a justiça social, foi um momento importante do ponto de vista histórico. Foi, talvez, a mais alta tentativa de conjugar igualitarismo (ou melhor, um projeto de forte abertura social) com a democracia. Em particular na Itália, a constituição italiana é (segundo Giorgio La Pira⁵², um dos membros da assembleia constituinte para a Democracia Cristã) foi o mais importante resultado do personalismo cristão, precisamente porque no personalismo cristão foi encontrado o justo equilíbrio entre as constituições do

⁴⁹ Robert Schuman (1886-1963): político francês, democrata-cristão, ministro das Relações Exteriores em 1950. Foi um dos “pais” da União Européia, ao lado de Konrad Adenauer, Jean Monnet e Alcide De Gasperi. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁰ Alcide De Gasperi (1881-1954): político italiano que, junto com Konrad Adenauer, Robert Schuman e Jean Monnet, é considerado um dos pais da União Européia. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵¹ Konrad Adenauer (1876-1967): político alemão, advogado e prefeito de Colônia. Foi chanceler da República Federal da Alemanha de 1949 a 1963 e presidente do Partido Democrata Cristão (CDU). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² Giorgio La Pira (1904-1977): político italiano. Formou-se professor de Direito Romano. Escreveu livros fundamentais sobre a questão social, a pessoa humana e a política cristã. Perseguido pela Gestapo, a polícia nazista dos anos 1943/44, foi deputado e membro do governo italiano após a Guerra. Dialogou com a Rússia de Stalin e o Vietnã de Ho Chi Minh. (Nota da *IHU On-Line*)

liberalismo tradicional e as do socialismo dos países comunistas.

De outra parte, Giovanni Gronchi⁵³, outro expoente da ala social da Democracia Cristã, em seus discursos da América apresentava o modelo europeu como modelo de um projeto fortemente radicado nos valores da solidariedade social. Assim, é retomando um projeto personalista que se poderá, de novo, desenvolver verdadeiramente um processo de consolidação da Democracia. Mas o problema é que os tempos são curtos, as forças que, de uma parte e da outra, se desinteressam pela centralidade da pessoa, são sempre mais fortes, a Igreja Católica perdeu o impulso do Concílio Vaticano II e das grandes encíclicas de Paulo VI e João XXIII. Há, infelizmente, um fechamento da Igreja sobre si mesma, com a consequência de que não sabe mais colher os sinais dos tempos e pôr-se em nível e referência de um novo projeto para o futuro. Teilhard de Chardin sublinhava a necessidade de construir a Terra e Cristo Jesus, e esta construção devia ocorrer na justiça e na paz. Também na América Latina, esta perspectiva mobilizou forças e projetos e foi assinalada também pelo sangue dos mártires. Mas e agora? Que perspectiva estamos criando, agora que os tempos são de novo restritos e um projeto de justiça social para todos parece distanciar-se ante uma globalização que vê como únicos motores o lucro e o livre mercado? Devemos novamente perguntar-nos, ainda com mais força, para qual futuro andamos?

⁵³ Giovanni Gronchi (1887-1978) político e terceiro presidente da República Italiana, eleito em 29 de abril de 1955. (Nota da *IHU On-Line*)

A fúria do ateísmo contemporâneo tem cariz quase religioso

ENTREVISTA COM JOÃO VILA-CHÃ

A maior objeção do filósofo português João Vila-Chã aos novos profetas do ateísmo, como Dawkins, Dennet e Harris, “tem a ver com o oportunismo da sua atitude, a qual, para mim, consiste sobretudo em tratar o problema de Deus como se este fosse um problema de Ciência (empírica, entenda-se), quando na realidade se trata de um problema teológico e filosófico”. Ele completa, dizendo que o ateísmo não é o problema maior destes autores, mas “a militância com que o promovem, baseados não em pura e rigorosa argumentação, mas no coligir, por vezes de forma muito estranha, meias-verdades, ou até puras não-verdades, para espalhar, com o vento das suas credenciais no campo da ciência, uma doutrina sem fundamento e, sobretudo, sem verdade”. As afirmações podem ser conferidas na íntegra na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.



Licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa (UCP), obteve o Diplom-Hauptprüfung (Katholischer Theologie), na Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen em Frankfurt am Main, Alemanha, com a tese Theologie und Kirche: Erik Petersons Program ‘konkreter Theologie’. É doutor em Filosofia, pelo Boston College, com a tese Amor intellectualis? Leone Ebreo (Judah Abravanel) and the intelligibility of love. É diretor da Revista Portuguesa de Filosofia desde 2000, e leciona Filosofia da Religião e História do Pensamento Contemporâneo na UCP, na Faculdade de Filosofia. Entre inúmeras outras atividades, foi diretor do Centro de Estudos Filosóficos dessa Faculdade (2001-2007), e é, atualmente, o diretor do Programa Integrado de Mestrado e Doutorado em Filosofia da Religião na UCP. É também membro do conselho científico das Revistas Síntese, de Belo Horizonte, Brasil, e Pensamiento, de Madrid. Esteve recentemente no Brasil, ocasião em que foi conferencista plenário com o tema A religião e a dinâmica de sua manifestação: A oração como tema da fenomenologia no II Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião, realizado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG) e na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, de 5 a 8 de novembro.

IHU On-Line - Quais são suas maiores objeções aos

atuais profetas do ateísmo: Dawkins, Daniel Dennet⁵⁴, Sam Harris⁵⁵?

⁵⁴ Daniel Clement Dennett (1942): filósofo norte-americano, cujas pesquisas estão direcionadas à filosofia da mente e da biologia. Sobre

João Vila-Chã - A minha maior objeção a estes autores tem a ver com o oportunismo da sua atitude, a qual, para mim, consiste sobretudo em tratar o problema de Deus como se este fosse um problema de Ciência (empírica, entenda-se), quando na realidade se trata de um problema teológico e filosófico. Por outras palavras, a minha crítica vai no sentido de dizer que estes autores, por melhores cientistas que sejam, ou possam ter sido, não fazem mais do que usar as credenciais que, obviamente, têm, para espalhar, em alguns casos de forma extremamente militante e “religiosa”, a sua visão ateísta do mundo. Para mim, o problema maior não é o ateísmo destes autores; é, isso sim, a militância com que o promovem, baseados não em pura e rigorosa argumentação, mas no coligir, por vezes de forma muito estranha, meias-verdades, ou até puras não-verdades, para espalhar, com o vento das suas credenciais no campo da ciência, uma doutrina sem fundamento e, sobretudo, sem verdade.

IHU On-Line - A substituição do fundamentalismo religioso pelo fundamentalismo ateísta seria a principal fragilidade teórica desses autores?

João Vila-Chã - Sim, estou de acordo que, em grande medida, o que estes autores fazem é substituir o fundamentalismo religioso por um, não menos militante, fundamentalismo ateu. Penso, de fato, que o fundamentalismo, religioso ou ateu, é profundamente problemático, isso porque se trata de uma posição insustentável teoricamente, que se auto-contradiz. Para mim, fundamentalista é todo aquele/a que pela sua atitude e posição passa necessariamente de uma hiper-afirmação do seu “objeto” a uma pura e simples negação

do mesmo. Ou seja, o ateísmo militante e fundamentalista é uma contradição nos termos, pois luta, e isso militantemente, contra uma realidade que, segundo diz, é não existente. Logo, se o seu objeto é não existente, então também é não existente a razão de ser da sua militância. Na verdade, o ateu, se o é de verdade, não pode senão afirmar o objeto da sua negação, ou seja, Deus. O ateísmo militante desses autores, portanto, parece-me uma causa perdida e sem sentido, pois, quixotescoamente, lutam contra algo que dizem não existir...

IHU On-Line - Quais são os riscos e as oportunidades que se descortinam em destronar Deus e em seu lugar colocar o homem?

João Vila-Chã - Todas as posições que, ao longo da história, quiseram destronar a Deus para colocar em seu lugar o Homem - pensemos, por exemplo, para não irmos mais longe, no comunismo e no nazismo - acabaram, na prática efetiva da História, por destruir, milhões de vezes, a humanidade - e a dignidade - mesma do ser humano. Por isso, com razão falava Henri de Lubac⁵⁶ da “tragédia do Humanismo sem Deus”, ou seja, do Humanismo Ateu. É que Deus não é, nem nunca pode ser, o inimigo ou o concorrente do ser humano. Pelo contrário, Deus é a instância de sentido que permite com que o ser humano mais e melhor descubra e experimente a grandeza e a profundidade da sua mesma Humanidade. Por outras palavras, sem Deus o homem não é, nem pode ser, verdadeiramente Homem; sem Deus, ele será sempre menos que si próprio, um ser-em-deficiência. Com Deus, porém, o ser humano encontra a raiz da sua própria autenticidade, da verdade mais profunda do seu ser. Nesse sentido, diria que negar Deus é, no fundo,

ele, confira a matéria “As 6 questões que mobilizam as grandes mentes”, publicada pelo site do IHU, www.unisinos.br/ihu, em 08-01-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁵ Sam Harris (1967): escritor norte-americano, autor de *The end of faith* (2004) e *Cartas à nação cristã* (2006). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁶ Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. (Nota da *IHU On-Line*)

negar a própria humanidade do ser humano. A “morte de Deus”, se fabricada pelo Homem, não pode senão redundar na própria “morte do Homem”. A prová-lo estão as grandes tragédias do século XX, um século que como nenhum outro se quis ateuista e que, na realidade, deixou atrás de si um rasto ensanguentado pelas vidas roubadas de dezenas e dezenas de milhões de vidas humanas sacrificadas no altar dos negadores de Deus. Aliás, como dizia Dostoiévski, se Deus não existe, então tudo deve ser permitido... até mesmo a negação da nossa própria humanidade. Por isso, acrescento: promover o ateísmo é um contra-senso, é correr um risco sumamente grande e perigoso; o homem sem Deus, tendencialmente, transforma-se num verdadeiro agressor e violentador da sua própria natureza. Não há maior erro do que pensar que o ateísmo é uma posição libertadora; não o é, a não ser que o digamos em relação às paixões mais baixas e sanguinárias do ser humano. O ateísmo é perigoso; por experiência, sabemos que, muito mais do que a “religião”, o ateísmo mata...

IHU On-Line - O que essa fúria anti-religiosa demonstra sobre a racionalidade contemporânea? A razão do ser humano contemporâneo exacerbou-se a ponto de torná-lo cego às manifestações do divino que o cercam?

João Vila-Chã - A fúria do ateísmo contemporâneo não é só anti-religiosa; como disse antes, o ateísmo militante com que hoje nos confrontamos tem um cariz quase religioso. Evidentemente, ao falar aqui de “religião”, estou a usar o termo em sentido figurado. Neste caso, oponho religião e fé, tal como o fazia Dietrich Bonhoeffer no seu tempo. Acreditar em Deus, no sentido cristão do termo, é confiar em Alguém; é, portanto, literalmente, um ato de Fé. E, nesse sentido, a Fé não se opõe à razão. Acreditar em Deus - tal como acreditar em qualquer outro *alguém* - não implica uma suspensão da razão; quem acredita em Deus leva a razão aos seus

últimos limites, mas sabe que o seu ato de confiança, embora não possa ser contradito pela razão, está para além, infinitamente para além, da razão. Por isso, digo também que o ateísmo militante não tem a ver com um hiper-uso da razão, mas apenas com um uso deficiente, e incompleto, da faculdade racional que diferencia o ser humano de todos os outros seres da natureza. A pessoa de fé não tem medo do ato inteligente; o crente não é aquele ou aquela que coloca a razão entre parêntesis, mas apenas aquele ou aquela que sabe que a razão não é tudo. A plenitude da vida e do sentido só se alcança num ato trans-racional, numa afirmação que vai para além da instrumentalidade da razão. Ou seja, a razão tem de ser afirmada, em modo pascaliano, enquanto possuidora de dimensões que ela própria, sempre mais, desconhece. O ato de fé, portanto, assenta sobre a razão, mas numa razão estruturalmente aberta, exercida numa autêntica relação de transcendência.

IHU On-Line - Que tensões ainda persistem entre religião e ciência? Como o diálogo entre ambas pode fazer avançar a humanidade?

João Vila-Chã - As tensões que persistem neste campo são essencialmente derivadas da incompreensão mútua entre ciência e religião. Dada a extraordinária importância da ciência - o aparecimento da ciência moderna e do método experimental, no século XVII, constitui, sem dúvida, um dos acontecimentos mais extraordinários e ricos de consequências em toda a história da humanidade - e a não menor importância da religião na vida de milhões e milhões de pessoas em todo o mundo, eu diria que não há na atualidade diálogo mais importante e necessário do que o diálogo entre a religião e a ciência. Mas para que este diálogo possa acontecer duas condições fundamentais são necessárias: 1) Que a ciência respeite a autonomia da religião; 2) Que a religião respeite a autonomia da ciência. Ou seja, o diálogo é imprescindível e absolutamente necessário,

mas ele tem de acontecer na base de que a ciência não pode ser instrumentalizada pela religião, e de que a religião precisa ser respeitada pela ciência. Em suma, o diálogo acontecerá e será profícuo sempre que a religião não quiser se confundir com a ciência e sempre que esta não se deixar confundir com a religião. Nesse sentido, a tensão que existe entre ciência e religião pode ser salutar e vantajosa para ambas. O que não se pode aceitar é que da ciência se faça religião, ou que as proposições da religião se transformem em “fundamentos” para a prática da ciência.

IHU On-Line - É preciso racionalizar Deus “entregando-lhe um compasso”, ou fé e razão podem ser conciliadas sem que uma adentre o território da outra?

João Vila-Chã - A meu ver, o que é preciso é entender que só uma razão aberta à diferença e à complexidade pode ser capaz de articular a questão de Deus. Mas Deus não é, como dizia Karl Rahner⁵⁷, nem pode ser, uma

⁵⁷ **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são *Geist in Welt (O espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*, 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens (Curso fundamental da Fé)*, 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner e a edição 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28-04-2004, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26-04-2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do

fórmula científica. Deus é um mistério que quanto mais se conhece mais se tem de desejar conhecer. Deus nunca pode, por isso, ser considerado como um “objeto” do nosso conhecimento. Deus é a esfera envolvente, o de-onde e o para-onde (Rahner) de toda a nossa capacidade de inteligibilidade e de ação. Assim, com um entendimento adequado da realidade a que damos o nome “Deus”, podemos dizer que a fé e a razão se interpenetram: quanto mais racional, mais apto para a fé; quanto mais crente, mais disposto para o trabalho efetivo da razão.

IHU On-Line - Ainda persiste o embate entre o desígnio inteligente, o acaso e a evolução como explicações para a origem da vida. A que posicionamento o senhor mais se inclina e por quê?

João Vila-Chã - Sim, este é um debate que continua a afetar enormemente o processo das relações entre ciência e religião. Pessoalmente, não tenho qualquer problema em aceitar a Teoria da Evolução como modelo explicativo das diversas formas de vida. Cientificamente, hoje não restam grandes dúvidas acerca da intuição científica de Charles Darwin. Mais dificuldade tenho em aceitar as teorias do caos como explicação para a origem da vida. Para mim o ponto crucial é este: como explicar que da desordem tenha surgido a ordem, de que a vida é suprema manifestação? Como é que do menos organizado surge o mais organizado? Nesse sentido, a teoria da evolução, por si só, é insuficiente. Concordo que, cientificamente falando, não podemos, para além da miríade de explicações existentes, dizer muito mais do que aquilo que a teoria da evolução nos oferece. A questão das origens, portanto, é muito mais do que uma questão de ciência; ela é uma questão metafísica por

centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo “Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner”, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

excelência. E, metafisicamente falando, não me parece ser possível dizer algo sobre a origem da vida que não passe, necessariamente, pela afirmação de um Ser Absoluto, pura Inteligência, criador de tudo quanto existe e, portanto, explicação última para o fato de que, contra todas as probabilidades, há ser, há vida...

IHU On-Line - Qual é a validade de usar argumentos que consideram a religião como manifestação de infantilidade ou projeção antropocêntrica para desqualificá-la?

João Vila-Chã - As objeções de autores como Ludwig Feuerbach, Karl Marx⁵⁸, Friedrich Nietzsche ou Sigmund Freud contra a religião são potentes e profundas. Mas não conseguem nunca, a meu ver, desqualificar a religião, considerando-a como uma mera projeção do ser humano. De fato, se a religião não fosse mais do que uma manifestação de infantilismo, por que razão haveríamos nós de estar aqui, neste momento, a dialogar sobre a mesma? A meu ver, a religião não é apenas uma projeção que o ser humano faz de si mesmo, ainda que também o possa ser; a religião é, sobretudo, a expressão de uma dimensão incontornável do ser humano, a saber, a dimensão constituída pela sua permanente busca de Sentido - sentido do mundo, sentido da vida, sentido de si mesmo. A questão do Sentido afeta a ciência, mas não pode ser respondida pela ciência apenas; a questão é do domínio do saber, não do cálculo. Por isso, a religião, tanto como a Filosofia, tem necessariamente de

permanecer como uma esfera aberta, como uma instância de diálogo e, sobretudo, de busca permanente. O fundamento da religião, portanto, é a busca do sentido. E esta, enquanto existirem seres humanos sobre a Terra, será uma questão que transcende todas as questões a que a ciência possa responder. Portanto, enquanto houver seres humanos sobre a Terra, haverá sempre religião.

⁵⁸ **Karl Heinrich Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU. A palestra "A Utopia de um novo paradigma para a economia" foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23-06-2005. O **Caderno IHU Idéias** edição número 41 teve como título **A (anti)filosofia de Karl Marx**, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

“Em vez de reduzir a influência do fundamentalismo, Dawkins está piorando as coisas”

ENTREVISTA COM ALISTER MCGRATH

Dawkins faz uma crítica simplista à religião que terá apelo a muita gente. “Dawkins quer que as pessoas acreditem que a religião é intrinsecamente violenta, em parte porque isso compensa seus argumentos intelectuais muito fracos contra a crença em Deus. Uma vez que Dawkins é incompetente para mostrar que a crença em Deus é intelectualmente errada, ele tenta mostrar, em vez disso, que a religião é má”. A invectiva é endereçada a Richard Dawkins por seu colega de Oxford, Alister McGrath, que, em parceria de sua esposa Joanna, escreveu a obra O delírio de Dawkins. Uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins (São Paulo: Mundo Cristão, 2007). Numa entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line, McGrath foi categórico ao dizer que Dawkins oferece a seus leitores em Deus, um delírio, uma manipulação de fatos e pouca análise científica. O resultado é que, “em vez de reduzir a influência do fundamentalismo, Dawkins está piorando as coisas”. Dawkins, que será entrevistado em breve pela IHU On-Line, precisará fazer algumas peripécias teóricas para responder às críticas de McGrath.



Ex-ateu nascido em Belfast, Irlanda do Norte, McGrath é professor de teologia histórica da Universidade de Oxford e pesquisador sênior do Harris Manchester College. Ele garante que não somos acidentes cósmicos nem “resultados indesejados de um processo aleatório. Cada um de nós importa para Deus, e no conhecer Deus, encontramos o verdadeiro propósito da vida”. Ele também é doutor em biofísica molecular e teologia pela Universidade de Oxford. Seu interesse principal se concentra na história do pensamento cristão, com ênfase particular na relação entre as ciências naturais e a fé cristã. Em seu site <http://users.ox.ac.uk/~mcgrath/> é possível conferir detalhes sobre seu pensamento, publicações e trajetória acadêmica.

IHU On-Line - Quais são suas principais contestações às concepções de Dawkins sobre a religião?

Alister McGrath - Dawkins está interessado apenas em criticar a crença em Deus, não em compreendê-lo. Dawkins mostra a religião sob a pior luz possível, mostrando erroneamente suas idéias e práticas. Ele parece assumir que seus leitores sabem tão pouco sobre fé e prática religiosas que irão aceitar suas más

representações sem questionar. Por exemplo, Dawkins sugere que não seja permitido que os pais ensinem mais as crianças sobre a “verdade da Bíblia” que “arrancar os dentes de seus filhos”.

IHU On-Line - Em seu ponto de vista, aproximar religião e violência como corolários é um dos equívocos de Dawkins.

Por que ele faz essa aproximação?

Alister McGrath - Porque é uma crítica simplista da religião que terá apelo para muita gente. Dawkins quer que as pessoas acreditem que religião é intrinsecamente violenta, em parte porque isso compensa seus argumentos intelectuais muito fracos contra a crença em Deus. Uma vez que Dawkins é incompetente para mostrar que a crença em Deus é intelectualmente errada, ele tenta mostrar, em vez disso, que a religião é má.

IHU On-Line - Porque o senhor afirma que há pouca argumentação científica no livro de Dawkins?

Alister McGrath - Dawkins oferece a seus leitores uma altamente seletiva manipulação dos fatos para um pensamento cuidadoso e baseado em evidências. Curiosamente, há pouca análise científica em *Deus, um delírio*. Há muita especulação pseudocientífica, muita da qual baseada em sua própria idéia de “meme”⁵⁹, a qual não é levada a sério pela comunidade científica.

IHU On-Line - Você e Dawkins traçaram rumos intelectuais distintos - você era ateu e se tornou cristão, e Dawkins era cristão e se tornou ateu. Como chegaram a conclusões tão diferentes com base na reflexão sobre o mesmo mundo?

Alister McGrath - Porque nem a razão humana nem o mundo natural nos forçam a ser ateístas ou cristãos. São ambos ambíguos, e podem ser interpretados de modo cristão ou ateu. A meu ver, o cristianismo dá muito mais sentido à razão humana e ao mundo natural que qualquer outra coisa. É a “melhor explicação” daquilo que observamos. Eu costumava achar que o ateísmo era a melhor explicação para as coisas, mas não acredito mais nisso. Em parte, isso se deve ao meu profundo

59 “Meme” foi o termo inventado por Richard Dawkins, em *O gene egoísta*. Significa uma idéia isolada que se reproduz a partir de pessoas e redes tecnológicas (a Internet, por exemplo). A “meme” é a unidade mínima da memória. Coloquialmente, um “meme” é uma idéia espalhada de cérebro a cérebro. O estudo desse tipo de transferência de informação é uma ciência chamada “Memética”. (N. da T.; Fontes: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>> e verbete “Meme” em <<http://www.asseptic.org/pages/blogossario/>>)

entendimento da filosofia das ciências, a qual me ajudou a perceber que o tipo de abordagem ateísta da ciência natural que encontramos em Dawkins não pode se sustentar.

IHU On-Line - Que livros o senhor leu que o despertaram de seu “sono dogmático” ateu? Porque usa essa expressão, em específico, tributária de David Hume⁶⁰, um ateu declarado?

Alister McGrath - Usei a figura do “sono dogmático” para criar a idéia de que eu estava travado em um modo ateu de pensar, e fiquei tão acostumado com isto que interpretei o mundo automaticamente em categorias ateístas. Foi falar com cristãos, especialmente aqueles que são cientistas naturais, que me fez perceber que havia outras formas de ver as coisas. Mais tarde, comecei a ler importantes livros cristãos, incluindo alguns do escritor C. S. Lewis⁶¹.

IHU On-Line - Como podemos entender a tentativa paradoxal de Dawkins de combater o fundamentalismo religioso através de um fundamentalismo ateu?

Alister McGrath - Isto é um processo complicado. Dawkins está tão certo de suas próprias crenças e tão convencido de que qualquer um que acredite em Deus esteja iludido, que acaba se tornando o próprio fundamentalista. O que precisamos é de menos fundamentalistas de qualquer tipo, sejam religiosos ou anti-religiosos. Em vez de reduzir a influência do fundamentalismo, Dawkins está piorando as coisas. Alguns ateus/ateístas argumentam que o ateísmo não pode ser fundamentalista - mas isso é ignorar a idéia de que o fundamentalismo envolve certas convicções psicológicas

⁶⁰ **David Hume** (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶¹ **Clive Staples Lewis**, conhecido hoje pela sua série de livros para crianças *As crônicas de Nárnia*, que inspiraram um filme recente, foi um escritor e autor irlandês que desenvolveu trabalhos de apologia cristã. (N. da T.; Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Clive_Staples_Lewis>)

absolutas, o que leva as pessoas a tratar aqueles com crenças alternativas [outras crenças] como irracionais, mentalmente doentes, ou moralmente degenerados. Essa é a abordagem que encontramos em *Deus, um delírio* de Dawkins.

IHU On-Line - E como compreender a seletividade dos argumentos de Dawkins? Podemos dizer que ele procede como Nietzsche em *O anticristo*, onde usa apenas duas passagens da Bíblia para construir toda a sua crítica?

Alister McGrath - Dawkins é altamente seletivo, apenas citando evidências que confirmem seus propósitos, e minimizando ou ridicularizando contra-evidências. Sua relação com a Bíblia é fatalmente incorreta e muito desapontadora, e demonstra pouco conhecimento de como os cristãos interpretam o texto.

IHU On-Line - Se Dawkins não se baseia em Freud para dizer que Deus é uma infantilidade, esse é um argumento gratuito? Há alguma influência de Feuerbach nos escritos de Dawkins?

Alister McGrath - Dawkins não cita nem Freud nem Feuerbach, mas seus argumentos são claramente dependentes dos deles. Seus próprios argumentos altamente artificiais e não-persuasivos são apresentados como se fossem baseados em evidências científicas. Na verdade, suas teorias das origens biológicas da religião são exageradamente especulativas. Seus argumentos são altamente inconsistentes e especulativos, e muito pobremente embasados em evidências.

IHU On-Line - Com base nas idéias de Gould, poderia explicar como a natureza pode ser interpretada como teísta ou ateuista, ambas interpretações possibilidades intelectuais genuínas para a ciência? Então Deus e ciência são compatíveis?

Alister McGrath - Gould argumenta que a ciência é simplesmente incompetente para interpretar a questão de Deus. A ciência não pode demonstrar que haja um Deus nem

demonstrar que não haja. Essas decisões devem ser tomadas em outros níveis. Dawkins defende que as ciências naturais levam ao ateísmo. Ele, portanto, tem que acreditar que todos os verdadeiros cientistas sejam ateus, o que é claramente impossível de defender. Este é amplamente considerado como sendo um de seus mais não-persuasivos e insatisfatórios argumentos. Como muitos proeminentes cientistas têm mostrado, não é difícil integrar fé e ciência. Muitos cientistas ateus acreditam que Dawkins esteja desacreditando tanto a ciência quanto o ateísmo com sua insistência dogmática a respeito da ciência ser hostil à fé.

IHU On-Line - O senhor poderia explicar com mais detalhes sua idéia sobre a importância da fé cristã como propósito da vida por detrás do universo e da vida de cada indivíduo?

Alister McGrath - A ciência esclarece mecanismos, mas não descobre significados. Ela não responde às grandes questões da vida como “por que estamos aqui?” ou “qual o propósito da vida?”. Estas são questões importantes, e elas importam para as pessoas. O cristianismo nos dá um novo modo de enxergar as coisas - a nós mesmos e o mundo no qual vivemos. Nos mostra que somos especiais aos olhos de Deus, que somos importantes para ele. Nos ajuda a compreender o que há de errado conosco, e o que podemos fazer para transformar as coisas. Para mim, o Salmo 8 é um dos mais importantes ditos a respeito da identidade e propósito humanos, e o acho imensamente útil quando penso nessas coisas. Ele nos fala de um Deus que nos criou e se importa conosco - um tema que é desenvolvido ainda mais adiante no Novo Testamento. Não somos acidentes cósmicos. Não somos resultados indesejados de um processo aleatório. Cada um de nós importa para Deus, e no conhecer Deus, encontramos o verdadeiro propósito da vida. Uma prece do grande teólogo cristão Agostinho de Hipona [Santo Agostinho] é muito útil aqui: “Tu nos fizeste para ti, e nosso coração é inquieto até que encontre repouso em ti”. Como o Filho Pródigo, voltamos para a casa para Deus de nossas “terras distantes”, e encontramos aceitação, perdão, repouso e paz.

“O que Dawkins vem fazendo atualmente não é ciência, mas sim uma pregação de suposições filosóficas indemonstráveis”

ENTREVISTA COM ÁLVARO VALLS

Dawkins “parece crer piamente que a teoria da seleção natural explica tudo no mundo”, disse o filósofo Álvaro Valls docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos e presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof). E ele vai além: “O que Dawkins vem fazendo atualmente não é ciência, mas sim uma pregação de suposições filosóficas indemonstráveis. Isso explica por que razão precisa adotar em seus capítulos títulos como ‘Por que quase com certeza Deus não existe’. Ora, se ele só tem quase certeza, por que vende suas idéias como se fossem o resultado dos estudos científicos sérios?” As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line, neste final de semana. Questionado sobre uma possível aproximação entre as críticas de Nietzsche e Dawkins ao cristianismo, Álvaro esclarece: “O que diferencia Nietzsche dos escritores ateus atuais é que ele possuía uma visão crítica aprofundada da realidade, não estava apenas preocupado em efeitos imediatos ou em vender seus livros”.



Valls é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (FASP), e mestre em Filosofia, pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, com a dissertação O surgimento do conceito de coisificação em Theodor Adorno, 1924-1938. Doutorou-se em Filosofia também na Universidade de Heidelberg, com a tese O conceito de história nos escritos de Soeren Kierkegaard, Valls é autor, entre outros, dos livros O que é ética (São Paulo: Brasiliense, 1986) e Da ética à bioética (Petrópolis: Vozes, 2004). É o tradutor e organizador da obra Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado - Aforismos, novelas e discursos, de Sören Kierkegaard (Porto Alegre: Escritos, 2004), da qual a edição 123 da IHU On-Line, de 16-11-2004, publicou a orelha do livro. A obra foi apresentada no evento Sala de Leitura nessa mesma data. Na edição 175 da IHU On-Line, de 10-04-2006, concedeu a entrevista “Paulo e Kierkegaard”. Na edição 209, de 18-12-2006, concedeu a entrevista intitulada “Cristianismo, uma mensagem”. Nas Notícias do Dia do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, em 16-11-2006, falou sobre Uma Filosofia brasileira surgirá com tempo e muito trabalho, na qual comenta a sua indicação à presidência da Anpof na gestão 2007-2008. Confira, também, o artigo “Um só Deus e muitos ateísmos”, escrito por Valls e publicado pela Zero Hora, em 03-11-2007.

IHU On-Line - Qual é o seu ponto de vista sobre a tentativa de Dawkins de combater um fundamentalismo com outro?

Álvaro Valls - Não sei se se pode dizer que Dawkins adota um fundamentalismo para combater outro, mas certamente a ocasião que o leva a combater a religião é o esforço dos criacionistas para imporem nas escolas americanas uma doutrina cientificamente improvável. Sua reação, como darwinista, é a de defender a ciência, as descobertas científicas e o modo de pensar da racionalidade científica. Mas, quando um cientista se põe a discutir sobre religião, ele geralmente se coloca em um terreno que não é científico nem teológico, mas sim filosófico. E, neste campo, ele parece movimentar-se com uma crença ingênua nas teses descrentes. Ele parece crer piamente que a teoria da seleção natural explica tudo no mundo.

IHU On-Line - Quais são as objeções teóricas você faz a esse posicionamento?

Álvaro Valls - O que Dawkins vem fazendo atualmente não é ciência, mas sim uma pregação de suposições filosóficas indemonstráveis. Isso explica por que razão precisa adotar em seus capítulos títulos como “Por que quase com certeza Deus não existe”. Ora, se ele só tem quase certeza, por que vende suas idéias como se fossem o resultado dos estudos científicos sérios?

IHU On-Line - Que leitura Kierkegaard faria da afirmação de Dawkins de que a religião leva, necessariamente, à violência?

Álvaro Valls - Quando Kierkegaard⁶² fala da religião, pensa geralmente no cristianismo, que, para ele, é uma religião do amor, da misericórdia e do perdão, com um Deus que é amor em suas três pessoas. Este Deus é Pai e por isso somos irmãos, e Ele toma a iniciativa também da reconciliação, como está retratado na parábola do Filho Pródigo. A figura evangélica de Jesus Cristo nada tem desta violência que hoje os escritores ateus andam discutindo. A própria cruz, que substituiu a figura inicial do peixe como símbolo dos cristãos, geralmente favorece a ascese e a mística, e não o ódio e a violência. Não se pode negar que tenha havido muito abuso no passado, tais como os relacionados às perseguições aos judeus, por exemplo, em Portugal e na Espanha nos séculos passados. Mas o que dizer das atuais propostas guerreiras do escritor ateu Christopher Hitchens⁶³ (conforme a entrevista à *Folha de S. Paulo* da semana passada), de invadir Irã e Coréia do Norte, e de apoio às invasões do Afeganistão e do Iraque? É um caso claro de convergência deste ateu com o presidente George W. Bush, líder do chamado fundamentalismo americano.

⁶² Søren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista “Paulo e Kierkegaard”, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶³ Christopher Hitchens (1949): Jornalista, escritor e crítico literário britânico. Durante a guerra do Iraque, tornou-se um combativo apoiante da decisão de George W. Bush, o que o tornou muito conhecido, impopular, entre uma esquerda que ele acusou de trair os próprios ideais. *Amor, pobreza e guerra* (São Paulo: Ediouro, 2006), que reúne 34 artigos de sua autoria com críticas à Madre Teresa de Calcutá, fala sobre o 11 de setembro e a Guerra do Iraque, é uma das suas obras. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Recuperando sua idéia do artigo “Um só Deus e muitos ateísmos”, qual é a atualidade da crítica de Nietzsche ao cristianismo e em que aspecto ela se aproxima da que Dawkins e Harris fazem atualmente?

Álvaro Valls - Nietzsche recrimina o cristianismo por difamar esta vida e preferir uma outra, que vem depois da morte. Esta visão seria de responsabilidade de Paulo de Tarso⁶⁴, e não de Jesus. Nietzsche chega a chamar Paulo de “o inventor do cristianismo”. Vê sua religiosidade como baseada no ressentimento, comum ao judaísmo. Os cristãos, em vez de aprender a seguir o mandamento do amor (Jo 13, 34-35), teriam desenvolvido um ódio vingativo contra os judeus. Teriam dominado as consciências pela noção do pecado, pelo sentimento de culpa. Mas quem lê Nietzsche e concorda em vários pontos com sua análise, não pode deixar de reconhecer que algo assim como o pecado existe sempre, tal como existe o arrependimento e a necessidade do perdão. Dawkins cita uma comediantes americana que declara que todas as religiões são a mesma coisa: “culpa, com feriados diferentes”. Mas não basta ignorar a questão da culpa e do mal, para superar a religião. O que diferencia Nietzsche dos escritores ateus atuais é que ele possuía uma visão crítica aprofundada da realidade,

⁶⁴ **Paulo de Tarso** (3-66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. A Paulo de Tarso, a *IHU On-Line* dedicou a edição 175, de 10-04-2006, intitulada *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

ou seja, não estava apenas preocupado em efeitos imediatos ou em vender seus livros.

IHU On-Line - Quais são os riscos e as oportunidades que se descortinam em destronar Deus e em seu lugar colocar o homem?

Álvaro Valls - No século XIX, quando era forte por toda parte a aliança entre “altar e trono”, quem enfraquecia a religião solapava o regime político, muitas vezes pouco ou nada democrático. Mesmo hoje em dia, sempre haverá algum proveito numa atitude ao menos autocrítica em relação à nossa religião. Pois, se Deus é perfeito e infinito, todas as imagens que fazemos dele são imperfeitas, e, se adoramos tais imagens, adoramos de fato um ídolo. Deus sempre é maior, maior do que a maior realidade que possamos imaginar ou pensar. Se for para colocar o homem como modelo, que o seja então conforme a antropologia de Pilatos (em Jo 19,5), quando ele apontou para Jesus e exclamou “Eis o homem”. Idolatrar um líder político qualquer ou a humanidade abstrata sempre nos levará a frustrações. Kierkegaard, evangélico, escreveu, certa vez, que foi um erro de Lutero⁶⁵ substituir o Papa pela multidão. Decerto não será erro menor substituir a palavra de Deus pela opinião dos jornalistas, que muitas vezes, por falta de convicções, apenas usam opiniões emprestadas, e as passam adiante, emprestando-as.

IHU On-Line - O que essa fúria anti-religiosa demonstra sobre a racionalidade contemporânea? A razão do homem contemporâneo exacerbou-se a ponto de torná-lo cego às manifestações do divino que o cercam?

Álvaro Valls - Será que há mesmo uma fúria anti-religiosa? Segundo Dawkins, o que haveria é antes o oposto: muita gente que não crê evita expressar sua descrença por respeito

⁶⁵ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. (Nota da *IHU On-Line*)

humano. Mas vale a pena perguntar: como anda o nosso testemunho de cristãos; será que os que têm religião ou dizem que a têm, vivem de acordo, num testemunho vivo de sua fé? Quem conviveu com um santo (gente como um Dom Luciano Mendes de Almeida⁶⁶, por exemplo), levará por toda a vida o impacto de uma manifestação do divino. Mas quantos santos se manifestam entre nós, nesta sociedade tão avançada? E, a propósito, se nosso País, o Brasil, é católico há cinco séculos, e por seu tamanho e quantidade de católicos é tão importante para a igreja romana, por que não tivemos já uma dúzia de santos canonizados? Como podemos falar de religião, se não temos a experiência manifesta da santidade, e se em nossa vida não existem milagres (a não ser nos processos longínquos do Vaticano, quando os “milagres” são talvez entendidos como uma realização mágica com comprovação processual-burocrática)? A Igreja Católica, ao ignorar oficialmente a realidade da santidade dos leigos e centrar quase todo o seu protagonismo no clero, deveria, parece, ter um clero que manifestasse melhor o divino... E não tantos padres frustrados e pedófilos. Não digo que não haja muitos clérigos edificantes nas várias denominações religiosas, mas creio que, com os que temos, e com a repercussão social de suas palavras e de seus exemplos, não temos o direito de lamentar tanto a expansão de um racionalismo mais cético.

***IHU On-Line* - Por que persiste a idéia de que religião e ciência são incomunicáveis, auto-excludentes?**

66 Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006): padre jesuíta, arcebispo de Mariana, e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dele, a *IHU On-Line* publicou uma entrevista na 24ª edição, de 1º-07-2002, por ocasião de sua participação no Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, promovido pelo IHU em junho de 2002, um artigo na 85ª edição, de 24-11-2003, e outro artigo na 95ª edição, de 5-04-2004. Por ocasião de seu falecimento, em 27-08-2006, o site do IHU, www.unisinos.br/ihu, ofereceu ampla repercussão sobre sua vida e trajetória. Para conferir detalhes, acesse as *Notícias do Dia* de 28-08-2006. Em 03-09-2007 publicamos uma entrevista especial com Dom Pedro Luiz Stringhini, intitulada “O leilão da Vale não foi ético, dizia D. Luciano Mendes de Almeida”. (Nota da *IHU On-Line*)

Álvaro Valls - Por que o povo não pensaria que elas se excluem, se a maioria dos homens da ciência não conhece a religião e a maioria dos religiosos é ignorante em termos de ciência? Os jesuítas até que costumam destacar-se da mediocridade, neste ponto. Mas não é fácil, basta ver o caso Teilhard de Chardin, no século XX. Se o Papa há pouco se desculpou por Galileu, com quinhentos anos de atraso, quantos anos levará Roma para desculpar-se dos ensinamentos forçados em assuntos científicos atuais? Vejam a bioética. Por que a Igreja costuma dizer tanto “não” sobre assuntos novos, em que ainda não há consenso nem clareza? Como não persistirá a idéia da incomunicabilidade se as mesmas autoridades que condenam o aborto mostram má-vontade com a reprodução assistida? E, no entanto, é claro que a verdadeira fé e a verdadeira ciência não poderiam excluir-se, se ambas se referem e se reportam à verdade, se ambas se esforçam sinceramente por atingir a verdade. Mas nos dois extremos há gente falando sobre (e condenando) aquilo que não entende. Aqui vale noticiar, porém, que no Brasil os estudiosos da Filosofia da religião têm feito progressos muito promissores.

***IHU On-Line* - Até que ponto as críticas de Onfray e Dawkins sobre a “celebração do nada” encontram coerência com a situação religiosa atual?**

Álvaro Valls - A religiosidade em nosso País (e provavelmente na América do Norte e na Europa também) ainda não acertou o ponto de celebrar a vida, de festejá-la, de se solidarizar com a vida que sofre, de apoiar a vida quando vulnerável. Em muitos casos, a religião exerce um papel alienante, voltada apenas para uma outra vida, a de depois da morte, entendida como um “segundo tempo” que nunca acabará. Mas para esta vida, para o primeiro tempo, que está sendo disputado, ainda faltam muitos pontos importantes. Não basta repetir (Santo Irineu?) que a glória de Deus é o homem vivo. Há que saber valorizar esta vida e este tempo.

“Esse livro do Dawkins é uma auto-ajuda para ateus inseguros”

ENTREVISTA COM LUIZ FELIPE PONDÉ

No ponto de vista do filósofo Luiz Felipe Pondé, Deus, um delírio, de Dawkins, não passa de um libelo político. Ele explica o motivo: “Não há idéias novas no sentido da biologia darwinista ou sua concepção cosmológica; sua intenção é convencer a neo-esquerda (mistura de iluminismo anti-clerical + foucaultismo das minorias oprimidas) de que o darwinismo não tem a política ‘de direita’ do darwinismo social, mas sim é uma teoria que liberta do medo da opressão metafísica de uma autoridade louca como Deus”. A entrevista, exclusiva, foi concedida neste final de semana, por e-mail, à IHU On-Line. Pondé não acha necessária uma explicação que polarize fé e razão no sentido “esclarecimento x escuridão”. Essa postura, dispara, “é para iniciantes que acreditam na utopia racionalista moderna”, e completa: “Esse livro do Dawkins é uma auto-ajuda para ateus inseguros”.



Pondé leciona no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião e do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e na Escola Paulista de Medicina (UNIFESP), além ser professor convidado na Universidade de Varsóvia em 2007. Mestre em História da Filosofia Contemporânea pela USP e em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris VIII, França, é doutor em Filosofia Moderna, pela USP, e pós-doutor, pela Universidade de Tel Aviv, Israel. Escreveu O homem insuficiente (São Paulo: EDUSP, 2001); Crítica e profecia, filosofia da religião em Dostoiévski (São Paulo: Editora 34, 2003); e Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana (São Paulo: EDUSP, 2004). No livro No limiar do mistério. Mística e religião (São Paulo: Paulinas, 2004), organizado por Faustino Teixeira, Pondé publicou o artigo “O método de Deus”. Na edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005, cujo tema de capa foi Delicadezas do mistério. A mística hoje, Pondé concedeu com exclusividade a entrevista “A mística judaica”. À IHU On-Line concedeu, também, as entrevistas “Parricídio, niilismo e morte da tradição”, quando falou sobre Dostoiévski, na edição 195, de 11-09-2006, e “A fé é dada pela Graça”, na edição 209, de 18-12-2006.

IHU On-Line - Poderia explicar com detalhes sua idéia de que o livro de Dawkins não passa de um libelo político? O que quer dizer com isso?

Luiz Felipe Pondé - Não há idéias novas no sentido da biologia darwinista ou sua concepção cosmológica; sua intenção é convencer a neo-esquerda (mistura de iluminismo

anti-clerical + foucaultismo das minorias oprimidas) de que o darwinismo não tem a política “de direita” do darwinismo social, mas sim é uma teoria que liberta do medo da opressão metafísica de uma autoridade louca como Deus. O ateu pode sair do armário, como ele diz, e será feliz. Essa idéia é melhor apresentada por gente como Nietzsche, Rosset⁶⁷, Gracián⁶⁸, e todos os trágicos, sem a tentativa de cooptar os pequenos desejos de felicidade banal da gente contemporânea. Seu iluminismo é aquele que pensa que a confessionalidade atéia nos deixa mais felizes. Por definição, não levo a sério ninguém que associa suas idéias e venda de alegria, mesmo que supostamente dolorida.

IHU On-Line - Vivemos numa época na qual se corre o risco de abandonarmos a crença em Deus para abraçarmos uma crença antropocêntrica? O que isso demonstra a respeito de nossa sociedade?

Luiz Felipe Pondé - Nada além da tendência do pecado (falando teologicamente). Do ponto de vista judaico, pecar é errar o alvo: queremos acertar o alvo de sermos o centro do mundo e independentes de Deus, mas acertamos o alvo da coisificação (em hebraico clássico, 'morte = o que'... coisa, objeto...). Historicamente, o antropocentrismo é figura de nosso banal desespero em termos de um cérebro que pensa mais do que agüenta e, por isso, acaba buscando formas que o acalmem. Teologicamente, é idolatria. Filosoficamente, o antropocentrismo é simples empobrecimento epistêmico, Deus é o melhor de todos os conceitos, e o contato com Ele nos torna mais inteligentes. A prova é que o antropocentrismo foi

⁶⁷ **Clemente Rosset**: filósofo francês nascido em 1939. Ingressou na École normale supérieure, em 1961. Ensinou filosofia em Montreal de 1965 a 1967, e depois em Nice até 1998. Atualmente, vive em Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁸ **Baltasar Gracián y Morales** (1601-1658): prosador espanhol, teólogo e filósofo. É conhecido como líder do concepticismo, estilo literário caracterizado pela sobriedade e a concisão. Sua obra inclui seis livros, dos quais se destacam *A arte da prudência*. Gracián influenciou pensadores como La Rochefoucauld, Voltaire, Jacques Lacan e, sobretudo, os filósofos Nietzsche e Schopenhauer. (Nota da *IHU On-Line*)

obrigado a cair no Dawkins político e as variadas formas de auto-ajuda. Pessoalmente, só respeito a filosofia trágica, além, é claro, aquela que dialoga com Deus. Quanto à nossa sociedade, talvez uma coisa boa fosse pararmos de pensar em termos político-sociais. O futuro do antropocentrismo é a mania de políticas públicas + publicidade auto-ajuda. Isso é matemático.

IHU On-Line - A paixão pela razão pode ser um elemento explicativo para esse comportamento? Por quê?

Luiz Felipe Pondé - Só se pensarmos em “razão” no sentido reduzido de causa-efeito empiricamente perceptível e suas funções instrumentais.

IHU On-Line - O niilismo em suas diversas nuances é consequência dessa postura fundamentalista atéia que presenciamos?

Luiz Felipe Pondé - O niilismo ou é aquilo que Nietzsche critica (melancolia covarde de ressentidos sem fé) ou arrogância que vai do cinismo à mentira revolucionária do homem que se auto-funda (a neurose de Adão), niilismo russo descrito por Turgueniev⁶⁹ e Dostoiévski. Acho que o niilismo pode ser um conceito essencial como experiência da transcendência para o nada, aquilo que a razão e a consciência encontram quando operam sua mecânica escatológica cética e percebem o não fundamento de si mesmas... a experiência do deserto: o olhar no olhos do vazio que nos habita. Nesse sentido, tanto psicológico quanto teológico, é terapêutico.

IHU On-Line - Como podemos compreender o “flerte” de Dawkins com alguns totalitarismos do presente?

⁶⁹ **Ivan Sergeyevich Turgenev** (1818-1883): romancista e dramaturgo russo, célebre por sua obra *Pais e filhos*, considerada uma obra-prima na ficção russa do século XIX. Nessa obra, Turgueniev aborda o questionamento dos valores tradicionais na Rússia, e a ele se deve a popularização do termo niilismo. O estudante Bazárov, autodeclarado niilista, ocupa posição importante na trama. (Nota da *IHU On-Line*)

Luiz Felipe Pondé - Nada além da repetição de tentarmos deduzir o mundo e suas múltiplas faces a partir de idéias que algumas pessoas têm em seus escritórios e acham que todo mundo deve se organizar a partir delas. Contra ele, Edmund Burke⁷⁰: temos os sofistas, calculadores da perfectibilidade humana e os economistas. Qualquer um que ache que exista uma lógica da felicidade passível de se formular em duas ideais é totalitário, principalmente quando oferece a ciência como fundamento: quando a ciência sai do laboratório, ela é sempre opressora.

IHU On-Line - O ateísmo chique de Dawkins reedita o embate fé-razão. Por que é importante definir quais dos dois campos está correto na explicação da origem da vida?

Luiz Felipe Pondé - Não acho que seja necessário uma explicação que opere em uma das pontas. Não partilho da idéia de que exista tal oposição, pelo menos nos moldes de como é colocado (esclarecimento x escuridão, por exemplo, o que é pra iniciantes que acreditam na utopia racionalista moderna). Dawkins não é elegante em seu ateísmo. O darwinismo é elegante em sua tentativa de negar o argumento de Aristóteles ao design inteligente, e acho que devemos enfrentar essa elegância. Nietzsche é um “ateu elegante”, Freud também. Esse livro do Dawkins é uma auto-ajuda para ateus inseguros.

IHU On-Line - Como você, pessoalmente, entende a relação entre esses dois campos? Como complementaridade ou exclusão?

Luiz Felipe Pondé - Como disse acima, não reconheço essa oposição. Proponho a leitura de *Raison et foi*, de Alain de Libera⁷¹: essa oposição é típica das más soluções que a

teologia do século XIII em diante deu para a relação com Aristóteles e sua herança medieval dos “filósofos artisans e não teólogos”. Como sempre, como diria Heine sobre os teólogos de sua época, “só se é traído pelos seus, assim como hoje vemos a teologia orar aos pés da sociologia e das modas políticas foucaultianas. Não há oposição entre fé e razão. Há uma relação de trabalho entre elas, ainda mais porque são centros de atividade do mesmo animal, o ser humano. O fato que alguns homens e mulheres têm fé e outros não é um problema da psicologia e da teologia da personalidade. Quando fé e razão estão postas na mesma pessoa, e aí não falta repertório ou não abunda o medo, o diálogo é sempre rico, mas nem sempre fácil.

IHU On-Line - Qual seria seu contra-argumento à afirmação de Dawkins de que as religiões são nocivas ao bem-estar da humanidade?

Luiz Felipe Pondé - A filosofia do bem-estar é utilitarismo. A preocupação com o bem-estar leva o homem à burrice e a ontologia da vida como empresa e eficácia. Não há evidências empíricas de que a humanidade sem a fé seria mais feliz. A humanidade é infeliz e, como eu disse antes, não levo a sério filósofos preocupados com o bem-estar na humanidade: afinal o que é isso? Vivemos há algum tempo já numa filosofia do bem-estar: TV a cabo, liberdades sexuais, suposição democrática, antibióticos. Falta ao bem-estar de Dawkins a sutileza de quem pensa o ser humano como animal ferido que é. Como diria Chesterton⁷², não há problema em não se acreditar em Deus; o problema é que se acaba sempre acreditando em alguma besteira, como, por exemplo, no bem-estar da humanidade.

Êtudes, onde ensina história das teologias cristãs no Ocidente medieval. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷² Gilbert Keith Chesterton (1874-1936): escritor britânico, crítico e autor de versos, ensaios, novelas e de curtas histórias. É, provavelmente, mais conhecido por sua série sobre o padre-detetive Father Brown, que apareceu em 50 histórias. Entre 1900 e 1936, Chesterton publicou cerca de cem livros. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁰ Edmund Burke (1729-1797): filósofo e político anglo-irlandês. Advogado, dedicou-se primeiramente a escritos filosóficos, dos quais destaca-se *An Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and the Beautiful* (“Investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do Sublime e do Belo”), de 1757. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷¹ Alain de Libera: filósofo francês nascido em 1948. Especialista em filosofia medieval, é diretor de estudos na École Pratique des Hautes

As ficções religiosas existirão enquanto houver humanos

ENTREVISTA COM MICHEL ONFRAY

Para Michel Onfray, autor do Tratado de ateologia: física da metafísica (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007), que na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, classifica sua filosofia como uma filosofia das Luzes para a atualidade, a fonte do sentimento religioso é a negação da condição de mortal. Em sua opinião, “é fácil crer: tem-se resposta para tudo, a religião oferece uma metafísica, uma ontologia, uma filosofia, chaves na mão. Todas as respostas já foram dadas a todas as questões possíveis. Basta para isso ser instruído na ordem cristã. Ao passo que o ateu que reflete deve construir sozinho sua visão do mundo e isso é mais complicado”. E continua: “o recurso às ficções religiosas também terá lugar enquanto houver humanos. Somente alguns espíritos fortes viverão sem Deus, mas estes serão sempre minoritários”.



O filósofo que assegurou ter “menos animosidade contra os ajoelhados do que contra os que fazem ajoelhar” escreveu cerca de 30 obras, nas quais formula um projeto hedonista ético, político, erótico, pedagógico, epistemológico e estético. Fundou a Université Populaire de Caen, onde leciona contra-história da filosofia. Para maiores informações, consulte o site pessoal do filósofo: <http://pagesperso-orange.fr/michel.onfray/>.

IHU On-Line - Você identifica na origem dos três monoteísmos uma mesma “pulsão de morte genealógica”, uma matriz niilista. Para você, então, a premissa básica da religião é o “nada endeusado”?

Michel Onfray - Não. Em primeiro lugar é menos a pulsão de morte do que o medo da morte, a vontade de não morrer, o temor desesperado de dever desaparecer um dia, a impossibilidade de enfrentar o nada face a face, olhando-o diretamente em seus olhos, se posso expressar-me assim. A negação da condição de mortal, eis a fonte do sentimento religioso.

IHU On-Line - Violência, intolerância e religião andam, necessariamente, lado a lado? Por quê?

Michel Onfray - Não exatamente. Eu não sou tão caricatural a ponto de ter essa idéia, e eu nunca pensei

que, se as religiões não tivessem conduzido o mundo, jamais teria havido nem guerras, nem violência, nem intolerância! Mas eu constato que as três religiões monoteístas que se dizem de paz, de tolerância e de amor, paradoxalmente geraram muitas guerras, muita intolerância e ódio, em nome de sua pretendida mensagem de paz, de tolerância e de amor.

IHU On-Line - Dawkins, Dennet e Harris são acusados de combater o fundamentalismo religioso com um fundamentalismo ateu. Qual é o seu ponto de vista a respeito?

Michel Onfray - Eu constatei que aqueles que censuram o fundamentalismo de tal ou tal orientação são com frequência... fundamentalistas! É uma velha lei da psicologia que quer que se censure no outro o que não se

quer nem se pode censurar em si próprio. A mesma lei quer que se seja muito lúcido quanto à palha que se encontra no olho de seu vizinho, mas absolutamente incapaz de ver que há uma trave no nosso. Que se deixe de insultar (pois “fundamentalista” nesta configuração é um insulto) e que se discuta realmente, verdadeiramente, os argumentos em torno de uma mesa. E que os religiosos, tão ciosos de paz, de tolerância e de amor, comecem dando o exemplo!

IHU On-Line - Nessa mesma linha de raciocínio, como você classificaria a sua filosofia?

Michel Onfray - Como uma filosofia das Luzes para a atualidade. Eu me inscrevo na radicalidade do pensamento de, por exemplo, Meslier, La Mettrie ou D'Holbach, que são os filósofos do século XVIII. Eles fazem uso da razão sem nenhuma concessão e se propõem a acabar com todo pensamento mitológico.

IHU On-Line - Você afirma que o ateísmo reconcilia com a terra, o outro nome da vida. O que nos garante que o ateísmo promova essa união se, como dizia Ivan Karamazov, “se Deus não existe, tudo é permitido”?

Michel Onfray - É precisamente porque Deus existe que tudo é permitido! Lembrai-vos do convite de Simon de Monfort por ocasião do massacre dos albigenses: “Matai-os a todos, Deus reconhecerá os seus”. Se Deus existe, ele sabe e vê tudo, e ele restaurará no Céu a ordem que não se soube instaurar na Terra, desde que se tenha querido instaurá-la em seu nome, como dizem e pensam os crentes. Opostamente, o ateísmo afirma que, já que Deus não existe, tudo não é permitido e que, por conseguinte, é preciso estabelecer um código, regras, uma moral, uma ética contratual para viver juntos.

IHU On-Line - Por que a “fé tranqüiliza” e a “razão preocupa”? O cristão é um ser infantil, alguém que se furta da verdade?

Michel Onfray - Porque é fácil crer: tem-se resposta para tudo. A religião oferece uma metafísica, uma ontologia, uma filosofia, chaves na mão. Todas as respostas já foram dadas a todas as questões possíveis. Basta para isso ser instruído na ordem cristã. Ao passo que o ateu que reflete deve construir sozinho sua visão do mundo e isso é mais complicado.

IHU On-Line - Em *Tratado de ateologia*, você diz não recriminar os homens “que consomem experiências metafísicas para viver”, mas deplora os “vigários dos Deuses monoteístas”. Poderia explicar quais são os elementos pelos quais você apóia essa argumentação?

Michel Onfray - Eu de fato digo que tenho menos animosidade contra os ajoelhados do que contra os que fazem ajoelhar. Em outras palavras: eu tenho compaixão por aqueles que foram postos de joelhos, mas não por aqueles fazem pôr-se de joelhos. Pode-se crer no que se quiser, mas fazer crer me causa mal-estar. Trata-se do princípio do colonialismo estendido à alma. É o que distingue o crente do padre. O padre almeja o império sobre a alma dos outros, e eu me sinto mal com esta perspectiva.

IHU On-Line - Moisés, Paulo de Tarso, Constantino e Maomé seriam “ficções úteis”. Quais são suas referências teóricas para tal afirmativa?

Michel Onfray - Em duas palavras e no quadro de uma breve entrevista isso não será possível. Foi-me necessário um livro para começar a fazer um pouco a demonstração disso! Digamos que estas figuras são menos históricas do que mitológicas, que elas relevam menos história verificável nos fatos do que gestos e lendas com os quais se constrói cosmovisões úteis para constituir comunidades e civilizações.

IHU On-Line - No *Tratado de ateologia*, fica clara sua posição racionalista ocidental. Por que só a disjunção

fé-razão é capaz de promover a Aufklärung? Religião e fé são sempre, necessariamente, incompatíveis?

Michel Onfray - Os cristãos pensam que não, certos muçulmanos igualmente, e um grande número de judeus também, o Papa atual, Bento XVI, crê que não. Todos os crentes dizem que eles usam a razão. De minha parte, eu direi que eles a utilizam, sem dúvida, mas demasiado tarde, após a força imperiosa da Fé. Ele crêem primeiro, absolutamente não se servem de sua razão naquele momento de seu pensamento, um momento psicológico, mas utilizam-na depois, num segundo tempo, para procurar dar sentido e coerência às suas crenças que procedem do fundo psicológico, do qual falamos bem no início de nossa entrevista. Uma razão utilizada *a priori*, e não *a posteriori*, como ocorre com os crentes.

IHU On-Line - Quais são as evidências que o levam a afirmar exatamente o contrário de Kant: a inexistência de Deus e do livre-arbítrio e a mortalidade da alma?

Michel Onfray - Não evidências, mas o bom senso: cabe àqueles que afirmam a existência de uma coisa apresentar a prova. Deus existe? Provai-o. Senão eu vos digo que os incubos e os súcubos existem e que, se não podeis fazer-me a demonstração que isso é falso, então isso será verdadeiro. Para o livre arbítrio, isso me parece claro: quando se é, por pouco que seja, informado de ciência, história, psicologia, sociologia, psicanálise, economia, política, constata-se como os determinismos são fortes, poderosos e todo-poderosos junto ao maior número. Vocês crêem que o violador de crianças é livre e que ele escolheu, entre outras possibilidades sexuais, esta antes que outra? Ou, então, ao contrário, que ele foi determinado por mil causalidades que seria preciso explicitar tornar-se um delinquente sexual?

Enfim, a morte de todo mamífero faz a demonstração que o destino do cadáver de um cão, por exemplo, é o mesmo que o de meu próprio cadáver que, no dia determinado, será um cadáver de mamífero. O que vocês

chamam de “alma” e da qual dizem que ela é eterna, imortal e imaterial, eu também concordo com sua existência: eu creio na existência da alma, sem dúvida, mas ela é material, mortal e perecível. O que a constitui é o agenciamento específico de minha materialidade: com minha morte, ela morre igualmente. Mas o exercício de uma entrevista que vocês me propõem torna difícil uma verdadeira argumentação que é dada no livro. Somos constrangidos a roçar os temas por alto.

IHU On-Line - Para você, Deus não morreu porque “uma ficção não morre”. A religião e o divino continuam, então, a ocupar lugar importante na sociedade?

Michel Onfray - Sim, seguramente. A maioria das pessoas têm e terão medo da morte. O mecanismo psicológico de negação funcionará até o fim dos tempos. E o recurso às ficções religiosas também terá lugar enquanto houver humanos. Somente alguns espíritos fortes viverão sem Deus, mas estes serão sempre minoritários.

IHU On-Line - Por que só o ateísmo possibilita sair do niilismo?

Michel Onfray - Não somente, mas filosoficamente, sim; somente a filosofia atéia evita que se substitua uma ficção por outra ficção, um mito por outro mito, uma religião (aquela dos romanos pagãos) por outra (aquela dos ocidentais cristãos). A filosofia permite uma mudança de era: ela permite passar de uma era mitológica e religiosa a uma era que será racional e filosófica. Eu me bato por isto, mas em desespero, sem muito crer nisso, sabendo que os humanos sempre preferirão as ficções que lhes dão segurança às verdades que os inquietam.

Fé e razão podem ser facilmente reconciliadas

ENTREVISTA COM RICHARD SWINBURNE

Colega de Richard Dawkins em Oxford, o filósofo inglês Richard Swinburne disse que “há boas razões para supor que as doutrinas cristãs sobre Deus são verdadeiras e, por isso, no sentido de crença e razão, elas podem ser facilmente reconciliadas. A razão dá sustentação à verdade”. Por telefone, ele discutiu com a IHU On-Line as idéias da obra Deus, um delírio e argumenta que, “embora exista um e outro cientista proeminente e ‘barulhento’ como Richard Dawkins”, tem dúvidas se a maioria dos cientistas no mundo são ateístas ou não. Um dos conjuntos fundamentais de argumentos de Swinburne “para a existência de Deus é a regularidade do universo. Por que alguém deveria ter objeções à descoberta da verdade, especialmente se a verdade é toda sobre Deus? A questão é o que nós fazemos com esse conhecimento e há perigos óbvios nesse tipo de conhecimento que podem ser usados para maus usos”. Otimista, ele espera que o “cristianismo possa promover paz e reconciliação entre diferentes comunidades e países” e acredita: “Se recuperarmos o espírito dos evangelhos, tenho certeza que o cristianismo pode ser, como está se tornando novamente, uma comunidade reconciliadora”. A entrevista foi concedida por Swinburne à IHU On-Line por ocasião de sua estadia em Natal, Rio Grande do Norte, quando foi o conferencista de abertura e encerramento do Seminário de Filosofia Analítica Contemporânea, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Professor de Filosofia da Religião Cristã na Universidade de Oxford, é um dos mais prestigiados especialistas daquela área. Swinburne é autor de inúmeras obras, entre elas The resurrection of God incarnate (Oxford: Clarendon Press, 2003); The existence of God (2. ed. Oxford: Clarendon Press, 2004) e Faith and reason (2. ed. Oxford: Clarendon Press, 2005). Em língua portuguesa, destacamos Será que Deus existe? (Lisboa: Gradiva, 1998).

IHU On-Line - Fé e razão podem ser conciliadas? Como?

Richard Swinburne - Eu acho que não existe problema entre conciliar esses dois campos. Há bons argumentos para a existência de Deus e, se você quiser, vou descrevê-los. Penso que há boas razões porque Deus deveria permitir que todo o sofrimento que ocorre nesse

mundo ocorra. Então, todos os argumentos dão sustentação à existência de Deus, não como certa, mas como provável. E é mais provável do que improvável. Eu acredito que há também bons argumentos para as doutrinas particulares da religião cristã, porque há bons argumentos para o tipo de pessoa que viveu a vida que Jesus viveu, e cuja força da vida culminou com o milagre

da ressurreição para a qual eu penso que existem evidências históricas significativas. Isso constituiu o sinal de Deus naquela vida, assim como nos seus ensinamentos e na igreja que ele fundou. Penso que, por esses dois conjuntos de razões, há boas razões para supor que as doutrinas cristãs sobre Deus são verdadeiras e, por isso, no sentido de crença e razão, elas podem ser facilmente reconciliadas. A razão dá sustentação à verdade. Nas propostas da religião cristã, fé não é bem a mesma coisa que crença. Fé é colocar sua confiança em alguma coisa. E este é um ato voluntário. E, mesmo se você tem boas razões para crer que existe um Deus, você pode decidir não depositar sua confiança nele. Mas isto seria uma coisa tola e errada de se fazer, mas mesmo assim pode ser feito.

IHU On-Line - Os cientistas precisam, necessariamente, ser ateus? Por quê?

Richard Swinburne - Certamente que não. E embora exista um e outro cientista proeminente e “barulhento” como Richard Dawkins, eu tenho minhas dúvidas se a maioria dos cientistas no mundo são ateístas ou não. Mas, certamente, uma minoria muito significativa não é ateísta, e eu realmente não vejo nenhum conflito aí. Um de meus conjuntos fundamentais de argumentos para a existência de Deus é a regularidade do universo, e isto é um fato. Cada átomo no universo se comporta exatamente do mesmo modo, e os cientistas descobriram que modo é esse. Além disso, eles descobriram que muito mais partículas no universo se comportam de forma diferente do que acreditávamos antes. E eles descobriram que a maneira como essas partículas se comportam, ou seja, as leis mais fundamentais da natureza são tais que levam à evolução dos seres humanos desde o estado inicial do universo. Então, eu acredito que descobertas científicas nesse sentido são evidências positivas da existência de Deus.

O outro sentido é que, até 1900, cientistas tendiam a acreditar que o universo era determinista, ou seja, que todo evento era totalmente causado por eventos prévios. E, desde o surgimento da teoria quântica, isso é realmente muito duvidoso e por isso há um certo jogo, um certo indeterminismo na natureza. E assim, se nós quisermos exercer nosso livre arbítrio, nós precisamos de um certo indeterminismo na natureza, e esse Deus deve intervir nessa ordem natural sem violá-la, precisando de um tipo de indeterminismo na natureza. Então, penso que os desenvolvimentos dos últimos cem anos são evidências positivas para a existência de Deus.

IHU On-Line - Autoridades eclesiásticas acusam Craig Venter, o cientista conhecido pelo mapeamento do genoma humano, de querer competir com Deus. O homem contemporâneo pode, efetivamente, “brincar de Deus” ou mesmo competir com ele? Por quê?

Richard Swinburne - Eu não estou preocupado com isso. Na medida em que ele está recém descobrindo o genoma humano, está descobrindo fatos científicos interessantes sobre como Deus fez nossos corpos. Por que alguém deveria ter objeções à descoberta da verdade, especialmente se a verdade é toda sobre Deus? A questão é o que nós fazemos com esse conhecimento. Há perigos óbvios nele, e que podem ser usados no mau sentido. Se descobrimos que alguém tem um gene que os cientistas pensam que é uma coisa ruim, eles poderiam produzir um aborto mesmo mais adiante na gravidez, e eu acredito que isso seria uma coisa muito ruim - destruir um ser racional já existente. Então, nós precisamos ser cuidadosos com o uso, mas não consigo ver nada de errado em possuir o conhecimento.

IHU On-Line - Por que é importante sabermos se Deus existe, ou não?

Richard Swinburne - Se é verdade que Ele não nos fez meramente, mas nos mantém existindo a cada momento,

ele é a causa elementar/derradeira para nossa existência e nós temos enormes razões para sermos agradecidos a ele, só para começar. E, assim como crianças humanas devem obediência limitada aos seus pais, nós devemos obediência ilimitada a Deus. Quero dizer, à medida que bons pais, não apenas pais biológicos, mas pais de criação, mantêm a criança existindo e fornecem a ela educação e nutrição, eles têm o direito de esperar que os filhos façam certas coisas, não porque elas são boas em si, mas porque não foi solicitado pelos filhos que fizessem isso. E, por isso, se existe um Deus, nós devemos-lhe gratidão, louvor e serviço. Se ele nos pede para fazer certas coisas, isso nos impõe uma obrigação. Então, isso importa muito.

IHU On-Line - Os teóricos da morte de Deus acertaram em sua previsão ou erraram? Se erraram, qual é o lugar de Deus na sociedade contemporânea?

Richard Swinburne - Bem, se isto era pra ser uma previsão de que a religião está se extinguindo, por enquanto, ela falhou. Eu não sei se há mais pessoas que acreditam em Deus, ou menos, do que na época de Nietzsche. O que eu posso dizer é que a população do mundo cresceu consideravelmente e houve um grande crescimento do cristianismo na África e alguns países da América Latina. Eu diria que provavelmente a previsão estava errada. Mas se o cristianismo ou outra religião teística decaíram ou não, não é o ponto crucial.

IHU On-Line - Que cristianismo é possível em nosso tipo de sociedade?

Richard Swinburne - Eu espero que o cristianismo possa promover paz e reconciliação entre diferentes comunidades e países. Nos primeiros 400 anos da existência da Igreja Cristã, ela não aplicou violência para derrubar regimes, aplicou reconciliação entre grupos em competição. A história do cristianismo, principalmente do cristianismo ocidental na Idade Média, não é uma boa

história em relação a isso. Mas, claramente, qualquer um que lê os evangelhos e os ensinamentos da igreja primeva vai perceber que qualquer tentativa de estabelecer um estado cristão pela força e obrigar pessoas a acreditar em coisas está totalmente fora da linha do ensinamento cristão tradicional. Se recuperarmos o espírito dos evangelhos, tenho certeza que o cristianismo pode ser, como está se tornando novamente, uma comunidade reconciliadora. Reconciliadora entre países, entre tradições irracionais, entre grupos. Isso não significa que ele não suponha uma verdade dogmática no que as pessoas deveriam acreditar, não como resultado da força, mas como resultado de discussão racional e colocar isso em prática para trazer a paz entre as famílias. Esta é sua chance. Se a Igreja falhou no passado, ela pode fazer melhor agora.

IHU On-Line - Como o igualitarismo e a democracia podem se consolidar numa sociedade como a contemporânea?

Richard Swinburne - Talvez eu não seja a pessoa mais adequada para responder a essa pergunta. Certamente nos seus primórdios, a Igreja tinha certas opiniões sobre como as pessoas deviam se comportar nas suas relações morais com os outros. Isto não se aplicava a nenhuma forma de governo em particular. É reconhecido que você deve pagar impostos ao Estado e que o Estado deve ter um sistema jurídico justo, mas, afora isso, eu não penso que a Igreja tenha muito a dizer. Isto não quer dizer que pensadores cristãos que refletem sobre as condições de nossa sociedade não possam sugerir que cristãos criem um tipo de governo, um tipo de lei. Talvez eles possam, mas isso não é uma coisa sobre a qual eu pensei o suficiente para expressar uma opinião.

IHU On-Line - Como podemos entender a tentativa de Dawkins de combater o fundamentalismo religioso através de um fundamentalismo ateu?

Richard Swinburne - Bem, eu posso entender o fenômeno Dawkins. Ele depende do tipo de pensadores americanos que foram influenciados pela dominância de um certo tipo de fundamentalismo religioso, especialmente nos Estados Unidos. Acredito que o cristianismo está comprometido com a visão de que o mundo tem apenas cerca de 6 000 anos e tudo o que os cientistas nos disseram sobre evolução é falso. Alguém como Dawkins e outros pensadores estão tão impressionados pela total irracionalidade disso, o que eles associam ao cristianismo e outras religiões teístas como um todo, que eles sentem a necessidade de manifestar-se furiosamente. Mas, do meu ponto de vista, a religião cristã não está de forma alguma comprometida com a idade do mundo ser de 6 000 anos. Se esses pensadores estivessem familiarizados com isso, eles não estariam dizendo as coisas que dizem, por exemplo. Se lessem um livro como os comentários sobre Gênesis de Agostinho e qualquer coisa escrita por Gregório de Nice sobre a origem, eles teriam visto que essas pessoas estão muito preocupadas que os primeiros capítulos de Gênesis não deveriam ser interpretados de forma incompatível com a ciência grega que prevalecia naquela época. Nós devemos interpretar Gênesis à luz das outras coisas que sabemos, incluindo o que eles consideravam ciência moderna, ou seja, a ciência grega contemporânea, porque Deus era o autor de quase todo mundo natural.

IHU On-Line - Minha última pergunta volta ao início da nossa entrevista, sobre quais são os seus argumentos para a existência de Deus.

Richard Swinburne - Bem, eu penso que os argumentos para a existência de Deus são cumulativos. Ou seja, temos que tomá-los juntos e cada um deles num grau significativo de probabilidade para a conclusão, da mesma forma que uma teoria científica eles são explicados pela teoria todos juntos. Uma coisa que precisa ser explicada, em primeiro lugar, é por que

existe um universo físico, por que existe essa enorme quantidade de pedaços de matéria. Segundo, por que todos esses pedaços de matéria se comportam todos da mesma maneira, por exemplo, todos se atraem da forma como Newton descreveu, mas com uma matemática um pouco mais complicada. Mas, mesmo assim, cada partícula exerce exatamente a mesma atração gravitacional proporcional à sua massa sobre todas as outras partículas do universo. Há uma enorme coincidência aqui. Isso é algo que exige explicação. Então, a pergunta permanece: por que levar à evolução do ser humano quando a maioria desses arranjos não levaria a isso.

Outras coisas também pedem explicação. Pessoas fazem coisas porque elas têm crenças a respeito de como o mundo é, além de metas. Elas tentam mudar o mundo à luz das suas crenças e têm metas, poderes limitados no mundo. Então, a noção de uma pessoa é a noção de um ser com poderes, metas e crenças. Deus é o tipo mais simples de pessoa que pode existir porque Ele tem poderes, mas não são poderes limitados, são ilimitados. Portanto, Ele é um ser de poderes infinitos. Ele não é influenciado por causas ou inclinações irracionais. Ele sempre faz coisas porque elas são boas. E, assim, nós temos uma explicação possível para todas essas coisas em termos da explicação mais simples de pessoa que pode haver com poderes, metas e crenças. Por que Ele deveria fazer tudo isso? Bem, como eu digo, nós somos uma coisa boa e o que é único a nosso respeito é que nós temos um tipo de poder, um tipo de qualidade que Deus não tem. Nós podemos fazer escolhas entre o bem e o mal. É uma boa coisa que existam seres que possam fazer esse tipo de escolha, que possam decidir o próprio destino. É uma coisa que Deus não tem, ou seja, Deus não pode fazer nada errado.



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Invenção

EDITORIA DE POESIA

Claudio Daniel

O poeta Claudio Daniel nasceu em São Paulo, em 1962. É formado em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Libero, e mestrando em Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Foi influenciado, sobretudo no início de sua obra, pela cultura oriental, o que revela em *Sutra* (São Paulo: Edição do Autor, 1992) e *Yumê* (São Paulo: Ciência do Acidente, 1999), com poemas breves, alguns semelhantes a haicais. Ao mesmo tempo, no entanto, Claudio já mostrava uma dicção simbolista e barroca, num poema como “Invenção para mandolina”: “iridescendo / brilhante / olhos / e dentes / como estrelas do mar / / e / essa trêmula mão / alvíssima / alvíssima / (musselina) / alvíssaras / / mas: jorro insólito / de pérolas / / - irrupção / do branco / / (antiga canção / de mandolina)”. Essa dicção ficou mais evidente em *A sombra do leopardo* (São Paulo: Azougue Editorial, 2001) e em *Figuras metálicas* (São Paulo: Perspectiva, 2005), reunião de sua obra entre 1983 e 2003, ou seja, dos livros antes citados com *Pequenas aniquilações*. Também escreveu a prosa experimental *Romanceiro de Dona Virgo* (Rio de Janeiro: Lamparina, 2004), em que, num exercício de metalinguagem, um dos mais originais da prosa brasileira nos últimos anos, contempla diversos períodos da poesia, colocando escritores como Camões, Cruz e Sousa etc. como personagens. Traduziu, também, muitos poetas do assim chamado neobarroco, como Víctor Sosa, Coral Bracho e José Kozier, principalmente na antologia *Jardim de camaleões: a poesia*

neobarroca na América Latina (São Paulo: Iluminuras, 2004).

Sua poesia se destaca por imagens e analogias rápidas, concentrando-as num verso ao mesmo tempo prosaico e musical, como se percebe em “Branco”: “Para dizer as cores do branco. / / Mudez de mangusto / ou árvore, / / talhado silêncio / ao ignorado / / diga cetáceo cetáceo / / menos animal / que maquinário, / / esboço de desenho de lagarto”. Pode-se afirmar que ela faz uma espécie de metacrítica a um cotidiano, procurando às vezes o recurso da hipérbole e revelando uma certa violência e negatividade extremas do mundo contemporâneo. Também revela uma interseção com a cultura pop, além de um viés místico, religioso, como em “Osaka” (“os sinos / acordam / os peixes. / / o incenso / engasga / o buddha. / / as flores / no altar / sonham / / o nirvana”) e em “Austrália” (“Viagem ao branco / da pedra. Ver / - pelo avesso / da pupila - / uma face / no sulco / da terra, / *um deus também / é o vento*”) - citando, aqui, em *itálico*, um trecho de poema de Paulo Leminski.

O poema inédito que segue, com um vocabulário que remete ao barroco, mas com um verso curto, concentrado, remetendo a um confronto dantesco com o absoluto, foi enviado especialmente à *IHU On-Line* e faz parte de um novo livro de poemas que Claudio Daniel prepara, intitulado *Fera bifronte*.

Escrito em osso

(...)

sou espectro de mim.

*

no extravio das hipóteses,
expansão de territórios
fermentando fêmures

(ruínas de um vocabulário;
escura caligrafia
rasurando crânios).

desfoliante na curva do vento,
onde o leão do labirinto
recifra-se em ecos.

(...)

sou alimária de mim.

*

a mente como um focinho
escavando raízes
no aterro da memória

(palavras são despojos,
o sentido fraturado de tudo:
cegueira inventando cores).

precárias percepções
do caos ensimesmado:
nenhuma música aqui.

(...)

sou descosturado de mim.

*

flagelar os chifres do céu,
catarata-capricórnio
esfumada em carbono

(destrinchar o mapa celeste
com cálculos e equações
até o nada absoluto.)

num ponto qualquer
do planeta, órgãos retirados
de corpos sem autópsia.

Memória

A paixão duradoura pelo Mistério: Xavier Léon-Dufour (1912-2007)

POR FAUSTINO TEIXEIRA

Faustino Teixeira, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (UFJF) escreveu o artigo que segue, sobre o jesuíta Xavier Léon-Dufour, falecido no último dia 13 de novembro. Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Ele é autor de vários livros sobre a teologia do diálogo inter-religioso e um dos grandes parceiros do IHU. Entre suas obras citamos os livros, por ele organizados, Nas teias da delicadeza (São Paulo: Paulinas, 2006) e As religiões no Brasil: continuidades e rupturas (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes. Pierre Sanchis fez uma resenha deste livro que foi publicada na revista IHU On-Line, número 195, de 11-09-2006. Confira, também, uma entrevista com Faustino na edição 209 da IHU On-Line, com o tema “Por que ainda ser cristão?”; uma resenha feita por ele sobre o filme O grande silêncio, publicada na edição de número 212 da revista IHU On-Line, de 19-03-2007; uma entrevista sobre a Teologia da Libertação, publicada na edição número 214 da IHU On-Line de 02-04-2007; e outra entrevista sobre o livro O canto da unidade. Em torno da poética do Rûmî, que acaba de lançar, em parceria com o poeta Marco Lucchesi, pela Editora Fissus, publicada na edição número 242 da IHU On-Line de 05-11-2007.

Nesses tempos de “inverno eclesial”, algumas perdas se fazem sentir de forma muito dolorosa. Ficamos um pouco mais órfãos depois de 13 de novembro, quando partiu um dos mais brilhantes exegetas da tradição cristã, o jesuíta Xavier Léon-Dufour. Esse notável pensador nasceu em Paris no ano de 1912. Ordenou-se sacerdote no ano de 1943, tendo decidido seguir os estudos na área de exegese do Novo Testamento. Foi responsável pela cadeira de exegese durante muitos anos na Faculdade Teológica de Lyon-Fourvière (1957-1974), e depois no Centre Sèvres de Paris. São clássicas as suas produções na área exegetica, com destaque para o Vocabulário de Teologia Bíblica (1962)⁷³ e o monumental comentário sobre o evangelho de João (1988-1996), em quatro volumes. Pode-se ainda destacar suas publicações envolvendo os temas da ressurreição (1971) e a eucaristia (1977). Nessa minha breve reflexão, vou me servir de dois livros recentes que traduzem o rico itinerário acadêmico de Léon-Dufour: *Un bibliste cherche Dieu* (2003)⁷⁴ e *Dieu se laisse chercher. Dialogue d'un bibliste avec Jean-Maurice de Montremy* (1995)⁷⁵. Ele mesmo se define num de seus livros como um buscador do mistério: “no ponto de partida, Deus. No ponto de chegada, Deus”. A seu ver, a melhor maneira de definir o mistério de Deus foi apontada por um padre da Igreja: Deus Pai como o “olho da fonte”. Trata-se de um mistério que se expande gratuitamente no rio do mundo. Da fonte invisível jorra sem cessar a água da generosidade divina. Deus é, assim, movimento incessante e dilatação infinita. É o Logos que “ilumina todo ser humano” (Jo 1,9) desde o início da criação e ao

longo da história da revelação. Léon-Dufour argumenta que essa imagem do “olho da fonte” expressa de forma bem mais feliz a idéia de Deus do que a veiculada pela tradição cristã, ao simbolizar Deus como o olho inserido no centro de um triângulo. Para essa abertura teológica, foi de grande importância uma longa viagem feita por Léon-Dufour na Ásia em 1968. Ele mesmo reconhece que foi a ocasião propícia para novas interrogações que transformaram sensivelmente sua compreensão cristã. Firma-se a partir dali uma mirada teológica livre e ousada, bem como uma tomada de consciência das limitações greco-latinas que obstruem a afirmação de uma linguagem cristã mais arejada. A passagem pelo Oriente possibilita uma reavaliação das formulações tradicionais sobre a Trindade, de forma a favorecer um melhor diálogo com outras tradições religiosas: “Se digo que as ‘pessoas’ (da trindade) são antes de tudo manifestações de uma única e mesma realidade na ordem da nossa experiência, não suprimo o mistério, mas torno possível uma discussão com aqueles que invocam, adequadamente, a unicidade de Deus”. A seu ver, as formulações dogmáticas captam apenas rincões limitados de uma paisagem que é bem mais ampla. Há que alargar as janelas e mudar as angulações para garantir a vitalidade da visada. Na busca de superação de uma linguagem que pode pecar pela arrogância, Léon-Dufour encontra na “universalidade do evangelho do amor” um caminho alternativo. Para ele, é o amor que está no centro da mensagem de Jesus: “do mesmo amor com que o Pai me amou, eu também vos ameie” (Jo 15,9). Nesta admirável tradução feita por Léon-Dufour, visa-se acentuar a “novidade” da natureza do amor que Jesus recebe do Pai e que vai vincular os discípulos entre si. Na dinâmica do mistério da trindade, Jesus vive uma relação única com Deus, sem, porém, apagar a irrevogável alteridade do Pai. Jesus é aquele que se preenche com a água da fonte, sendo o Espírito o rio que a difunde

⁷³ *Vocabulário de Teologia Bíblica*. (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984).

(Nota da IHU On-Line)

⁷⁴ *Un bibliste cherche Dieu*. (Paris: Éd. du Seuil, 2003). (Nota da IHU On-Line)

⁷⁵ *Dieu se laisse chercher. Dialogue d'un bibliste avec Jean-Maurice de Montremy*. (Editeur: Plon Parution, 1995). (Nota da IHU On-Line)

universalmente. Em seus estudos sobre o evangelho de João, Léon-Dufour busca garantir a alteridade do Pai. Não há ali nenhum sinal de cristolatria ou culto a Jesus. A seu ver, “Jesus nada é senão em relação ao Pai”, uma relação que é incessante e que revela o núcleo (coração) de um mandamento novo: “amai-vos uns aos outros”. As pistas exegéticas de Léon-Dufour serviram de base para singulares reflexões de teólogos que vêm trabalhando o tema do pluralismo religioso, como Jacques Dupuis. Vale lembrar, em particular, a questão da ação contínua do

Logos na história, que instaura uma aliança vital e substantiva entre Deus e todos os seres humanos. A morte desse grande exegeta deixa-nos mais tristes, mas também mais conscientes da importância de levar adiante sua reflexão e a fazer ecoar o amor por todos os cantos. Como ele bem salientou, seremos todos julgados não pelas formulações das doutrinas que aderimos em nossa tradição, mas pelo “amor vivido”.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 19-11-2007 A 24-11-2007

Internacionalização da Amazônia: um problema iminente

Humberto Lourenção, professor na Academia da FAB
Confira nas *Notícias do Dia* 19-11-2007

O professor Humberto Lourenção realizou uma pesquisa exploratória documental sobre a ditadura militar, na qual apresenta um panorama do pensamento militar brasileiro sobre a Amazônia.

"O que seria do Paraguai sem Itaipu?"

Jorge Samek, Diretor-Geral Brasileiro da Itaipu Binacional

Confira nas *Notícias do Dia* 20-11-2007

O diretor-geral brasileiro da Itaipu Binacional Jorge Samek contesta a tese dos possíveis prejuízos ambientais provocados pela hidrelétrica, e afirma que hoje a presença de Itaipu e sua atuação na região contribuem para a preservação da riqueza da biodiversidade.

Eucalipto no Rio Grande do Sul: as ONGs, o Governo e a fiscalização.

Vicente Medaglia, conselheiro do Consema
Confira nas *Notícias do Dia* 21-11-2007

Vicente Medaglia, do Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais (Ingá), fala sobre o avanço das empresas de celulose no Rio Grande do Sul, sobre o deserto verde, e sobre a relação da Fepam, do Consema e do Governo em relação às ONGs que trabalham em prol do meio ambiente do RS.

O pensamento sociológico brasileiro

Bernardo Ricupero, sociólogo
Confira nas *Notícias do Dia* 22-11-2007

O sociólogo e professor na USP Bernardo Ricupero reflete sobre os meandros da formação do pensamento social e político brasileiro, organizando as idéias centrais dos principais pensadores da nossa sociedade. Para ele, o Brasil continua a ser um enigma, o que provavelmente faz com que ainda sintamos a necessidade de voltar aos

autores que enfrentaram essa questão.

Era Lula e Era Vargas: algo a ver?

René Gertz, professor

Confira nas *Notícias do Dia* 23-11-2007

O professor na UFRGS e na PUCRS René Gertz fala sobre períodos como a da Era Vargas e sua importância para a política atual. Para ele, a Era Lula apresenta similitudes e diferenças em relação à Era Vargas.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS *NOTÍCIAS DO DIA* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Os desafios da democracia na América Latina

Dejalma Cremonese, cientista político

Confira nas *Notícias do Dia* 19-11-2007

Na opinião de Dejalma Cremonese, cientista político e professor da Unijuí-RS, em artigo enviado à *IHU On-Line*, além da participação dos setores organizados da sociedade civil e do olhar crítico e imparcial da mídia, é preciso outras formas de controle e “responsabilização” dos atos administrativos das pessoas que ocupam cargos públicos.

dicotomia peronismo-antiperonismo, sua relação com as referências ao clientelismo e ao republicanismo.

Pequenas diferenças entre Brasil e Argentina

Eduardo Aliverti, jornalista

Confira nas *Notícias do Dia* 20-11-2007

A descoberta da jazida de petróleo do poço de Tupi, na bacia de Santos, serve de pretexto para o jornalista Eduardo Aliverti traçar um paralelo entre Brasil e Argentina, mas também para jogar luzes sobre o conflito entre a Argentina e seu outro vizinho, o Uruguai, por conta da papelaria de Botnia. Ele faz isso em artigo publicado no jornal *Página/12*, 12-11-2007.

A Transição para um Sistema Energético Sustentável

José Goldemberg, professor

Confira nas *Notícias do Dia* 19-11-2007

O professor da USP José Goldemberg, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 19-11-2007, constata que o progresso técnico que alcançamos no século XX não é sustentável a médio prazo e o problema precisa ser resolvido nas próximas décadas, ou seja, pela atual geração, para evitar uma crise sem precedentes na História moderna.

Brasil lidera a corrida armamentista na América Latina

Jânio de Freitas, jornalista

Confira nas *Notícias do Dia* 20-11-2007

O jornalista Jânio de Freitas, no artigo intitulado “Às armas”, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, 20-11-2007, escreve que a campanha de um grupo de armamentistas no Brasil utiliza Hugo Chávez como um pretexto fácil, que dispensa esforços para mobilizar os meios de comunicação brasileiros, mas o país que há duas para três décadas, pelo menos, lidera o armamentismo na América Latina é o próprio Brasil.

Argentina. O retorno de um discurso ‘ferozmente antipopular’

Eduardo Rinesi, filósofo e cientista político

Confira nas *Notícias do Dia* 20-11-2007

A partir das leituras dominantes sobre os resultados das eleições argentinas, o filósofo e cientista político Eduardo Rinesi, em entrevista publicada no jornal *Página/12*, 12-11-2007, analisa o ressurgimento da

Mais Estado e menos mercado

Dejalma Cremonese, cientista político

Confira nas *Notícias do Dia* 20-11-2007

O cientista político Dejalma Cremonese, professor da Unijuí-RS, em artigo enviado à *IHU On-Line*, afirma que se, nos anos 1990, presenciávamos a uma onda que pregava o afastamento do Estado das funções e do gerenciamento dos serviços públicos, agora pede-se que o Estado volte e cumpra sua função social.

“Há quem negue a questão racial”

Joel Rufino dos Santos, historiador

Confira nas *Notícias do Dia* 20-11-2007

Na avaliação de Joel Rufino dos Santos, historiador, escritor e professor de Letras da UFRJ, em entrevista publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, 20-11-2007, se, por um lado, o Brasil avançou no tratamento da questão racial com a implementação de políticas públicas, por outro o País vive um recuo no debate intelectual que cerca o tema.

A esquerda em debandada

José Vidal-Beneyto, filósofo e sociólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 21-11-2007

Em artigo para o jornal *El País*, 17-11-2007, Vidal-Beneyto debate a inflexão da esquerda e de alguns de seus autores ao assumirem os valores da modernidade e pós-modernidade. O texto soma-se a uma série de artigos do filósofo e sociólogo espanhol, publicados nas *Notícias do Dia*, em que discute a ‘direitização’ da Europa.

O cardeal e a fé: a tentação do ateísmo

Carlo Maria Martini, cardeal jesuíta

Confira nas *Notícias do Dia* 21-11-2007

O arcebispo emérito de Milão Carlo Maria Martini, cardeal jesuíta, em artigo publicado no jornal *Corriere della Sera*, 16-11-2007, afirma que há uma voz em cada um de nós que nos impele a duvidar de Deus.

O lobby de católicos na Conferência Nacional de Saúde

Luiz Alberto Gómez de Souza, sociólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 21-11-2007

Comentando a pressão de setores católicos pela rejeição de uma moção sobre a interrupção voluntária da gravidez na 13ª Conferência Nacional de Saúde, Luiz Alberto Gómez de Souza, sociólogo e ex-funcionário das Nações Unidas, como leigo católico, manifesta a sua desconformidade destes setores da Igreja em artigo que enviou à *IHU On-Line*.

Ministério da Saúde culpa Igreja por derrota na CNS

Adson França, diretor do Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas do ministério da Saúde

Confira nas *Notícias do Dia* 21-11-2007

O diretor do Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas do ministério da Saúde Adson França afirma, em entrevista a *Terra Magazine*, 20-11-2007, que a Igreja demonstrou uma capacidade de articulação surpreendente e critica duramente a postura da Igreja em relação às políticas de planejamento familiar.

Kurusu Ambá. Meias verdades e mentiras inteiras

Egon Heck, coordenador do CIMI-MS

Confira nas *Notícias do Dia* 21-11-2007

O coordenador do CIMI-MS Egon Heck⁷⁶, em artigo enviado à *IHU On-Line*, escreve que a Anistia Internacional está realizando uma campanha pelo fim da violência contra os Kaiowá-Guarani de Nhandaru Marangatu. E afirma que cartas do mundo inteiro estão sendo enviadas às autoridades cobrando medidas imediatas. Para ele, esse exemplo servirá de estímulo à solidariedade à comunidade de Kurusu Ambá, novamente jogada à beira da estrada.

⁷⁶ Egon Heck nos concedeu a entrevista “O holocausto Guarani. “Está em curso um processo de genocídio desse povo” publicada na edição 244, de 19-11-2007, intitulada Antonio Vieira. *O imperador da língua portuguesa*. O material está disponível na nossa página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu)

A excitação do desenvolvimento e os povos indígenas**Jânio de Freitas, jornalista**Confira nas *Notícias do Dia* 22-11-2007

Segundo o jornalista Jânio de Freitas, em artigo publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 22-11-2007, a vastidão de miséria negra e branca que está por toda parte no Brasil, como destino de pelo menos um quarto da população, é o curso normal de uma história - a da "civilização brasileira" - da qual os indígenas não poderiam escapar.

Impostos no Brasil. Opção preferencial pelos pobres**Fábio Konder Comparato, professor**Confira nas *Notícias do Dia* 22-11-2007

Na opinião de Fábio Konder Comparato, professor titular aposentado da Faculdade de Direito da USP, em

artigo publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 22-11-2007, Comparato afirma que o Brasil fez nesse particular uma opção preferencial pelos pobres: 70% da massa de impostos e assimilados são indiretos, vale dizer, regressivos e transmissíveis ao consumidor final.

Japão: o emprego vitalício já não existe mais**Masahiro Yamada, sociólogo**Confira nas *Notícias do Dia* 23-11-2007

Na definição do sociólogo Masahiro Yamada, professor na Universidade Gakugei em Tóquio, o Japão tem uma nova classe social: os solteiros parasitas. Segundo o sociólogo, em entrevista para o **La Vanguardia**, 20-11-2007, muitos desses jovens não têm expectativas de futuro e ainda conseguem suportar a pressão econômica e social porque vivem na casa dos pais.

Frases da Semana

AO LONGO DA SEMANA, O SÍTIO DO IHU PUBLICA AS FRASES DO DIA. EIS AQUI UMA SÍNTESE DELAS

Migração

"A cada hora saem de Honduras nove pessoas para os EUA" - **Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga**, cardeal-arcebispo de Tegucigalpa, Honduras - **Periodista Digital**, 18-11-2007.

"Os EUA blindaram as suas fronteiras. Mais. Tratam o imigrante como se fosse um delinquente. Não se dão conta que o fenômeno da imigração é irrefreável" - **Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga**, cardeal-arcebispo de Tegucigalpa, Honduras - **Periodista Digital**, 18-11-2007.

Direito autoral

"Precisamos acabar com os direitos autorais. A lei tem de se adaptar" - **Robin Gross**, da ONG norte-americana

IP Justice, ao participara do Internet Governance Forum (IGF) - **O Estado de S. Paulo**, 19-11-2007.

Blog

"Médico pensa que é Deus - jornalista tem certeza. Nada como fazer um blog para descobrir que não é Deus" - **Ricardo Noblat**, jornalista - no seu blog, 21-11-2007.

Trapaça

"Trapaça da história: em 1994, com medo de uma vitória de Lula, (os tucanos) encolheram o mandato do presidente de cinco para quatro anos. Agora, com medo de um novo mandato, pensa-se que um dos remédios seria espichá-lo de quatro para cinco" - **Elio Gaspari** - **Folha de S. Paulo**, 21-11-2007.

PSDB - PT

“O PT passou oito anos chamando o governo FHC de corrupto. O PSDB devolveu comemorando no governo Lula os Waldomiros, mensaleiros, caseiros e aloprados. Era dois a um, depois inverteu o placar. Mas a entrada de Azeredo no mesmo campo da ética zera o jogo. Empatou. A torcida não sabe quem aplaudir, quem vaiar” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 23-11-2007.

“No indigente Fla-Flu que os dois grupos disputam, desta vez um não pode festejar a desgraça do outro, porque, se o ex-presidente do “um” foi atingido, o foi também um atual ministro do “outro” - **Clovis Rossi**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 24-11-2007.

“O Walfrido mandava mais no governo do Azeredo que o Zé Dirceu no do Lula” - um tucano mineiro sobre a relação entre os principais denunciados de ontem - *Folha de S. Paulo*, 23-11-2007.

“Fala pro Serra que com os senadores paulistas eu me entendo. Mas se ele ajudar a conseguir votos em outros Estados é bom” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, para um governador tucano, sobre as

negociações para aprovar a CPMF - *Folha de S. Paulo*, 24-11-2007.

Resfriado

“Eu dizia no passado que, quando a economia americana pegava uma gripe, nós pegávamos uma pneumonia - às vezes corríamos o risco de uma tuberculose. Na época, tinha como objetivo chegar ao momento em que a economia americana pegasse uma gripe forte e nós pegássemos um resfriado. Estamos próximo disso” - **Henrique Meirelles**, presidente do Banco Central - *Folha de S. Paulo*, 23-11-2007.

Camisinha

“30% das mulheres engravidam usando camisinha. Você entraria em um avião que tivesse 30% de chances de cair?” - **Antonio Augusto Dias Duarte**, bispo auxiliar do Rio de Janeiro - *Folha de S. Paulo*, 23-11-2007.



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda de eventos

Dia 29/11/2007

Jean Roche e a retomada dos estudos históricos sobre a imigração alemã

Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura

Prof. Dr. Martin Dreher - Unisinos

Horário: das 19h30min às 22h

Sala: 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Como entender a cultura alemã no Rio Grande do Sul?

ENTREVISTA COM MARTIN DREHER

Não há como estudar a colonização alemã no Rio Grande do Sul sem consultar a obra do francês Jean Roche, considera o professor Martin Dreher, da Unisinos. Em entrevista à IHU On-Line, por e-mail, ele conta que a produção bibliográfica de Roche “traz um amplo trabalho sobre a sociedade dos descendentes dos imigrantes alemães no contexto regional do Rio Grande do Sul”, até a década de 1960.

Os estudos da historiografia alemã serão abordados por Martin Dreher, na próxima quinta-feira, 29-11-2007. Ele estará presente no evento Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura. No encontro que está marcado para as 19h30min, ele apresentará a pesquisa de Jean Roche sobre a imigração alemã.

Dreher é graduado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia, e doutor em Teologia com Concentração em História da Igreja, pela Ludwig Maximilian Universität München. Atualmente, é docente da Unisinos.

Confira a entrevista:

IHU On-Line - Qual é a contribuição dos estudos de Jean Roche para a historiografia da imigração alemã? Como o senhor analisa a percepção de um francês sobre um estado brasileiro?

Martin Dreher - Até os tempos presentes, o trabalho de Roche¹, *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*², é

¹ Jean Roche (1917-2006): Foi professor e historiador francês. Veio para Porto Alegre em 1945, quando foi convidado pelo então reitor da PUCRS, Irmão José Ótão, para ministrar aulas de francês na universidade. Monsieur Roche, como era chamado, logo se tornou uma

a melhor obra sobre o processo de colonização alemã no Rio Grande do Sul. Ele a reconstitui desde a fundação de São Leopoldo, em 1824. Trata-se de um trabalho rico em termos de dados geográficos, históricos e sociológicos. Tem, contudo, um eixo analítico, centrado na

pessoa popular no meio cultural gaúcho e brasileiro na década de 50, e foi amigo íntimo de escritores como Erico Verissimo e Jorge Amado. (Nota da *IHU On-Line*)

² A obra de 806 páginas é do autor Jean Roche, e foi publicada em 1969, pela Editora Globo, de Porto Alegre. (Nota da *IHU On-Line*)

especificidade da colonização alemã e no desenvolvimento das colônias, designadas de agrícola, comercial e industrial. Na parte final, discute a questão da assimilação e do conflito étnico estabelecido nas duas guerras mundiais. Traz, assim, um amplo trabalho sobre a sociedade dos descendentes dos imigrantes alemães no contexto regional do Rio Grande do Sul, até 1962. Por todas essas razões, Roche é um clássico. Ele pode estar superado em alguns aspectos, por exemplo, na leitura do político, mas não se pode estudar a colonização alemã no Rio Grande do Sul sem consultá-lo. O fato de ter sido francês facilitou-lhe os estudos. Chegado a Porto Alegre, logo após o final da Segunda Guerra Mundial, pôde fazer estudos que só se tornariam possíveis a brasileiros, como eu, após 1970. Vivíamos, após 1945, ainda sob o forte impacto do discurso da Era Vargas, que igualava apego às tradições dos antepassados ao nazismo e ao “perigo alemão”. Lembro, ainda, que à época de Roche, também Claude Lévi-Strauss¹ fazia suas pesquisas no Brasil.

IHU On-Line - Em suas pesquisas, o senhor ressalta que, entre 1918 e 1938, os teuto-brasileiros viviam no Brasil, mas mantinham os costumes de sua terra natal. Como essa mistura de culturas influenciou na construção do País, e, sobretudo, do Estado?

¹ Claude Lévi-Strauss (1908): Antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na lingüística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

Martin Dreher - Não reservo essas minhas observações apenas ao período que você menciona. O ser humano vive de suas raízes e se torna um problema, perde sua identidade, quando essas raízes se perdem. De fato, todos nós vivemos do herdado e do novo que vamos assimilando quando nos vemos confrontados com nova cultura, novo meio. Foi o que aconteceu com os imigrantes alemães. Marcado por migrações - de indígenas, portugueses, cristãos-novos, africanos e, desde o século XIX, por alemães, italianos, suíços, franceses, poloneses, tchecos, japoneses, árabes - constituímos um país que, cada vez mais, foi sendo marcado por identidades hifenizadas, na observação de Jeffrey Lesser². O Rio Grande do Sul é, até aqui, o resultado do encontro de uma infinidade de culturas, que produziram um tipo humano próprio, uma língua peculiar, além de hábitos alimentares especiais e uma cultura mesclada por saberes.

IHU On-Line - Como as comunidades de descendentes alemães no estado, lidam, atualmente, com fatos que marcaram sua história, como por exemplo, as lembranças negativas da Segunda Guerra Mundial, e positivas como a cultura musical, festas e reuniões familiares?

Martin Dreher - Quando se abrem feridas, elas custam a cicatrizar. Por isso, muitos dizem: não vamos falar sobre isso! Dizemos: deixa disso! Somos favoráveis a anistias “amplas, gerais e irrestritas”, que sempre acabam por fazer esquecer torturadores, racistas, violentadores, negadores de cidadania. Parece-me que esta é também uma tendência entre nós. Quando evitamos discutir determinados temas, eles vão se apresentar novamente. Por isso, é tão importante que

² Jeffrey Lesser: Historiador norte-americano. Entre seus livros destacam-se: *A negociação da identidade nacional* (São Paulo: Editora Unesp, 2001) e *O Brasil e a questão judaica* (Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995). (Nota da **IHU On-Line**)

estejam sendo feitas novas pesquisas que estudam justamente aquelas questões que se tenta ocultar, esquecer, porque nos fizeram sofrer no passado. O bom é que há pesquisas recentes trabalhando a questão, evidenciando que o maior nazista brasileiro foi Gustavo Barroso¹, presidente da Academia Brasileira de Letras, e que um dos maiores anti-semitas brasileiros foi Oswaldo Aranha². As contas, no entanto, foram pagas, como sempre acontece, pelos pequenos, agricultores, operários. A história e o historiador ajudam-nos a não esquecer para que não repitamos determinadas questões. É uma questão importante essa lembrada por você. Descendentes de imigrantes gostam de música ancestral, festa e história familiar. Tais aspectos nos lembram que vivemos de continuidades.

¹ **Gustavo Barroso** (1888-1959): Foi advogado, professor, ensaísta, político e romancista brasileiro. Foi redator do Jornal do Ceará e do Jornal do Commercio, além de professor da Escola de Menores, da Polícia do Distrito Federal; secretário da Superintendência da Defesa da Borracha, no Rio de Janeiro; secretário do Interior e da Justiça do Ceará; deputado federal pelo Ceará; secretário da Delegação Brasileira à Conferência da Paz de Venezuela; inspetor escolar do Distrito Federal; diretor do Museu Histórico Nacional; secretário geral da Junta de Juriconsultos Americanos (1927); representou o Brasil em várias missões diplomáticas, entre as quais a Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações) e a Exposição Comemorativa dos Centenários de Portugal. Estreou na literatura, aos vinte e três anos, usando o pseudônimo de *João do Norte*, com o livro *Terra de sol*, ensaio sobre a natureza e os costumes do sertão cearense. Na Academia Brasileira de Letras ocupou os cargos de tesoureiro, primeiro e segundo secretário e secretário-geral, chegando à presidência em 1932, 1933, 1949 e 1950. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Oswaldo Euclides de Sousa Aranha** (1894-1960): Foi um político e diplomata brasileiro, nascido em Alegrete (RS). Amigo e aliado de Getúlio Vargas, foi o grande articulador da campanha pela Aliança Liberal nas eleições e o principal artífice na Revolução de 1930. Em vista da vitória do movimento, Oswaldo Aranha negocia com a Junta Militar, no Rio de Janeiro, a entrega do governo a Vargas. Posteriormente, foi nomeado ministro da Justiça e, em 1931, ministro da Fazenda. Neste cargo, promoveu o levantamento de empréstimos que os Estados e municípios haviam contraído no estrangeiro, no período anterior a 1930, tendo em vista a consolidação global da dívida externa brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Como se deu o debate político e econômico entre brasileiros e imigrantes alemães no decorrer dos tempos? Houve evoluções?**

Martin Dreher - Os imigrantes estiveram, desde o início, politicamente envolvidos. Participaram da Guerra Cisplatina³, da Farroupilha⁴, da Guerra do Paraguai⁵. Aprenderam que aqui se fazia política de forma diferente. Dividiram-se em Conservadores e Liberais. Depois, foram Republicanos ou Libertadores. Quando verificaram que proporcionavam a maior parcela dos impostos arrecadados pela Província, fizeram questão de participar do parlamento provincial. Após 1945, tiveram participação mais destacada, mas jamais deixaram de tomar parte nas decisões políticas e econômicas. Isso foi conquistado com muita discussão, pois as elites rio-grandenses estavam convictas de que imigrante não vêm para ter cidadania, mas para servir de braço para a lavoura. Em todos os tempos e épocas, espaços políticos precisam ser conquistados.

***IHU On-Line* - Qual é a importância da imprensa alemã, e em especial, do jornal *Deutsche Post*, na**

³ **Guerra da Cisplatina**: Foi um conflito ocorrido entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, no período de 1825 a 1828, pela posse da Província Cisplatina, a região da República Oriental do Uruguai. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Revolução Farroupilha**: Também conhecida como Guerra dos Farrapos. Conflito separatista ocorrido entre 1835 e 1845 na então Província do Rio Grande do Sul, alcançando a região de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. À época do período regencial brasileiro, o termo farrapo era pejorativamente imputado aos liberais pelos conservadores (chimangos) e com o tempo adquiriu uma significação elogiosa, sendo adotado com orgulho pelos revolucionários, de forma semelhante à que ocorreu com os sans-cullotes à época da Revolução Francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Guerra do Paraguai**: Estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870 e foi o maior e mais sangrento conflito armado internacional ocorrido no continente americano. O conflito teve início quando o governo de Dom Pedro II interferiu na política interna do Uruguai. A reação militar paraguaia disparou a Guerra. (Nota da *IHU On-Line*)

cobertura de fatos políticos, religiosos e sociais das colônias alemãs no País?

Martin Dreher - A imprensa de língua alemã no Rio Grande do Sul teve papel destacado. Não se pode estudar a história de nossa imprensa, sem levá-la em conta. Os jornais de língua alemã representavam diversos segmentos. Havia jornais confessionais, liberais, conservadores. Outros eram representantes de segmentos, como o jornal dos anarquistas, dos apicultores etc. Houve também o gênero dos almanaques, os *Kalender*, que tiveram uma penetração impressionante. O *Deutsche Post*¹ foi fundado por Wilhelm Rotermond² para ser o porta-voz da minoria luterana no Rio Grande do Sul. Como você sabe, os luteranos formavam 60% dos imigrantes alemães, mas eram minoria absoluta no contexto brasileiro, pois foram os primeiros acatólicos a se estabelecer no País. Assim, o *Deutsche Post* foi veículo importante na luta pelos direitos desse grupo minoritário. Mas não ficou só nisso. Discutia política, o que, no final, lhe foi fatal, pois seu parque gráfico foi destruído por integrantes da juventude do PRR³. Foi também defensor incansável da questão

¹ *Deutsche Post*: Foi um jornal de orientação luterana que circulou de 1880 a 1928. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Wilhelm Rotermond** (1843-1925): Foi um pastor luterano, professor e jornalista teuto-brasileiro. Veio para o Brasil em 1874 e se estabeleceu em São Leopoldo (RS), onde foi pároco de 1875 a 1917. Foi um defensor incansável da liberdade de religião e dos interesses da população evangélica de origem alemã do Rio Grande do Sul perante as autoridades e a sociedade em geral. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Partido Republicano Rio-grandense (PRR)**: Fundado em 1882, foi um partido político de motivação republicana no Estado do Rio Grande do Sul. Recebeu e acentuou a influência positivista, caracterizando-se pela valorização da ordem social, a preocupação com a segurança do

escolar. Suas páginas são testemunho eloqüente da vida e da pujança das colônias.

IHU On-Line - Quais são as principais lacunas a serem preenchidas nos estudos referentes à imigração alemã no Estado e no América Latina?

Martin Dreher - Muitos pensam que já se fez tudo o que havia para ser feito em termos de estudos sobre a imigração. Na realidade, quase nada foi feito. Recém começam a surgir os primeiros estudos relativos à área que vai de São Lourenço do Sul até Piratini. Toda a memória dessa região, que concentrou a maior quantidade de escolas comunitárias teutas no Rio Grande do Sul, ainda precisa ser recuperada. Quase não temos estudos sobre o campesinato, nem sobre a presença do imigrante nos centros urbanos, nem sobre a infância. Por sua vez, os estudos de gênero estão quase que ausentes, e os lingüísticos são incipientes. O cotidiano das populações é desconhecido. Temos no Rio Grande do Sul dialetos alemães que não são mais falados na Europa. Se lançarmos o olhar sobre a América Latina, a coisa fica mais complicada ainda. Se entre nós os estudos são poucos, no restante da América Latina a carência é maior ainda. Lanço apenas duas temáticas: imigrantes e populações indígenas; imigrantes e populações de origem africana.

Estado e do indivíduo para a obtenção do bem público e a consciência de serem portadores de uma missão social de “regenerar a sociedade”. (Nota da *IHU On-Line*)

Perfil Popular

Eloísa Márcia da Silva

Com a educação dos seus pais, Eloísa Márcia da Silva aprendeu a levar a vida com humildade, além de ser persistente. Aos 12 anos, quando foi reprovada na 4ª série primária, ela decidiu largou os estudos e foi trabalhar em uma fábrica de calçados. Depois disso, foi babá, diarista e empregada doméstica. Há um ano, ela trabalha como costureira na Cooperativa Habitacional Progresso, em São Leopoldo. Foi o contato da Unisinos com a Cooperativa que oportunizou a sua participação no curso de Extensão sobre Economia Solidária, promovido pela universidade. Confira, a seguir, a entrevista em que Eloísa se deixou levar pela emoção quando falou da perda do seu pai, ao relatar sua história de vida à revista IHU On-Line:



Origens - Eloísa Márcia da Silva nasceu em São Leopoldo. Ela conta que sua mãe trabalhava como doméstica. “Hoje, ela recebe a pensão do meu pai, que era vigilante”, comenta. O pai de Eloísa foi vítima de um câncer e faleceu quando ela estava com 17 anos. “Até hoje é muito difícil falar nisso”, conta Eloísa com a voz embargada. Ela está com 37 anos e é a filha do meio, tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova. “Nossa relação sempre foi boa. A gente nunca brigou, o que é difícil ver em outras famílias”, ressalta.

Valores - Orgulhosa, Eloísa conta que seus pais lhe deram uma educação muito boa. “Aprendi a ser humilde e ter caráter. A ser uma pessoa que luta e trabalha, e a não pegar o que não é meu. Acho que isso foi o mais importante que eles me ensinaram”, relata.

Infância - “A gente brincava muito no tempo de criança. Eram brincadeiras que, hoje em dia, tu não vê muito, como pular corda, pega-pega”, lembra Eloísa. Ela destaca que, atualmente, outras formas de

entretenimento deram lugar a essas brincadeiras. “Tu só vê video game, carrinho de controle; é outro tipo de brinquedo que, no nosso tempo, não existia. Então, a gente brincava correndo, jogando bola, jogando taco, brincando de roda, com bastantes crianças”, salienta.

Estudos - “Não gostava de estudar, tanto que parei na 4ª série primária”, conta Eloísa. O motivo foi a decepção por ser reprovada na escola. “Estudei até a metade do outro ano e não tive mais vontade de estudar”, relata. Com isso, aos 12 anos, ela começou a trabalhar em uma fábrica de calçados, em Novo Hamburgo. “Depois, trabalhei de babá, doméstica, diarista”, destaca.

Trabalho - Trocar a infância pelo trabalho não foi difícil para Eloísa. “Eu queria trabalhar. Queria ser adulta”, revela. Há um ano, ela fez um curso de corte e costura e trabalha com três costureiras em uma cooperativa. “São três cooperativas habitacionais: a Progresso, a Coohap e a Bom Fim. Eu moro na Bom Fim e trabalho na Progresso. São comunidades”, explica. E

completa: “A gente está começando agora a trabalhar com isso e é bem legal. Eu gosto”.

Família - Aos 16 anos, Eloísa se casou pela primeira vez. Um ano mais tarde, veio Daiane, hoje com 20 anos, sua primeira filha. “Quando eu fui mãe, perdi meu pai. Foi tudo muito rápido”, lembra. Como Eloísa já trabalhava fora, foi a sua mãe quem cuidou de Daiane. “Consegui ser um pouco mais mãe, quando nasceu a minha segunda filha, Eliandra, 10 anos, do segundo casamento”, explica. Eloísa está casada pela terceira vez, mas não tem filhos desta união. “Tenho quatro filhos, as minhas duas e os dele”, brinca.

Economia Solidária - “É a primeira vez que participo dos cursos. Conheci o projeto através do contato da Unisinos com as cooperativas”, explica Eloísa, sobre a sua participação no curso de Extensão sobre Economia Solidária, ministrado gratuitamente pelo Instituto Humanitas Unisinos. O interesse surgiu com a oportunidade de aliar o aprendizado do curso com ao seu trabalho de costureira. “A gente aprende muitas coisas nas oficinas, não só como a trabalhar, mas como a se relacionar melhor”, explica.

Educação - “Não tenho queixas da escola em que a minha filha estuda, a Edgar Coelho”, afirma Eloísa. Ela avalia que a qualidade do ensino é boa e explica: “Apesar de eu ter parado de estudar a muito tempo, o ensino evoluiu muito e está bem difícil. Eu não consigo ajudar a minha filha, que está na 3ª série do Ensino Fundamental, em nada!”. Embora esteja satisfeita com o nível do ensino, Eloísa comenta: “Em tudo, sempre tem alguma coisa que pode melhorar”. Ela reconhece que os estudos lhe fazem falta. “A cada dia que passa, a gente vai entendendo menos. Eu incentivo os meus filhos a

estudar, porque eu não quero que eles cometam o mesmo erro que eu cometi”, enfatiza.

Política - Para Eloísa, a política brasileira não tem jeito. “Entra ano e sai ano, a gente morre, vêm os nossos netos e bisnetos e não vai mudar nunca”, lamenta.

Lazer - Passear, assistir a filmes e dançar são as distrações de Eloísa. “Gosto de filmes de ação, comédia e romance. Tem um que eu não me canso de olhar que é *Uma linda mulher*”, conta. Visitar os amigos também está entre as suas preferências nos momentos de folga. “A gente gosta de ir para cascata, praia, rio e fazer pescaria”, comenta.

Sonho - “Quero me realizar profissionalmente”, ressalta Eloísa. Além de ver o trabalho dar certo, ela quer ser avó. “Vai ser uma alegria ver os netos crescidos.”

Momentos marcantes - A maternidade é uma grande realização das mulheres. E, com Eloísa, não foi diferente: “Minha maior felicidade foi o nascimento das minhas filhas”. E destaca a grande tristeza: “Foi a perda de meu pai”.

Religião - Eloísa é católica, mas não costuma ir à missa. Ela também conhece os princípios da umbanda, religião que a sua mãe segue. “Visito qualquer igreja. Sou livre para isso. Não sigo tudo, mas gosto de tudo um pouco”, afirma. Sobre a fé e a religiosidade, ela destaca: “A gente sempre tem que acreditar em alguma coisa. Acima de tudo, em Deus”.

Sala de Leitura

“Infinitas formas de grande Beleza, como a evolução forjou a grande quantidade de criaturas que habitam nosso planeta (Sean B. Carroll. Editora Jorge Zahar: 2005, 303p.) é o livro que li recentemente. Que relações existem entre o olho das moscas e o olho humano? Como uma única célula, no início da formação do embrião, se transforma nos trilhões de células que compõem os organismos quando nascem? E como cada uma destas trilhões de células sabe o que deve fazer e em que órgão se transformar? A embriologia moderna está se aproximando da resposta para estas inquietantes questões, que perseguia os naturalistas desde o século XVI. E não foram necessários só equipamentos mais modernos, mas sim um modo novo de pensar, unindo conhecimentos da biologia e da paleontologia, em uma nova especialidade, a biologia da evolução e do desenvolvimento - ou Evodevo, sigla como é conhecida. O livro de Sean Carroll tem como objetivo, numa linguagem acessível, explicar em que consiste esta nova visão da diversidade da vida e que processos governam a construção de um novo ser, durante seu desenvolvimento embrionário. Por que é importante? Por mostrar que estamos próximos das mais antigas formas de vida, ao termos um kit de ferramentas básicas, responsáveis por nossa formação, os chamados genes estruturais, ou genes Hox, uma “matéria escura” do genoma, segundo o autor. Um exemplo prático? São estes genes que decidem onde serão colocadas as listas pretas da zebra (ou se ela será meio branca, meio listada) e as pintas nas onças. E, também, se nasceremos com 5 ou 6 dedos, como a Daniela Ciccarelli (embora ela desminta este caráter; em se tratando dela, ninguém parece estar muito preocupado com este ínfimo detalhe). São, por isto, em grande parte responsáveis pelos novos *designs* da vida,

que a evolução se encarregará de dizer se serão aprovados ou não.”

Tânia Dutra é doutora em Paleobotânica, professora do PPGeologia da Unisinos (Centro 6), onde coordena o Núcleo de Inovação Tecnológica.

“Um dos livros que estou lendo no momento chamou-me a atenção pela originalidade, intitulado ***O poder do agora: um guia para a iluminação espiritual*** (Eckhart Tolle, Editora Sextante: 2002, 222 p.), trata de um tema atual que envolve o poder e o ego através de uma perspectiva espiritual: a importância do agora, ou seja, de se estar plenamente presente em cada momento vivido. O autor faz uma análise do quanto as pessoas, na sua grande maioria, ausentam-se compulsivamente, enquanto consciências do fazer humano. Geralmente projetam-se para o futuro, numa volúpia constante sobre seus sonhos e anseios ou relembram o passado teimosamente, como para justificar todos os atos, pensamentos e sentimentos. Com isto, há a ausência do tempo presente que é o verdadeiro, pois é o real. É certamente uma travessia desafiadora, traduzida pelo entendimento de conceitos complexos no formato de perguntas e respostas, numa linguagem clara e objetiva, propondo uma mudança na condução de nossas vidas.”

Maria Aparecida Marques da Rocha é professora mestre do Curso de Serviço Social e Coordenadora do Serviço de Atenção ao Acadêmico - DASF - da Unisinos.

IHU REPÓRTER

Márcia Miranda

Aos 10 anos de idade, Márcia Miranda ingressou no Movimento Bandeirante, um grupo feminino de escoteiros. E não era muito entusiasmada com os estudos. Sob a ameaça de sua mãe, de estudar ou deixar o Movimento, ela passou a se interessar pela rotina de estudante. Tanto que durante dois anos cursou duas faculdades: História e Economia. Desde 1991, Márcia integra o corpo docente da Unisinos, no curso de Ciências Econômicas. Para ela, a marca da Unisinos é o trabalho coletivo. Conheça um pouco mais da professora, através desta entrevista, concedida à revista IHU On-Line:

Origens e família - Minha família é de Porto Alegre, minha cidade natal. Minha avó materna era norte-americana, e o meu avô materno era alemão. Meu avô paterno era porto-alegrense, e a minha avó era de Guaíba, o que hoje é Eldorado do Sul. Um lado da família é muito antigo no Rio Grande do Sul e o outro lado chegou ao Estado pela década de 30. Estou com 42 anos e sou a filha do meio. Tenho uma irmã, de 43, e um irmão de 37. Nós sempre nos entendemos bem. Havia mais atrito com o meu irmão, porque a diferença de idade era maior. Mas, à medida que a gente foi envelhecendo, as diferenças relacionadas à idade foram diminuindo. Sou solteira, não tenho filhos, mas tenho uma relação muito próxima com os meus sobrinhos. Ajudei a cuidar deles, quando eram pequenos.

Infância - Tive uma infância muito boa. Tinha aquela coisa de brincar muito na rua, de conhecer as pessoas da rua onde eu morava, uma coisa que hoje, em Porto Alegre, não existe mais. Era uma rua razoavelmente tranqüila no bairro Petrópolis. Então, a gente brincava muito na rua, andava de bicicleta, patins. Minha avó materna morava muito perto, e nós jantávamos todos os dias na casa dela. Sempre gostei de ler, acho que por

incentivo e exemplo de meus pais. Quando era pequena, eu lia enciclopédias, gostava especialmente de biografias e romances. Lembro que adorava quando minha mãe nos levava à loja das Edições de Ouro, localizada na Avenida Ipiranga, para comprar livros.

Estudos - Eu não gostava de estudar. Logo que eu entrei no colégio, no 2º ano do 1º Grau, a psicopedagoga verificou que eu tinha deficiência motora. Apesar de haver iniciado tratamento, ela sugeriu à minha mãe que eu repetisse a 2ª série primária. Continuei os estudos sem grandes dificuldades, mas meu desempenho não era dos melhores, o que inspirava certa preocupação dos meus pais. Mas, quando eu tinha 10 anos de idade, estava na 5ª série, entrei no Movimento Bandeirante, como se denominava o movimento escoteiro feminino, no Brasil. E, para ingressar no Movimento, era preciso fazer uma série de provas, para as quais eu estudei muito. E a minha mãe chegou à conclusão de que eu não estudava porque eu não queria, e me fez uma ameaça: ou eu começava a estudar ou eu ia sair do Movimento Bandeirante. A partir daí, eu me tornei uma boa aluna, passei a estudar e a gostar do resultado.

Graduação - A escolha foi difícil. Desde que eu estava no 1º Grau, eu queria estudar História, o que não era muito bem visto pela minha família, uma vez que limitava as minhas possibilidades de atuação no mercado. Mas eu tinha certeza de que eu queria cursar História. Então, quando eu estava no 2º ano do 2º Grau, fiz vestibular para a UFRGS e passei. E, quando eu fui fazer o vestibular de verdade, a minha mãe sugeriu que eu fizesse para outra área também. Fiz para História na UFRGS e Economia na PUC, passei nas duas universidades e, durante dois anos, estudei também em ambas. Mas não estava muito satisfeita com o curso de Economia. O currículo que vigorou até 1984 tinha um básico de dois anos de disciplinas comuns aos programas de Administração, Economia e Contábeis. Era um curso fraco, superficial e eu estava extremamente descontente. Então, quando voltei de uma excursão da disciplina de arqueologia nas Missões, do curso de História, eu cheguei em casa e falei para a família que eu estava largando o curso de Economia, porque eu estava odiando. Só que dois anos depois, às vésperas da minha formatura, eu resolvi fazer vestibular para a UFRGS e entrei no currículo novo do curso de Economia. Concluí o curso de Economia já trabalhando como professora, dando aulas de História, na rede estadual.

Trabalho - Fiz alguns estágios na área de Economia, mas meu primeiro emprego foi como escriturária, aos 26 anos, no último ano da faculdade de Economia, na Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul. A idéia era de que, quando eu me formasse, eu fosse efetivada como técnico. Só que, nesse meio tempo, eu passei no concurso do magistério estadual, e cheguei à conclusão de que eu queria ser professora. A experiência no magistério não foi muito boa. Fui dar aula na Escola Estadual Augusto Severo, em Canoas, mas não estava preparada para lidar com a realidade social da escola, dos alunos e com o dia-a-dia da escola pública. Com isso,

cheguei à conclusão de que eu não queria ser professora de 1º Grau para o resto da vida. Lecionei na rede pública pouco mais de um período letivo. No mesmo ano em que fui nomeada, fiz o concurso para o cargo de historiógrafo do quadro técnico científico do Estado do Rio Grande do Sul e fui nomeada para trabalhar no Arquivo Histórico, onde fiquei durante sete anos. Depois, trabalhei no Museu Júlio de Castilhos, e, neste ano, passei a trabalhar no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Mas eu sempre quis voltar a dar aulas. E a idéia de continuar estudando, fazer mestrado, construir uma carreira acadêmica, me atraía muito. Só voltei para a docência, quando entrei para a Unisinos, em 1991M.

Unisinos - Quando eu estava concluindo o mestrado, foi colocado um anúncio no jornal para o processo seletivo para professor da disciplina de Economia Brasileira, e eu enviei um currículo me candidatando. Havia vários candidatos, a maioria com experiência docente. A seleção envolvia entrevista e prova didática e até me admirei quando fui selecionada. Como eu sempre estudei em universidade pública, eu não conhecia a Unisinos. E fiquei admirada com a estrutura e com a organização da universidade. Gostei muito de ter vindo trabalhar aqui, de lecionar no curso de Economia. Na Unisinos, a gente tem um coleguismo e um objetivo comum que é muito diferente dos outros lugares. Quando reformulamos o currículo da Economia, nós tínhamos por objetivo tornar o curso uma referência. E isso aconteceu. Nos dois últimos provões, tiramos conceito A. O que há de mais marcante aqui é o trabalho coletivo, o que não é comum em outras universidades.

Mestrado - Fiz mestrado em Economia na UFRGS, sobre a História Tributária no Rio Grande do Sul. Quando fui fazer doutorado, eu já estava lecionando na Unisinos. Fui para Campinas (SP) estudar no Instituto de Economia da Unicamp, na área de concentração de História

Econômica. Nos primeiros tempos, foi difícil, porque sempre morei em Porto Alegre e só tinha estudado na UFRGS, em termos de educação superior. Então, estranhei o clima, o lugar, as pessoas, a forma de elas falarem. Tive a oportunidade de fazer um concurso e de lecionar no curso de Economia da Unicamp, o que foi uma experiência importante, já que a realidade da uma universidade pública do centro do País é muito distinta. Fiquei dois anos em Campinas, e lecionei durante um ano e meio. A experiência de estudar fora foi importante, especialmente para mim, que havia feito toda minha formação na mesma universidade. Por outro lado, integrar grupos de pesquisa com indivíduos de várias procedências e as novas relações que se pude estabelecer ampliaram minhas perspectivas e enriqueceram meu trabalho.

Educação dentro e fora do Estado - São duas realidades diferentes. Tenho certo receio pelo futuro da educação superior, com as mudanças muito rápidas que estão acontecendo. Não acho que a universalização do ensino superior seja negativa, mas está sendo feita com uma rapidez exagerada, sem muita reflexão. Em São Paulo, ao entrar em contato com a Unicamp e a Usp, pude perceber a importância do investimento estatal em educação, principalmente aquele relativo ao financiamento. E aqui o investimento na educação e pesquisa é pequeno, o que cria uma série de dificuldades para a participação em congressos, organização de eventos e limita o acesso a bolsas de mestrado e doutorado. Em São Paulo, principalmente através FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), há uma grande quantidade de recursos destinados à pesquisa, a bolsas, à publicação, o que faz diferença no resultado. Por isso, a maior parte dos Centros de referência estão em São Paulo e não no Rio Grande do Sul, apesar de termos potencial para isso.

Lazer - Quando posso, gosto de viajar. No verão, estive em Iguape, um dos primeiros pontos de colonização portuguesa em São Paulo. Existem lugares muito lindos no Brasil, que a gente não conhece. Também gosto muito de ler romance. É difícil dizer o autor de que eu gosto mais. Um livro do qual gostei muito foi *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. Gosto muito de ler romances históricos, se bem que o modismo atual não tem produzido obras que eu considere de qualidade. Gosto de assistir a filmes de ficção e romance, mas tenho pouco tempo para ir ao cinema.

Política brasileira - É preocupante. Não sei se porque eu vivi o período em que existia uma perspectiva de que tudo mudaria para melhor, não só com as Eleições Diretas, mas com a Constituinte. E, agora, parece que só o voto e as garantias dos direitos dos cidadãos não são suficientes. Na verdade, é preciso mudar a política, o Congresso e a Presidência. Tudo o que tem acontecido é extremamente preocupante, mas, mesmo assim, eu não me dou ao direito de não votar ou de simplesmente anular o meu voto, mesmo que as alternativas não me pareçam das melhores. Precisamos exercer o direito, mas tem que haver um pouco mais de reflexão para mudar alguma coisa.

Instituto Humanitas Unisinos - Como trabalho com as disciplinas História do Pensamento Econômico e Formação Econômica do Brasil, sou privilegiada pela programação do Humanitas, especialmente pelos ciclos “Repensando os Clássicos da Economia”, “Fundamentos Antropológicos da Economia” e “Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens”. Sempre que possível, procuro participar trazendo os meus alunos. Acho extremamente importante essa perspectiva de promover ciclos de reflexão de temas específicos, os quais não fazem parte dos programas das disciplinas dos cursos e

que, sem dúvida, contribuem para a formação do aluno.

O Humanitas tem criado oportunidades de trazer interpretações alternativas e estabelecer reflexões específicas sobre temas atuais de grande importância.

